

LISANEA WEBER MACHADO

**O ROMANCE EPISTOLAR DE INA VON BINZER:
UM DOCUMENTO DE INTERCULTURALIDADE BRASILEIRO-ALEMÃ**

Porto Alegre

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LISANEA WEBER MACHADO

**O ROMANCE EPISTOLAR DE INA VON BINZER:
UM DOCUMENTO DE INTERCULTURALIDADE BRASILEIRO-ALEMÃ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas Estrangeiras Modernas, com ênfase em Literaturas de Língua Alemã, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Christoph Schamm

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

BIBLIOTECÁRIO RESPONSÁVEL: Tatiane Soares Jesus CRB-10/1871

M180R

Machado, Lisanea Weber

O romance epistolar de Ina Von Binzer: um documento de interculturalidade brasileiro-alemã Lisanea Weber Machado. – Porto Alegre, 2010.

117 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Literaturas Estrangeiras Modernas, com ênfase em Literatura de Língua Alemã). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, BR-RS, 2010. Orientador: Prof. Dr. Christoph Schamm.

1. Literatura: romance epistolar. 2. Interculturalidade. 3. Ina Von Binzer 4. História da Educação: Brasil. I. Título.

CDD 869.6

AGRADECIMENTOS

Aos professores Dr. Michael Korfmann e Dr. Christoph Schamm, pela oportunidade de ingresso no Programa de Pós-Graduação desta Universidade. Agradeço a eles também pelas enriquecedoras e motivadoras aulas e pelos desafios;

Aos demais professores com quem tive o prazer de aprender nas aulas do PPGLT, especialmente Dra. Rita Terezinha Schmidt e Dra. Sandra Sirangelo Maggio;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Christoph Schamm, pelo interesse na escolha do tema do meu trabalho. Muito obrigada pelos ensinamentos, pela paciência e estímulo;

À Prof. Dra. Karen Macknow Lisboa, da Universidade Federal de São Paulo, e ao Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, da Universidade de São Paulo, pelos envios de artigos e pelos incentivos;

À bibliotecária responsável da PUC-Campinas, Maria Makiko M. Gallo, pelo envio de artigos e periódicos;

Às bibliotecárias Vilma Franzoni e Lauren Cássia Fortunato de Jesus, da Universidade de Sorocaba, pelos artigos e periódicos remetidos;

Ao meu amigo e colega Marcelo Juchem, pelas inúmeras ajudas nas minhas horas de desespero;

À diretora do Senac Novo Hamburgo, Vera Karina, por ter me concedido horários flexíveis para meus estudos;

Ao meu marido André e à minha mãe, pelo apoio e paciência ao longo deste trajeto;

Finalmente, ao Grande Amor da minha vida, minha filha, por ter colaborado com a mamãe.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.

[...] Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.

GILBERTO FREYRE (CASA GRANDE E SENZALA)

RESUMO

A educadora alemã Ina von Binzer emigrou para Brasil e aqui permaneceu entre os anos 1881 e 1884. Usando o pseudônimo de Ulla von Eck, ela escreve cartas que mais tarde são publicadas sob o título *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. O livro relata as experiências que Ina viveu enquanto preceptora nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Seus depoimentos servem como instrumento didático, possibilitando a compreensão da história da Educação em nosso país, além de trazer à luz reflexões sobre o nosso ensino atual. Embora os relatos da professora não sejam tão específicos e objetivos como os de um viajante, eles nos proporcionam nuançar registros de condições sociais, econômicas e políticas no Brasil do final do século XIX, isto é, no período da Proclamação da República e da Abolição da Escravatura. Em relação à iminente Abolição de 1888, Ina reconhece aspectos não só positivos, mas também negativos. A educadora alemã relata também com bastante precisão o ambiente doméstico das famílias brasileiras e a sociedade como um todo. Tais depoimentos permitem-nos uma investigação do funcionamento das transferências culturais, isto é, a construção de identidades e alteridades entre as culturas alemã e brasileira.

Palavras-chave: Ina von Binzer. Romance Epistolar. Educação. Identidades. Alteridades.

ZUSAMMENFASSUNG

Die deutsche Erzieherin Ina von Binzer reiste nach Brasilien und hielt sich von 1881 bis 1884 hier auf. Unter dem Pseudonym Ulla von Eck schrieb sie Briefe, die später unter dem Titel *Leid und Freud einer deutschen Erzieherin in Brasilien* veröffentlicht wurden. Das Buch berichtet von den Erfahrungen Inas in diesem Land, während sie als Hauslehrerin in den Provinzen von São Paulo und Rio de Janeiro arbeitete. Ihr Zeugnis kann als didaktisches Hilfsmittel dienen, indem es uns dabei hilft, die Geschichte der Erziehung in unserem Land zu verstehen. Überdies regt es Reflexionen über unseren heutigen Schulunterricht an. Obwohl ihren Berichten die Details und die Objektivität der Erzählungen männlicher Reisender fehlen, ermöglichen sie uns Einblicke in die soziale, wirtschaftliche und politische Wirklichkeit im Brasilien des späten 19. Jahrhunderts, d.h. in die Epoche der Proklamation der Republik und der Abschaffung der Sklaverei. Nur wenige Jahre vor der endgültigen Abschaffung im Jahre 1888 erkennt Ina von Binzer positive, aber auch negative Aspekte der Beendigung der Sklavenwirtschaft. Die deutsche Erzieherin schildert mit großer Genauigkeit das häusliche Umfeld der brasilianischen Familien und die Gesellschaft des Landes im weiteren Sinne. Dies erlaubt uns die Untersuchung der kulturellen Grenzüberschreitungen, d.h. die Konstruktion von Identitäten und Alteritäten bezüglich der deutschen und der brasilianischen Kultur.

Stichwörter: Ina von Binzer. Briefroman. Erziehung. Identitäten. Alteritäten.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rituais antropofágicos dos índios brasileiros	24
Figura 2: Representações do fantástico na iconografia dos viajantes	25
Figura 3: Capa do <i>Historia Naturalis Brasiliae</i>	27
Figura 4: Ina von Binzer (1882)	48
Figura 5: Anúncios de jornais do século XIX oferecendo e procurando o serviço de professoras	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O UNIVERSO DOS VIAJANTES	13
2.1 Literatura de viagem masculina	14
2.2 Literatura de viagem feminina: mulheres à frente de seu tempo	15
2.3 Viajantes no Brasil	22
2.4 Mulheres viajantes no Brasil	40
2.5 A temática da viagem: viagem na literatura e literatura na viagem	43
3 INA VON BINZER: UMA VIAJANTE-EDUCADORA NO BRASIL IMPERIAL	47
3.1 A obra de Ina von Binzer: documento de viagem ou romance epistolar?	51
3.2 O discurso naturalístico-paisagista	59
3.3 O discurso pedagógico	63
3.4 O discurso político-econômico: A visão de Ina sobre a escravidão no Brasil	74
4 INTERCULTURALIDADE: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E ALTERIDADES NA OBRA DE INA VON BINZER	85
4.1 Alteridade através da categoria da nacionalidade	89
4.2 Alteridade através da categoria da raça	95
4.2.1 A construção do negro no imaginário ocidental	100
4.2.2 O negro na visão da educadora	101
4.3 A alteridade através da categoria da Religião	104
5 CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	112

1 INTRODUÇÃO

Como era a vida no Brasil do final do Império? Qual a visão que as pessoas tinham de si mesmas e do estrangeiro? Como o viajante estrangeiro europeu percebia uma sociedade ainda em seus primeiros passos no “mundo moderno”?¹ Qual a visão do estrangeiro em relação a essa outra cultura? Essas são algumas das perguntas respondidas pela obra *Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien (Os Meus Romanos – alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil)*, de Ina von Binzer, e que serão analisadas no presente trabalho, que propõe uma evocação da vida patriarcal no Brasil do século XIX através dos olhos de uma viajante alemã que, por ser mulher, tinha mais acesso à vida social das famílias brasileiras que os seus patrícios viajantes e, por isso, pôde relatar com bastante acuidade cada detalhe de sua rotina, de seu trabalho como educadora, de seus alunos, escolas, patrões e escravos, e da sociedade em si.

Com ênfase na literatura alemã, esta pesquisa torna-se também interdisciplinar, à medida que pode servir de instrumento tanto no campo da literatura, como também nas várias outras disciplinas dos campos das ciências humanas e sociais.

O título deste trabalho sugere que a obra da viajante Ina anuncia espaços discursivos duplamente privilegiados, pois, além de transitar em espaços interdisciplinares, suas cartas podem ser analisadas também sob gêneros literários distintos, interpretadas interpretadas como literatura de viagem e/ou romance epistolar. Assim, iniciamos nossa pesquisa primeiramente com uma abordagem acerca do tema viajantes e suas viagens.

Investigaremos inicialmente a literatura de viagem e sua importância como documentação histórica. No primeiro capítulo, buscaremos traçar um caminho que parte dos debates sobre os vários tipos de viajantes, finalizando com um enfoque sobre os viajantes que estiveram no Brasil. Analisaremos nesse capítulo também as diferenças entre a literatura de viagem masculina e feminina, que só teve sua ascensão a partir do final do século XIX,

¹ De acordo com Korfmann (2005) a sociedade moderna é caracterizada por uma ordem social de sistemas funcionais autônomos, ou seja, ela apresenta sistemas sociais com comunicações específicas a respeito do mundo. O conceito modernidade é definido também por Habermas e Berman como tempo de modernização da sociedade e da cultura que se fazia progressivamente a partir do século XVIII. No plano da cultura, a modernidade traduziu-se num processo de desencantamento, por meio do qual as concepções religiosas de mundo, ao se desintegrarem, acabaram por engendrar na Europa uma cultura profana. O desenvolvimento das sociedades modernas, ao lado da laicização da cultura, com o surgimento das ciências empíricas modernas e a autonomização das artes, constituiu o outro pólo que permitiu determinar a existência da modernidade. As novas estruturas sociais passaram a ser caracterizadas pela diferenciação de dois sistemas, cristalizados em torno de centros organizadores. Tais centros são a empresa capitalista e o aparelho burocrático do Estado, que do ponto de vista funcional se interpenetram. (PANDOLFI, 2003)

quando os escritos femininos de viagens passaram a constituir um novo gênero literário, uma literatura que não existia até então. Esse capítulo permite-nos traçar um perfil dos vários tipos de viajantes e suas viagens, a fim de também compreendermos melhor o discurso da viajante Ina, que herda características tanto da literatura típica masculina quanto feminina.

No segundo capítulo, apontaremos os dois tipos de viagem que cerceiam a obra de Ina; a viagem na literatura e a literatura na viagem. Ina “viaja na literatura” à medida que ficcionaliza sua narrativa, concedendo a ela o “estilo embelecido da ficção”, na qual a emoção e a subjetividade tomam conta; por outro lado, ela também, por vezes, compõe uma escrita na qual se afasta do ficcional e parte em busca da objetividade, típica da literatura de viagem masculina. O debate em torno da literatura de viagem e viagem na literatura leva-nos ao questionamento que integra o capítulo três; é a obra de Ina von Binzer um documento de viagem ou romance epistolar? Essa pergunta só pode ser respondida através da análise dos vários discursos presentes na sua narrativa; são eles o discurso naturalístico-paisagista, o discurso pedagógico e o discurso econômico.

Ao mapearmos os textos da viajante Ina, analisamos sua discursividade e identificamos uma diversidade de discursos. O primeiro deles, o discurso naturalístico-paisagista revela tanto um lado romanesco de suas cartas, quanto logra apontar também características típicas de um travelogo. Sua narração torna-se auto-reflexiva, típica de um romance em cartas, quando a autora dialoga com a paisagem; já ao fazer descrições da natureza em tom de diagnóstico, fornecendo detalhes miúdos da fauna e flora, ela deixa de ser a escritora-romântica para tornar-se a escritora-naturalista.

A educação em nosso país também foi tema de debate da professora alemã. Assim, o enfoque pedagógico que as cartas possibilitam, permite-nos compreender como era a educação em nosso país no fim do século XIX. Ina critica a falta de interesse dos alunos, as aulas, o baixo salário, as poucas horas vagas para descanso, além de mostrar-se igualmente preocupada com a educação feminina, que era depreciada em relação à educação dos meninos, e das crianças negras, que era inexistente. O discurso pedagógico é especificamente marcado pela objetividade do seu relato. Entretanto, seu discurso torna-se subjetivo ao refletir sobre sua vida, deixando transparecer suas angústias e inquietações.

O último discurso presente na obra de Ina e debatido em nosso trabalho diz respeito à situação política e econômica em nosso país antes da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. A educadora manifesta-se de maneira bastante crítica e analítica em relação a essas questões. Ao longo das cartas, podem-se verificar diversas críticas ao sistema escravista, no qual ela aponta não só aspectos negativos, mas também positivos,

chegando a indagar, “gostaria de saber o que fará essa gente, quando for decretada a completa emancipação dos escravos” (BINZER, 1994b, p. 40). Na opinião da professora, a Abolição sem o preparo do negro para a liberdade teria consequências sociais catastróficas para o país, pois os negros libertos tornar-se-iam, segundo ela, “elementos nocivos, ou, na melhor das hipóteses, inúteis” para a sociedade (BINZER, 1994b, p. 155). Outro problema apontado pela educadora em relação à Abolição diz respeito à mão-de-obra, uma vez que haveria no país uma extinção das forças trabalhadoras no campo. Por outro lado, entretanto, ela enxerga a prática da escravatura como um contra-senso à civilidade, chegando a mostrar-se solidária e piedosa com um escravo leproso de uma fazenda aos arredores de sua moradia. Ela exclama: “Como o homem é egoísta e miserável!” (BINZER, 1994b, p. 147). Ao saber da morte do escravo leproso, diz: “Um grito de alívio me escapa do humano peito e envergonhada precisei reconhecer: homo sum... Depois, uma forte crise do choro distendeu meus nervos [...]” (BINZER, 1994b, p. 151). Em princípio, ela desaprova a escravidão e deseja que seja abolida, mas reconhece que, sem ela, o país prejudicar-se-ia economicamente.

Como viajante, Ina atravessou não só fronteiras geográficas, históricas, políticas, econômicas e sociais, mas também fronteiras culturais. Sua escrita cumpre, então, um papel de afirmação cultural, à medida que a autora se torna agente construtora de identidades e alteridades das culturas alemã e brasileira, baseadas na sua nacionalidade, raça e religião. Brasil e Alemanha tornam-se, assim, polaridades culturalmente distantes.

A interculturalidade abrange todos os discursos até aqui mencionados, desta maneira, vemos uma possibilidade de leitura de *Os meus romanos* também como documento cultural, daí a razão do título do presente trabalho ser *O romance epistolar de Ina von Binzer – um documento de interculturalidade brasileiro-alemã*, pois, ora autora romântica, ora autora documental, ela é, em ambos os casos, uma autora intercultural.

2 O UNIVERSO DOS VIAJANTES

Há séculos homens viajam pelo mundo, deixando um legado de informações sobre os lugares, povos e culturas com as quais entraram em contato. Suas experiências são relatadas sob a forma de manuscritos, diários de viagem, diários de campo, relatórios científicos e comerciais, guias financeiros e turísticos, correspondências pessoal e diplomática ou reportagens. Livros de viagem podem ser definidos com o que Jolles denominou *memorabilia*, isto é, narrações do que aconteceu efetivamente e se conservou na memória (JOLLES apud LEITE, M., 1981, p. 214). O viajante é, segundo Ilka Boaventura Leite, a peça chave na recomposição e contextualização de um relato. Em suas biografias, é possível identificar muitos pontos em comum, pois revelam um perfil do que genericamente era denominado “explorador” de novos conhecimentos, de riquezas materiais, de experiências. As obras deixadas por estes “exploradores” são de extrema importância na constituição da identidade do autor como viajante. Identidade essa que se constrói da viagem ao texto (LEITE, I., 1996, p. 26).

Viajantes e suas viagens contribuíram para os estudos sobre as diferenças de costumes entre os povos – fundamento da História, da Sociologia e da Antropologia –, além de serem importantes fontes de informação para a Geografia, a Botânica, a Mineralogia e áreas afins. De Heródoto de Halicarnasso (490/480 a.C-420 a.C.), cognominado de “o pai da História” pelo latino Cícero, a Charles Darwin (1809-1882), viajantes revelaram homens e sociedades, contribuindo imensamente para a compreensão dos mesmos. Ao longo do tempo, viajantes e suas escritas variaram muito; aquilo que era observado, o objeto, foi se alternando, dependendo da comunidade e origem do viajante. Da mesma maneira, a forma também foi se modificando, dependendo dos processos retóricos utilizados.

No século XIX, a escrita dos viajantes tornou-se mais complexa e variada, dependendo dos objetivos do autor e do momento histórico e cultural de sua época, indo de uma simples descrição até um cientificismo muitas vezes exagerado (NEUBERGER, 2007, p. 9). Os viajantes do século XIX, tratados individualmente como pintores e autores, contribuíram assistematicamente para o conhecimento histórico ou geográfico das regiões por eles percorridas. Considerados coletivamente como estudiosos de regiões menos conhecidas do globo, eles começaram a ser analisados política, econômica e socialmente, passando a ser

também fontes de conhecimento da perspectiva de suas regiões de origem e como instrumentos de colonização e exploração dos países visitados (LEITE, M., 2001).

Mulheres também se tornaram viajantes, tendo o início de sua ascensão durante o século XIX, porém, em comparação ao número de homens, as viajantes representaram uma pequena minoria deste amplo universo. Um número crescente destas forasteiras provenientes dos Estados Unidos e Europa percorreram o globo ao longo do século XIX, desde a África às Américas, propiciando relatos muito bem detalhados sobre lugares e pessoas com as quais se deparavam em suas jornadas. Seus livros, escritos para o conhecimento e entretenimento de seus contemporâneos, permitem que leitores de séculos posteriores aos seus possam testemunhar as situações vividas por estas *voyagers*. Apesar de não terem sido consideradas como viajantes profissionais, as suas obras, publicadas na sua grande maioria postumamente, servem como gênero literário e fonte histórica. Em seu livro *Women through women's eyes*, June E. Hahner explica que as viajantes que estiveram na América Latina foram capazes de produzir, por exemplo, introspecções sobre as relações de gênero nesta sociedade, bem como em suas próprias (HAHNER, 1998, p. xi). Neste aspecto, podemos dizer que as mulheres foram mais minuciosas não só em relação às observações de gênero, mas também em relação aos hábitos e costumes das populações visitadas, pois conviviam mais intimamente com os autóctones destas sociedades.

Ao refletirmos sobre o amplo universo de viajantes ao longo dos séculos, percebemos que estes homens e mulheres tinham uma característica em comum – o anseio pela aventura e pelo novo. Nos subcapítulos seguintes iremos traçar o perfil destes viajantes e de como suas escritas se distinguem. Daremos um foco mais amplo no capítulo referente às mulheres, visto que o presente trabalho tem como tema a obra de uma viajante estrangeira no Brasil.

2.1 Literatura de viagem masculina

Os homens foram os pioneiros na história das grandes viagens através do globo. Dentre o vasto universo de exploradores podemos citar Marco Pólo (1254-1324), Cristóvão Colombo (c. 1451-1506), Pêro Vaz de Caminha (1459-1500), Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (1490-1557), Hans Staden (c. 1525 - c. 1579), Alexander von Humboldt (1769-1859), Charles Darwin (1809-1882), Richard Francis Burton (1821-1890) e muitos outros importantes nomes. Dos grandes navegadores dos séculos XV e XVI aos naturalistas do século XIX, esses

homens possuíam em comum o caráter eurocêntrico de suas viagens, produzindo, assim, uma literatura marcada por ambições científicas, mas também pretensões econômicas e territoriais.

A literatura de viagem composta primeiramente por homens se fez muito popular, principalmente no século XIX – período de grande expansão econômica na Europa e de emergentes investimentos. Com a melhoria nos transportes e na comunicação e o crescimento dos negócios internacionais, o número de viajantes estrangeiros cresceu permanentemente, assim, viajantes traçavam suas viagens também almejando investimentos econômicos. Ao mesmo tempo, o público leitor europeu recebia a sabedoria provinda de terras com as quais seus países tinham ligações políticas e econômicas.

Cientistas e artistas viajavam muitas vezes juntos, dadas as dificuldades de descrever e nomear homens, plantas e animais desconhecidos. As palavras dos viajantes não correspondiam ao vocabulário nativo do país visitado, e as espécies encontradas tinham de ser reproduzidas de forma idêntica, em todos os mínimos detalhes, a fim de que fosse possível a compreensão do que nunca tinha sido visto. Procurava-se fazer uma cópia o mais exata possível do que o pintor apreendia enxergar. Os trabalhos destes pintores e viajantes incluíam toda a natureza, desde Astronomia, Climatologia, Hidrografia, Botânica, Zoologia, Geologia, sem deixar de lado o estudo do homem encontrado, costumes, línguas e recursos de sobrevivência (LEITE, M., 2001).

Refletindo sobre os relatos de viagem, podemos dizer que esses escritos sempre foram, historicamente, narrativas masculinas sobre feitos heróicos de peregrinos, marujos, viajantes e colonizadores. Em comum entre os textos havia o fato de serem escritos e narrados por homens, circunstância que, ainda que possa ser atribuída a uma série de fatores, acaba por convergir para a concepção de que aventura, exploração e descoberta seriam características masculinas, enquanto apatia, timidez e reclusão seriam características femininas (MÜLLER, 2009). A escrita feminina surge apenas em meados do século XIX, dando início à quebra da tradição patriarcal de uma entidade exclusivamente masculina.

2.2 Literatura de viagem feminina: mulheres à frente de seu tempo

Las mujeres tienen también su propia historia de emigración laboral, peregrinaje, exploración, turismo e incluso traslado militar; historia al mismo tiempo vinculada y distinta a la de los hombres. (CLIFFORD apud ARAÚJO, 2008)

No século XIX, os escritos femininos de viagens constituíam um novo gênero literário, através do qual viajantes mulheres podiam transmitir, de maneira mais subjetiva que nos escritos de homens, as realidades por elas confrontadas em suas “aventuras” em novas terras. Suas experiências de viagem, porém, não estão registradas na história oficial, em tratados e documentos oficiais, mas em forma de cartas e diários. Apesar das dificuldades enfrentadas para obter reconhecimento em uma sociedade ainda estritamente patriarcal, algumas mulheres aventuraram-se a sair de sua esfera doméstica em busca de um mundo novo. A citação abaixo declarada pela *Royal Geographical Society*,² como forma de protesto pela admissão de Isabella Bird em 1892, por ser ela a primeira mulher a fazer parte da sociedade, exemplifica o preconceito explícito de seus contemporâneos do sexo masculino:

A Lady an explorer? a traveller in skirts?
 The notions just a trifle too seraphic:
 Let them stay and mind the babies, or mend our ragged shirts;
 But they mustn't, can't, and shan't be geographic.
 (THE UNIVERSITY OF HONG KONG, 2005)

Temia-se que mulheres viajantes estariam incitando a corrupção moral, ou que elas poderiam acostumar-se aos diferentes tipos de liberdades permitidas aos homens em suas viagens. Mulheres honradas deveriam permanecer em sua esfera doméstica. Tal atitude se adequava ao modelo de sociedade patriarcal do século XIX e de períodos anteriores (MACHADO, 2005). O poema de Alfred Tennyson intitulado *The Princess* permite-nos outro exemplo de tal concepção. *The Princess* foi escrito como sátira à educação da mulher, um tema bastante controverso em 1847, quando o *Queen's College* foi fundado na cidade de Londres como primeira instituição de educação superior para mulheres.

Man for the field and woman for the hearth:
 Man for the sword and for the needle she:
 Man with the head and woman with the heart:
 Man to command and woman to obey.
 (TENNYSON apud CHRIST, 2000, p. 1056)

Algumas viajantes do século XIX que transcenderam tais barreiras em uma sociedade predominantemente masculina foram as precursoras Mary Wortley Montagu (1689-1762), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Maria Graham (1785-1842), Harriet Martineau (1802-

² A “Royal Geographical Society”, fundada em 1830 sob o financiamento do rei William IV, era basicamente composta por viajantes, marinheiros e naturalistas, especialmente geólogos.

1876), Isabella Lucy Bird (1831-1904), Mary Henrietta Kingsley (1862-1900), entre outras também importantes. As mulheres acima citadas foram algumas das pioneiras nos escritos de viagem femininos e influenciaram outras gerações de viajantes. Wollstonecraft, também chamada de “mãe do feminismo”, é considerada a primeira feminista da Inglaterra. Em seu livro *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), ela atacou as restrições impostas às mulheres em sua educação, que as mantinha, segundo ela, em um estado de ignorância e dependência servil. Wollstonecraft via a educação como um caminho para as mulheres conquistarem um melhor *status* econômico, político e social. A seu ver, o progresso da sociedade como um todo dependia da igualdade na formação de ambos os sexos. Em relação à educação das mulheres, ela escreve:

How many women thus waste life away the prey of discontent, who might have practiced as physicians, regulated a farm, managed a shop, and stood erect, supported by their own industry, instead of hanging their heads surcharged with the dew of sensibility, that consumes the beauty to which it at first gave luster. (SPARTACUS EDUCATIONAL, 2005)

A inglesa Mary Wortley Montagu foi uma das pioneiras no detalhamento de relatos sobre costumes estrangeiros. Montagu tornou-se conhecida por suas cartas, escritas enquanto permaneceu no Oriente Médio. Ela foi responsável pela introdução da vacina da varíola na Inglaterra em 1721, trazida por ela da Turquia. Ela escreve, em uma carta destinada a Sarah Chiswell, sobre a experiência com tal vacina: “I am very well satisfied of the safety of the experiment since I intend to try it on my dear little son. I am patriot enough to take pains to bring this useful invention into fashion in England” (MONTAGU apud COHN, 2005).

Outra inglesa que merece destaque foi a viajante Isabella Lucy Bird. Ela ultrapassou as barreiras do convencional, ou seja, deixou de lado a vida circunscrita de uma típica mulher vitoriana de classe média para transformar-se em uma viajante determinada e perspicaz. Seus livros de viagem, que ainda nos dias de hoje informam e entretêm, a fizeram uma das mais conhecidas mulheres na Inglaterra vitoriana. Bird viajou sozinha para o Havaí, os Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Índia e China. Ela foi uma das poucas mulheres de sua época que conseguiram adentrar pelo mundo das atividades masculinas de aventura, afirmando-se, assim, como uma astuta feminista. Suas ideias feministas estão muito bem expostas em *A woman's right to do what she can do well*. Marrocos foi o último destino desta importante viajante no exterior. A partir de suas viagens, ela escreveu *The Englishwoman in America* (1856), *The Hawaiian Archipelago* (1875), *A lady's life in the Rocky Mountains* (1876), *Unbeaten Tracks in Japan* (1880), *The Golden Chersonese and the*

way thither (1883), um diário sobre sua viagem à Malásia, escreveu também *Journeys in Persia and Kurdistan* (1891), *Korea and her Neighbours* (1898), e *The Yangtze Valley and Beyond* (1899). Finalmente, *Notes on Morocco* foi publicado no final de 1901. Isabella Bird revelava divertir-se em suas longas e árduas cavalgadas e igualmente apreciava escalar montanhas rochosas. Em suas viagens pelo mundo, ela também montou hospitais missionários e participou de expedições exploratórias de minerais no Oriente Médio. Podemos dizer que Bird foi uma mulher à frente de seu tempo não só por conseguir penetrar em um universo exclusivamente de viajantes homens, mas por ter sido inovadora e pioneira em suas ideias a respeito dos direitos femininos em sua época.

O diário escrito pela inglesa Maria Graham (1785-1842) muito se assemelha às cartas de Ina von Binzer. Ambas permaneceram no Brasil por mais de um ano, convivendo intimamente com as famílias que as acolheram, o que lhes permitiu adquirir mais experiência e conhecimento a respeito da outra cultura. Assim como Ina, Graham também trabalhou como educadora, tendo sido governanta da princesa D. Maria da Glória, filha mais velha de D. Pedro I. Graham veio ao Brasil acompanhada de seu marido, capitão Thomas Graham, ambos a serviço da Coroa Inglesa. Depois da morte dele, ela continuou sozinha suas viagens, inclusive ao Chile. No Brasil, Maria Graham fixou residência em Pernambuco e Rio de Janeiro, deixando o seu relato na obra intitulada *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, publicada em 1824, com sua primeira edição traduzida para o português em 1956 e reeditada em 1990. As semelhanças nos relatos das duas escritoras estreitam-se principalmente quando tratam do panorama político-econômico do Brasil na época colonial e quando relatam os costumes dos brasileiros em relação às suas respectivas culturas, estas geralmente descritas como superiores. June E. Hahner, ao refletir sobre a obra de Graham, afirma que, embora ela tentasse ser tolerante, principalmente por ser uma protestante em um país católico, costumava ancorar muitas das suas descrições em comparações com os costumes e comportamentos ingleses, frequentemente alegando a superioridade dos últimos (HAHNER, 1998, p. 3). Graham e Binzer tecem severas críticas em relação à organização da sociedade brasileira. Elas criticam a organização das ruas, a sujeira, a ociosidade, a condição do negro escravo, a condição da mulher, os costumes, as festas, além de outros aspectos. Assim como Ina, Graham também critica a educação em nosso país: nossa sociedade estaria imersa na ignorância. Ela aponta para a deficiência da instrução, sem ciência e literatura modernas ou jornais de qualidade, e para a inexistência do hábito da leitura (SECO, 2008). Nara Araújo (2008) explica que cada viajante, a seu modo e a seu tempo, impôs-se no espaço público e apresentou discursos com

sólidos conhecimentos da história do país que visitavam. As obras de Ina von Binzer e Maria Graham apresentam, de fato, um esboço da história de nosso país no século XIX, proporcionando-nos um rico e detalhado acervo de informações que inspiram e motivam nossas pesquisas e a republicação de seus textos.

Até muito recentemente, vários foram os obstáculos que inibiram a produção de travelogos escritos por mulheres, pois tais registros não eram reconhecidos como gênero literário. Até mesmo nos dias atuais é difícil encontrar informações sobre viajantes mulheres; somente em algumas antologias e dicionários de referência, com exceções de alguns poucos livros. Barbara Korte declara, em *Travel writing* (2000), que no passado não era conferido o devido valor aos escritos de viagem produzidos por mulheres, pois tais narrativas eram essencialmente produzidas por homens e igualmente endereçadas a um público masculino (THE UNIVERSITY OF HONG KONG, 2005). A literatura feminina de viagem, de acordo com Korte, vem recebendo destaque em antologias sobre travelogos somente a partir dos últimos vinte anos. Podemos destacar como exceção o diário de Mary Kinsley, que foi bastante popular e publicado na época em que foi escrito, mas, de maneira geral, a indústria editorial ignorou amplamente os escritos femininos de viagem.

Abstraindo-se do papel prescrito para as mulheres de serem submissas e conservarem-se restritas a atividades domésticas e à criação dos filhos, as viajantes femininas assumem os riscos de vida das longas viagens marítimas, das moléstias tropicais, dos desentendimentos em países “atrasados” para assumirem um novo papel: a de forasteiras em um novo mundo. Afastadas da esfera do lar, elas são conscientes de estarem penetrando em terreno masculino e aceitam as regras do jogo estabelecidas na literatura de viagem e os gêneros já consagrados. A elas não era permitido compor manuscritos científicos, por exemplo. Seus livros eram escritos sob forma de correspondência, diário ou narrativas breves; nunca com o volume das obras dos viajantes, que podiam ter até mais de cinco volumes, principalmente nos casos das viagens de circunavegação. De acordo com Leite (2000, p. 133), não havia interesse na publicação de escritos femininos. Esta era feita por familiares somente após a morte da autora. Apenas uma mulher, que já era naturalista profissional no final do século XIX, se atreveu a discutir as desvantagens do modelo de diário feminino dentro da literatura de viagem: Teresa da Baviera³

³ Em 1897, Teresa da Baviera recebeu o título de Doctor philosophiae honoris causa, sendo a primeira mulher a receber tal homenagem. Foi nomeada membro de honra da Academia Real de Ciências da Baviera (1892), da Sociedade Geográfica de Munique (1892), membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa (1897), membro de honra da Sociedade Geográfica de Viena (1898), da Sociedade Antropológica de Viena (1900/01), da Sociedade dos Americanistas de Paris (1908/09), da Liga dos Pesquisadores Alemães (1910), da Sociedade Alemã de Antropologia, Etnologia e Pré-História em Berlim (1913) e da Sociedade Antropológica de Munique (1920). Foi condecorada com a Medalha de Honra de Ciência e Arte Austro-Húngara e, em 1909, recebeu o

passou setenta e cinco anos de sua vida dedicando-se a estudos de História Natural em diversos pontos do globo. Em 1888, veio conhecer os trópicos, visitando tribos indígenas, colecionando plantas, animais e objetos etnográficos. Seu livro, publicado em Berlim somente em 1897, contém dois mapas, quatro tabelas, dezoito quadros completos e sessenta reproduções de fotografias e desenhos da própria autora, ou seja, foi uma obra bastante revolucionária para a época. Em relação à profissionalização dos cientistas através do século XIX, houve uma tentativa de classificação das mulheres viajantes em amadoras e profissionais, uma vez que todas elas faziam coleções de plantas, animais, conchas e rochas. Ina mesma referia-se a si mesma modestamente como naturalista:

Überhaupt sammle ich an Merkwürdigkeiten, was ich bekommen kann, obgleich dies weit schwerer ist, als man bei uns gemeiniglich denkt. [...] Ich begnüge mich also mit einem sehr bescheiden Naturalienkabinett eigener Sammlung. Die Neger bringen mir alles an, was sie draußen Merkwürdiges finden, und strahlen förmlich, wenn ich mich darüber freue; sie nennen mich “a professora que gosta de bichos feios” (die Gouvernante, die die häßlichen Tiere liebt), und fast jeden Tag finde ich auf meinem Fensterbrett irgend einen Käfer oder eine Raupe oder eine merkwürdige Pflanze aufgebaut. Eine Schlange, und zwar eine hübsche Korallenschlange, habe ich mir auch schon “eingemacht”. Besonders aber habe ich eine Sammlung von reizenden Nestern, worunter entzückende Kolibrinester verschiedener Sorten und ein höchst merkwürdiges, mächtig großes Nest von Lehm, das sich ein mittelgroßer Vogel baut, den sie nach seiner Wohnung João de Barro d.h. Lehmjohann nennen [...]. Meine letzte Errungenschaft ist ein Fischotternfell und das allerliebste Fell eines schwarzen Affen, den ein *camarada* hier neulich auf der Pflanzung getötet hat.⁴ (BINZER, 1994a, p. 134)

Entretanto, dadas as suas contribuições sobre família, compadrio, maternidade, infância, conventos e recolhimento, trabalho, condições de diferenciação, relações entre grupos étnicos e nacionais, descrições de cerimônias, festas, costumes funerários e religião, as viajantes femininas eram consideradas como antropólogas iniciantes (LEITE, M., 2000, p. 137).

título de Oficial da Instrução Pública do Ministério Francês da Instrução (ACADEMIA BRASIL-EUROPA, 2008).

⁴ Aliás, estou colecionando todas as curiosidades que posso encontrar, apesar de ser uma coisa bem mais difícil do que se julga em nossa terra. [...] Contento-me portanto com o naturalien cabinet da minha própria coleção. Os pretos trazem-me tudo o que conseguem achar de mais interessante lá por fora e se mostram radiantes quando me declaro satisfeita. Entre eles, sou conhecida como a “professora que gosta de bichos feios” e quase todos os dias acho sobre o peitoral de minha janela um besouro, uma taturana ou uma planta rara. Já possuo “em conserva” uma serpente, que por sinal é uma linda cobra coral. Minha especialidade é, porém, uma encantadora coleção de ninhos, da qual fazem parte alguns adoráveis, de beija-flor, e outros de diversos gêneros. O mais original de todos, muito estranho mesmo, é bastante grande e feito de barro por um pássaro conhecido pelo nome de João de Barro, devido à sua moradia. [...] Minha última aquisição é uma pele de lontra e uma de macaco preto que um dos camaradas da fazenda matou outro dia. (BINZER, 1994b, p. 134-135) Todas as traduções do texto original de Ina von Binzer que utilizarei ao longo do trabalho foram feitas por Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira e extraídas da edição bilíngue lançada em 1994 pela editora Paz e Terra.

Nara Araújo (2008) em seu artigo intitulado “Verdad, poder y saber: escritura de viajes femenina” explica que as narrativas de viagens feitas por mulheres são introduzidas a partir da especificidade de sua abordagem. Afinal, ao irromper o espaço público, elas necessitam estabelecer uma relação entre o espaço, o conhecimento e a autoridade, e, para validar seus discursos, servem-se da história e da referência às fontes consultadas. Em relação aos escritos masculinos, podemos dizer que a literatura de viagem composta por mulheres parece tratar os aspectos da vida cotidiana dos locais visitados com mais minuciosidade. Sobre esta questão, Miriam Lifchitz Moreira Leite explica-nos:

A principal semelhança entre os livros das mulheres viajantes é a grande capacidade de observação, que ultrapassa as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentaram, através do século XIX. Sejam elas modistas, que vinham “fazer a América”, turistas, jornalistas, professoras, acompanhantes ou cientistas, provenientes dos países europeus ou dos Estados Unidos, todas têm grande cuidado e atenção às condições da vida do dia-a-dia, quando comparam situações vividas, no local de origem, com aquelas que procuram descrever e interpretar. (LEITE, M., 2000, p. 132-33)

Nos textos escritos pelos viajantes fica evidente a segurança da enunciação, pois eles “têm a verdade”. O sujeito da enunciação destes relatos é um sujeito autoritário e monológico; a voz narradora demonstra segurança no dizer e na posse de uma verdade, conseqüentemente a estrutura dos textos é unitária. Já nos relatos de viajantes mulheres, a relação dos saberes com o conhecimento é conflitante: “En los textos de las viajeras, por el contrario, el yo narrativo es un yo relacional, que de diversas formas entra en relación con el otro, en una dinámica propia a las formas autobiográficas de las mujeres” (FRIEDMAN apud ARAÚJO, 2008). Araújo complementa ao dizer que:

En el plano de la representación coexisten en los textos de estas viajeras lo ‘verídico/real’ y lo ‘verídico/imaginativo’, y la multiplicación espacial supone un desdoblamiento del sujeto de la enunciación: viajera/autora. La capacidad de estructurar la identidad contando las historias de otros protagonistas, transponiéndose a una voz lírica, se distingue de la mirada egocéntrica del sujeto masculino. (ARAÚJO, 2008)

Ana Rosa Domenella denomina os dois gêneros de literatura de viagem de “escrituras de contraste”:

Los puntos de referencia en cuanto a la literatura de viajes podrían ser las relaciones con el patriarcado, la autoridad, el canon y la verdad; la posición frente a la escritura, la autoría y el lugar de la enunciación, así como el orden y naturaleza del

discurso, la conciencia de género, el yo real. La convergencia de marcas textuales en los relatos de viajes de mujeres, en el siglo XIX, a reserva de las especificidades individuales, permiten hablar de una escritura de viajes femenina, acional y la visión del outro. (DOMENELLA apud ARAÚJO, 2008)

Ao estudar os livros de viagem de mulheres, surge a indagação relativa à escrita feminina e à tradição literária feminina. Sara Mills considera, por exemplo, que assumir tais textos como autobiográficos supõe negar às mulheres o *status* de criadoras de artefatos culturais (MILLS apud ARAÚJO). Nara Araújo, por sua vez, entende que a autobiografia, como forma discursiva, também é um artefato cultural, pois tanto os livros de viagem compostos por homens quanto por mulheres seriam também escrituras do “eu”.

Encontramos na literatura de viagem feminina romances, novelas, contos, poemas e ensaios, portanto, vários gêneros literários. A autobiografia surge como mais um dentre eles, o que torna esta escrita ainda mais interessante, formando “uma dinâmica própria”. Enfim, por meio desses relatos é possível conhecer não apenas a viagem propriamente dita, mas a experiência única e pessoal da mulher que os escreve. Os diferentes textos que compõem os diferentes estilos da literatura de viagem feminina ilustram bem a diversidade de cada viajante, as motivações das viagens e mesmo a modalidade literária utilizada no relato da experiência. De nobres (como a Baronesa de Langsdorff ou a Princesa Teresa da Baviera) a burguesas (como Nísia Floresta, Eduarda Mansilla, Mme. Van Langendonck, Adalzira Bittencourt ou Ida Pfeiffer), naturalistas (como a Princesa Teresa), pintoras (como Marianne North) ou professoras (como Maria Graham e Ina von Binzer), todas foram mulheres audaciosas que despertam ainda hoje nossa atenção, e seus escritos contribuem como fontes privilegiadas para o conhecimento da história social.

2.3 Viajantes no Brasil

Desde o descobrimento, a imagem do Brasil sempre foi, e ainda tem sido, atrelada à representação de paraíso. Tal imagem exótica de paraíso terrestre tornou-se inseparável da literatura de viagem na era dos grandes descobrimentos marítimos, quando o viajante enxergava o Brasil como lugar de solo fértil e primordial, de vida paradisíaca e abundância de riquezas a serem exploradas. Essa ideia da terra como “*locus ille locorum*” (lugar dos lugares) é confirmada pelo seguinte excerto de Saint-Hilaire, que permaneceu no Brasil entre 1816 e 1822:

Raros são os países que oferecem tantos recursos como o Brasil, e sejam como ele destinados a representar na política papel tão importante; as montanhas encerram em seu seio metais preciosos; os rios cobrem com suas águas diamantes e pedrarias; o açúcar e o trigo, a vinha e o café, as árvores frutíferas da Europa e as da Índia são cultivadas indiferentemente em seu território; as imensas solidões poderiam receber inúmeros colonos e seus portos garantem importantes mercados para produtos de nosso solo e indústrias. (HILAIRE, 1975, p. 3)

As pessoas que viviam na época quinhentista tinham, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, “a idéia de que existia na Terra, com efeito, algum sítio de bem-aventurança, só acessível aos mortais através de mil perigos e penas, manifestos, ora sob a aparência de uma região tenebrosa, ora de colunas ígneas que nos impedem alcançá-lo” (Holanda apud STAUDT, 2006, p. 20). Por este motivo, a descoberta de um novo continente além-mar pelos viajantes preenchia todos os requisitos necessários para a crença na existência de um paraíso. Os viajantes que vinham ao Brasil tinham como intuito a descrição do exótico, a fim de ir ao encontro do horizonte de expectativas de seus leitores, que almejavam a leitura do fantástico e maravilhoso em terras longínquas. Tal maravilhamento pode também ser percebido no relato de viagem de André Thevet na chegada a Cabo Frio:

No interior do Cabo Frio estende-se uma planície coberta de arvores diferentes das da Europa, rica, por outro lado, de bellos rios, cujas aguas são maravilhosamente limpidas e cheias de peixe. (THEVET, 1944, p. 159)

O elemento exótico que talvez tenha causado mais impacto nos relatos desses viajantes foi a descrição dos índios e seus costumes. O capítulo quarenta do livro de Thevet tem como título *Como esses barbaros matam e devoram os prisioneiros de guerra*. Nele, o autor descreve com bastante minuciosidade os rituais antropofágicos dos indígenas:

É o prisioneiro (cuja alegria augmenta à proporção que se aceleram os preparativos funebres) conduzido à praça publica, todo manietado e garroteado com as cordas de algodão. Acompanham-no dez ou doze mil selvagens da região, seus inimigos. Lá chegando, concluidas varias cerimonias, abatem-no os indios, tal qual se o prisioneiro fosse um porco. E logo o corpo do executado fica reduzido a postas, tendo-se o cuidado de aparar o sangue e com elle banhar os meninos, afim de torná-los, como dizem, bravios (nesse momento, os selvagens concitam os filhos a tomar o exemplo dos maiores, sendo de crer que de igual modo procedem os seus contrarios). Finalmente, o corpo, assim reduzido a pedaços e assado à moda indigena, passa a ser distribuido por todos, ficando cada um com o seu quinhão, qualquer que seja o número dos presentes. É verdade que as entranhas são commummente comidas pelas mulheres; quanto à cabeça, espetam-na os selvagens na ponta de uma vara, collocada na oca, como signal de triumpho e victoria (especialmente mostram os indios prazer em espetar as dos portugueses). (THEVET, 1944, p. 244)

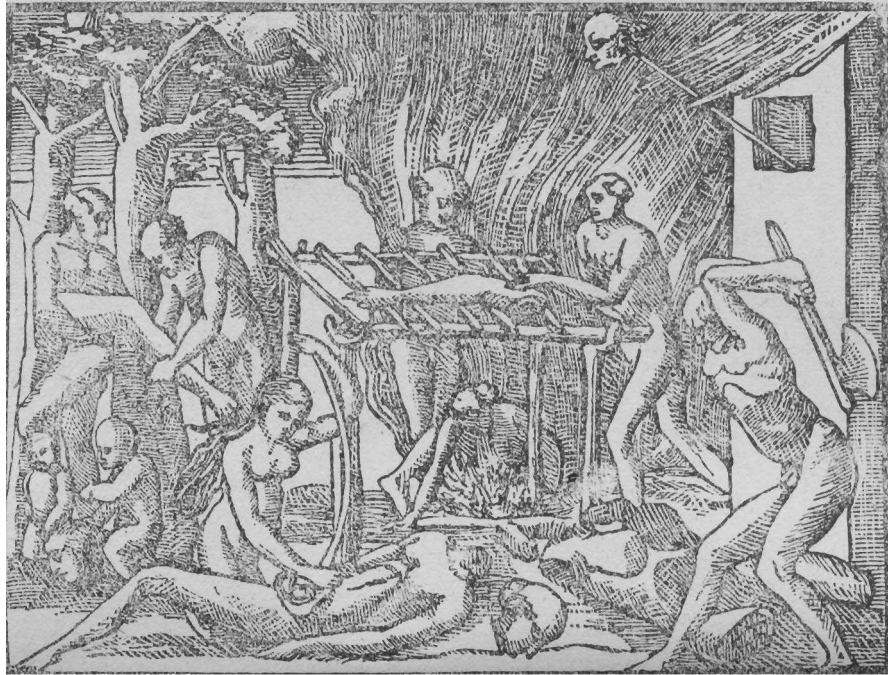


Figura 1: Rituais antropofágicos dos índios brasileiros (THEVET, 1944, p. 242).

Tais imagens e relatos tinham como intuito atrair a curiosidade dos leitores. Dos oitenta e três capítulos do livro de Thevet, vinte e um são dedicados aos rituais e costumes indígenas. Jean de Léry igualmente demonstra interesse pelos índios, havendo, entretanto, uma diferença no tratamento dispensado aos indígenas por parte destes dois viajantes franceses. André Thevet, em quase toda a extensão de seu livro, refere-se a eles como “selvagens”, “bárbaros” ou “essa pobre gente”, enquanto Jean de Léry percebe o índio brasileiro, embora através do prisma da alteridade, sob um ponto de vista mais positivo. Nos seus relatos predominam as expressões “nossos americanos”, “nossos brasileiros” ou ainda “nossos tupinambás”. No trecho abaixo, podemos perceber o olhar maravilhado na sua primeira descrição dos “selvagens” em sua chegada ao litoral do Rio de Janeiro:

Seis homens e uma mulher não hesitaram em vir visitar-nos no navio para vê-lo e dar-nos as boas vindas. Como eram os primeiros selvagens que eu via de perto, é natural que os observasse atentamente e embora os descreva minuciosamente noutra lugar quero desde já dizer alguma coisa a seu respeito. Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus quanto ao saírem do ventre materno mas para parecer mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto. (LÉRY, 1941, p. 68)

O elemento do exótico não está somente associado ao maravilhoso, mas também ao horrendo. Tais representações estão tanto nos relatos como também nas ilustrações desses viajantes. Na iconografia do relato de Léry, por exemplo, encontra-se, desde a primeira

edição, de 1578, uma gravura na qual se distinguem diversas representações do fantástico, tais como dragões, demônios atacando seres humanos e, caracterizando bem as novas terras, um enorme bicho-preguiça. Até mesmo os peixes voadores assumem proporções irreais em relação aos demais elementos da cena.



Figura 2: Representações do fantástico na iconografia dos viajantes (LÉRY, 1941, p. 189).

Mares e terras nunca antes desbravados eram vistos como lugares de acesso temerário, habitados por criaturas monstruosas que seduziam a imaginação dos povos europeus. Com o regresso das caravelas, as Américas passaram a serem descritas ora como longínquos infernos hostis, de climas insalubres, habitados por criaturas inumanas, canibais e bestas demoníacas, gente que parecia ter sido esquecida por Deus; ora como paraísos férteis, povoados de selvagens nus e gentis, pacíficos e felizes, que teriam sido protegidos em seu estado divinamente “puro” (UNIASSELVI, 2009). Na ilustração acima, a visão do paraíso terrestre é substituída pela imagem do fantástico e monstruoso. Por um lado, havia documentos e gravuras que revelavam o paraíso, isto é, uma natureza farta de frutas e animais, além de um esplendor de cores e sentidos; já na construção imaginativa oposta, descrevia-se o índio selvagem, primitivo, bárbaro, canibal e pagão, inserido em um ambiente inumano de “calor infernal”, às voltas com suas florestas impenetráveis, seus animais selvagens e suas doenças letais. Tais imagens presentes na iconografia de Léry, por exemplo, revelavam uma visão terrena antecipada do que seria o inferno, tudo isso criado por Deus para “castigar” os selvagens pagãos, já que, como membro da Igreja Reformada de Genebra, Léry tinha como

intuito a propagação da doutrina calvinista.⁵ Do ponto de vista dos conquistadores e seus aliados religiosos, os ameríndios precisavam ser catequizados e integrados aos valores do cristianismo universal, único caminho para poderem salvar suas almas e viver como crentes. Temos então duas imagens antagônicas que revelavam o Brasil quinhentista por parte dos descobridores – um “*locus amoenus*” em contraposição a um “*locus horrendus*”.

Os relatos de viajantes sobre o Brasil surgem no século XVI. Existem mais de duzentas e sessenta obras publicadas em vários idiomas, em que os autores falam dos habitantes, da vida social, de usos e costumes, da fauna, flora e de outros aspectos da antiga colônia portuguesa (GASPAR, 2008). Esses relatos ganham destaque principalmente durante o século XIX, depois da decretação da abertura dos portos brasileiros, que possibilitou um aumento significativo da navegação e, conseqüentemente, uma crescente presença estrangeira no país. Já o período entre o descobrimento do Brasil e a transmigração da coroa lusitana para estas terras é marcado por uma quase total ausência de registros a respeito da história das ciências no Brasil. Este período é marcado por “uma verdadeira batalha travada pelo homem, em seu esforço para afastar o véu sob o qual esconde a natureza os seus segredos” (PINTO, 1960, p. 11). Esta terra estava fechada para os conhecimentos científicos. Tal fato dava-se pelo tipo de cultura imperante na metrópole portuguesa, cuja política impedia a curiosidade dos povos mais adiantados, receando a propagação de ideias que pudessem ser contrárias aos interesses do Estado. Assim, o Brasil permaneceu uma terra desconhecida de todos os países em que a pesquisa era alvo de atenções. O tipo de cultura da época ainda estava calcado nas ideias formadas na Idade Média, onde toda ordem de conhecimento continuava tributária da religião, estando esta acima de todos os outros conhecimentos. Somente em 1808 são, enfim, suspensas as barreiras que impediam o progresso científico no país, de modo que a curiosidade tão longamente sofreada pôde expandir-se sem estorvo e, não poucas vezes, com o solícito amparo das autoridades (HOLANDA, 1975, p.12). O botânico sueco Carl Linné (1707-1778), ao tentar fazer um inventário das plantas e animais conhecidos até então em

⁵ No século XVI, a Europa vivia em constantes guerras religiosas entre reformados e católicos. A Reforma Protestante se propagou rapidamente pela França através das idéias de Calvino, que se instalou em Genebra a fim de fundar uma espécie de teocracia democrática apelando a todos os homens de boa vontade para que espalhassem mundo afora a doutrina calvinista. Em meados de 1555, Calvino recebeu da América uma carta de Durand de Villegagnon, cavaleiro de Malta, vice-almirante de Bretanha e fundador de uma colônia francesa denominada “França Antártica” na enseada em que se construiria mais tarde o Rio de Janeiro. Villegagnon explicava nesta carta a Calvino que havia imaginado a fundação de uma França americana a fim de chamar, como que para um asilo, os seus compatriotas que desejassem gozar de liberdade de consciência, permanecendo, entretanto fiéis à Metrópole. Calvino acolheu a imprevista solicitação de Villegagnon porque, desta forma, poderia propagar sua doutrina no Novo Mundo, e organizou uma expedição com dois pastores – Richier e Chartier – e catorze genebrinos, entre os quais Jean de Léry, para que conduzissem ao Brasil a coluna genebrina. (GAFFAREL, 1980)

nosso país, registra apenas aqueles consignados por George Marcgrave (1610-1644) no livro *História natural do Brasil* (1647).⁶ As demais contribuições não lhe prestaram subsídio, já que se tratavam na sua grande maioria de obras de missionários, faltando-lhes os requisitos mínimos para serem consideradas valiosas aos olhos daqueles que tinham por escopo a busca da verdade. (PINTO, 1960)

Viajantes do século XVI eram guiados mais pelo senso do maravilhoso e pelo desejo do paraíso e do fantástico do que pela descrição de fatos. Entretanto, a partir do século XVIII, as coisas do “Novo Mundo” passam a ser dimensionadas com régua, compasso e razão científico-comercial, não podendo mais ser descritas com aura de mistério e extravagância. Para os viajantes do século XIX, o valor dos relatos quinhentistas residia menos na veracidade científica do que no deleitoso prazer da diversão. O que importava nos relatos do século XIX neste período era, sobretudo, o circunstanciado relatório de expedição, o registro escrito, as correções nos mapas, novas cartas, estampas e coleções. “Vale o vivido se escrito”, ou seja, a experiência convertida em relato, diário. Este deveria ser escrito obrigatoriamente no calor da hora, registrando as marcas do que se acabou de ver e de experimentar. Havia uma escrita-em-trânsito, responsável pela maior exatidão das descrições e observações relatadas. (SÜSSEKIND, 2000, p.143)



Figura 3: Capa do *Historia Naturalis Brasiliae* (DE RERUM MUNDI, 2009).

⁶ Marcgrave é o autor do segundo volume desta obra, que se intitula *Historiae rerum naturalium Brasilia*. O volume apresenta trezentas e três páginas e quatrocentas e vinte e nove figuras, é dividido em oito livros e um apêndice. As espécies catalogadas por Marcgrave eram completamente novas no campo da ciência, sendo muitas delas também desenhadas pela primeira vez. Assim, vê-se a importância do trabalho de Marcgrave para a história das ciências naturais européias e brasileiras. (GALLIAN, 2008)

Ainda em relação aos escritos quinhentistas, pode-se dizer que havia também esforços para uma descrição de cunho mais científico. Numa época em que a pesquisa científica ainda ensaiava seus primeiros passos, aumentava também a importância de tudo o que era noticiado sobre o Brasil em relação à história natural. A carta do escrivão e cronista da frota cabralina Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel relata suas impressões sobre a terra que acabara de ser descoberta. Nela é revelado o deslumbramento do europeu diante do Novo Mundo, relatando os primeiros contatos dos lusitanos com os indígenas, além das descrições sobre as peculiaridades do meio físico, tais como a amenidade do clima, a abundância das águas, a vastidão das florestas e a diversidade de aves, animais e insetos. A carta de Caminha pode ser considerada o primeiro texto impresso que se refere exclusivamente ao descobrimento do Brasil. Reconhecida como um dos poucos documentos que se salvaram da armada de Cabral, a carta ficou inédita por três séculos na Torre do Tombo, em Lisboa, até ser descoberta pelo guarda-mor da torre, José de Seabra, em 1773 (CRUZ, 2002). Outros importantes viajantes no Brasil foram o historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo (c. 1540-c. 1580), além dos jesuítas Manuel de Nóbrega (1517-1570), José de Anchieta (1534-1597), Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), entre outros. Gândavo escreveu *História da Província Santa Cruz* (1576), que narra a conquista e o estabelecimento de Portugal no Novo Mundo. Esse livro merece destaque no que diz respeito aos animais e plantas do Brasil. Gândavo impressionava-se com o “pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província” ao contrário dos estrangeiros, que “a têm noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e de mais raiz do que nós” (PINTO, 1960, p. 164). Nos manuscritos *Tratados da província do Brasil e Tratado da Terra do Brasil*, o autor incentiva a emigração para o Brasil, destacando as riquezas desta terra e a possibilidade de os portugueses enriquecerem aqui. O padre Manuel de Nóbrega chega ao Brasil em 1549 na expedição de Tomé de Sousa. Suas cartas têm valor principalmente historiográfico, destacando, além da ação jesuítica, a terra, os índios e os conselhos do colonizador de como deveria trabalhar-se na nova terra e dela beneficiar-se. Se compararmos os relatos de Nóbrega e de seu amigo e colaborador José de Anchieta, percebemos que Anchieta escreve uma obra de caráter mais científicista. Em sua obra *Epistola quamplurimarum rerum naturalium* (1560), o jesuíta revela o seu verdadeiro pendor naturalístico, que, segundo Olivério Mário Oliveira Pinto (1960, p.163), só a ausência de uma adequada formação impediu de produzir maiores frutos. Depois de se ocupar rapidamente com as condições climáticas e as estações do ano, que qualifica de “confusas”, não se podendo “facilmente distinguir nem marcar o tempo certo da primavera e do inverno”, ele se dedica principalmente ao mundo animal, descrevendo-o de

maneira exata e sugestiva. Acentua “a infinita multidão de macacos” e é o primeiro a fornecer informação sobre o tamanduá-bandeira, o porco espinho, as lontras, o peixe-boi, entre outras espécies da fauna brasileira. Sua atenção aos fatos relativos à biologia das espécies destaca-se nas passagens dedicadas à piracema, à evolução do colorido da plumagem dos guarás e à periculosidade das serpentes venenosas e socris. No que diz respeito à flora, as informações do missionário não são menos dignas de apreço, sendo igualmente importantes para o conhecimento da terra brasileira.

Gabriel Soares de Sousa fez igualmente valiosas contribuições para o conhecimento da fauna e da flora brasileira, além de minuciosas descrições das feições, usos e costumes dos índios. Como resultado de suas observações, ele escreveu o *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), que permaneceu inédito por mais de duzentos anos. Maior empenho talvez tenha sido feito na parte referente ao mundo vegetal e animal, na aparente tentativa de oferecer a resenha total das plantas e animais chegados ao seu conhecimento. Seus planos em relação à descrição das espécies zoológicas e botânicas foram bastante prematuros para a época, visto que os instrumentos necessários para descrever e classificar as espécies ainda eram bastante precários. Além dos portugueses, outros importantes viajantes estrangeiros no Brasil são os alemães Hans Staden (1520-c. 1579), Ulrico Schmidel (1510-1579), e os franceses André Thévet (1502-1590) e Jean de Léry (1534-1611).

O período entre os séculos XVI e XVII foi o momento de menor número de estudos e pesquisas sobre o Brasil, não apenas porque havia uma ênfase na descrição do maravilhoso, pensamento ainda enraizado na mentalidade medieval; tal escassez devia-se também ao fato de Portugal possuir uma política comercial exclusivista que visava, sobretudo, atender aos interesses da Coroa Portuguesa. Portugal procurava proibir a entrada de estrangeiros, a fim de manter exclusivamente para si as informações sobre as potencialidades e recursos exploráveis; além disso, não permitia a existência de qualquer imprensa ou intercâmbio de ideias através da importação de livros para que, com isso, os estrangeiros não aportassem aqui: “O país se enclausurou em si mesmo” (LEITE, I., 1996, p. 43). Conforme Prado Júnior, o que se estabeleceu foi um regime de monopólio que garantiu um domínio exclusivo das terras brasileiras (apud LEITE, p. 40). Tal monopólio não se referia somente à política, mas causou impacto também nas obras produzidas. A literatura testemunhal desta época se caracteriza por um estilo único, com temas como naufrágios, missões religiosas e disputas de território. Por se tratar de um campo bastante abrangente, destacaremos algumas das principais obras que foram escritas sobre o Brasil entre os séculos XVI e XIX.

Uma das obras consideradas precursoras da literatura de viagem desta época foi escrita por Hans Staden (1520-c. 1579), que aportou na Capitania de Pernambuco em 28 de janeiro de 1548. Voltando à Europa, redigiu *Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen* (Duas viagens ao Brasil). O livro conheceu sucessivas edições, constituindo-se num *best-seller* para a época devido às suas ilustrações, descrições de rituais antropofágicos, animais, plantas e costumes exóticos. O soldado alemão Ulrico Schmidel (1510-1579), que escreveu *História verdadeira de uma viagem curiosa feita por U. Schmidel*, permaneceu na América por mais de dezesseis anos (entre 1536 e 1553), onde participou de momentos importantes dos primórdios da conquista e colonização da região do rio da Prata, como a fundação de Assunção e Buenos Aires – seguida por seu despovoamento tempos depois devido à escassez de alimentos – além de expedições ao interior do continente em busca de ouro e do reino das Amazonas (KALIL, 2006). Seus relatos, que se converteram nas primeiras crônicas dos territórios que, pouco tempo depois, se chamariam Argentina e Paraguai, foram publicados pela primeira vez em 1567, juntamente com o texto de Hans Staden, na coletânea de viagens publicada por Sebastian Franck. As invasões e disputas de território trouxeram ao Brasil os franceses André Thévet e Jean de Léry. Thevet permaneceu no Rio de Janeiro de novembro de 1555 a janeiro de 1556, escrevendo no ano de 1558 o livro *Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps* (Singularidades da França Antártica). Esse livro registra suas impressões acerca dos primeiros tempos da tentativa francesa da fundação da colônia denominada como França Antártica na América do Sul, mais especificamente na baía de Guanabara. O pastor e missionário Jean de Léry publicou em 1578 seu diário de viagem sob o título *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (Viagem à terra do Brasil) depois de ter permanecido na colônia francesa estabelecida na baía de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro. Sua narrativa começa com a travessia atlântica, passando pela estadia do autor entre os índios tupinambás após a crise da França Antártica, e terminando com a sua volta à Europa. Léry faz descrições da terra, da natureza e dos índios, apontando em seus textos peculiaridades, como transcrições das músicas indígenas⁷ e diálogos. No seguinte trecho de sua obra, temos um diálogo que mostra a incompreensão do nativo em relação à necessidade de acumulação de bens, tópico do qual nos aprofundaremos no capítulo a respeito das diferenças culturais.

⁷ A obra de Léry contém as primeiras anotações grafadas de cantos indígenas da literatura, sendo considerada a obra pioneira da transcrição musical indígena (ACADEMIA BRASIL-EUROPA, 2008).

Por que vindes vós outros, maírs e perôs (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente: “e por ventura precisais de muito?

—Sim, repondí-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só dêles compra todo o pau Brasil com que muitos navios voltam carregados.

—Ah!, retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas esse homem tão rico de quem me falas não morre? —Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, porisso perguntou-me de novo: “e quando morrem para quem fica o que deixam? —Para seus filhos se os têm, respondi; na falta dêstes para os irmãos ou parentes mais próximos. —Na verdade, continuou o velho que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros *mairs* sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aquí chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aquêles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que, depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, porisso descansamos sem maiores cuidados. (LÉRY, 1941, p. 154-155)

Foi no século XIX que o Brasil despontou como nação no contexto mundial. A abertura dos portos em 1808 possibilitou contato com outros países e, conseqüentemente, a ruptura do antigo sistema colonial, cessando, assim, as restrições ao conhecimento em relação ao Brasil. Tal acontecimento foi o principal gerador de um ciclo de viagens e expedições científicas que se estenderam por todo o século XIX (LEITE, I., 1996, p. 45). Sérgio Buarque de Holanda refere-se a “um novo descobrimento do Brasil” empreitado por comerciantes, artistas, imigrantes, naturalistas, diplomatas, mercenários, educadores, oriundos de diferentes lugares do mundo (HOLANDA, 1975, p. 13). De acordo com Lisboa, trata-se de um processo de internacionalização pelo qual o Brasil estava passando e que conferia ao Novo Mundo um caráter cosmopolita. Por se tratar de um universo de abrangência bastante ampla e discutível, o presente capítulo limita-se a alguns viajantes. Destinaremos uma maior ênfase a esse período, primeiramente, por ser o mais abrangente em literatura de viagem, e por ser neste período que se insere a obra de Ina von Binzer, possibilitando-nos, assim, comparações de discursos destes viajantes em relação ao Brasil.

A abertura dos portos da colônia portuguesa em 1808 e as práticas iluministas do Marquês de Pombal, em cuja política governamental se inseria o interesse político que acentuou o caráter pragmático do pensamento científico do século, foram responsáveis pela chegada de muitos viajantes ao Brasil ao longo do século XIX. Dos grupos que aportavam no país, a presença dos ingleses é a mais notável, devido aos privilégios a eles concedidos em

decorrência do Tratado de 1810.⁸ Vale ressaltar que a abertura dos portos foi favorecida pelas relações entre Portugal e Inglaterra. A união dos dois países diante do Bloqueio Continental e a ajuda inglesa na mudança da família real para o Brasil motivaram a vinda dos ingleses para nossa terra. Os bretões exerceram significativa influência tanto sobre a economia quanto no campo das ideias, sendo os primeiros a lançar publicações sobre o Brasil no Velho Mundo. Embora tenha havido um número expressivo de viajantes ingleses no território brasileiro, outras nacionalidades voltaram seus interesses ao país, deixando igualmente importantes registros de suas viagens em forma de relatos, resumos, estatísticas, epístolas, conferências, diários e material iconográfico.

Os diferentes interesses em relação ao Novo Mundo formaram uma espécie de rivalidade internacional que, segundo Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997, p. 21), se refletiu no número de oficiais da marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes. Na primeira metade do século XIX, famílias de comerciantes vieram constituir as colônias estrangeiras (inglesa, francesa, americana e alemã) na cidade de Rio de Janeiro.⁹ Era bastante expressivo, por exemplo, o número de comerciantes ingleses. Estes, juntamente com franceses e americanos, estariam interessados na exploração imediata, com evidentes interesses comerciais (LISBOA, 2000, p. 268).

Entre os alemães não se tinha notícia de tantos comerciantes, o que, segundo Lisboa, não os desviava do interesse de explorar o país através das grandes expedições científicas. Em consequência da vinda de estrangeiros, colônias foram sendo formadas por diferentes nações, acionando a reeuropeização brasileira a partir de 1808 e, assim, expandindo padrões da burguesia abastada inserida em um núcleo semicolonial dos trópicos. Na segunda metade do século XIX, chegaram ao Brasil novos tipos de viajantes, entre eles imigrantes, engenheiros, agrimensores, técnicos em estradas de ferro e navegação a vapor, financistas e jornalistas, representantes das novas formas de investimento capitalista no mundo subdesenvolvido. Lisboa explica que as viagens dos estrangeiros e sua produção intelectual devem ser compreendidas no contexto da expansão capitalista e neocolonialista do século

⁸ Pelo segundo artigo do Tratado de 1810, os ingleses usufruíam o direito de negociar, viajar, residir e estabelecer-se nas cidades, vilas, portos e lugares do país. (LISBOA, 2000, p. 267)

⁹ Embora em número mais reduzido, houve também russos, dinamarqueses, suecos, belgas e italianos, provenientes de grupos nacionais que estavam se industrializando e expandindo através do comércio e da abertura de novos horizontes para o conhecimento do globo. (LEITE, M., 1981, p. 220)

XIX (2000, p. 267). Tal conceito pode ser bem compreendido através das palavras do mineralogista inglês John Mawe:¹⁰

Nenhum porto colonial do mundo está tão bem localizado para o comércio geral quanto o do Rio de Janeiro. Ele goza, mais do que qualquer outro, de iguais facilidades de intercâmbio com a Europa, América, África, Índias Orientais e as ilhas dos Mares do Sul, e parece ter sido criado pela natureza para constituir o grande elo de união entre o comércio dessas grandes regiões do Globo. (MAWE, 1944, p. 107)

Tal citação exemplifica de maneira bastante clara o período de supremacia do Império Britânico, devido ao desenvolvimento inédito das relações econômicas britânicas com o mundo ultramarino subdesenvolvido (LEITE, I., 1981, p. 219-220). No final do século XVIII e ao longo do século XIX foram diversos os empreendimentos internacionais em busca de uma descrição física do mundo através de viagens de circunavegação que se detiveram no Rio de Janeiro para reabastecimento. Outros permaneceram não somente por um período transitório; não foram viajantes apenas pela travessia dos oceanos, mas continuaram suas expedições adentrando o território brasileiro.

Alexander von Humboldt tornou-se referência mundial no gênero das expedições científico-naturalistas do século XIX. Embora lhe tenha sido negada licença de entrada pelo governo português, ele é considerado o mentor intelectual dos naturalistas. Foi ele, direta ou indiretamente, o inspirador de muitas das expedições naturalísticas empreendidas no Brasil por viajantes estrangeiros, logo que as mudanças da política européia tornaram tal fato possível. Outros alemães de renome que estiveram no Brasil no século XIX foram Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), Johann Baptiste von Spix (1781-1826), Maximiliano de Wied von Neuwied (1782-1867), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Johann Moritz Rugendas (1802-1858), Georg Wilhelm Freireyss (1789-1825), além do suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), entre outros. Pedro Moacyr Campos, em *Imagens do Brasil no Velho Mundo*, chama a atenção para o fato de que as relações da Alemanha com o Brasil tinham sido inicialmente muito tímidas, passando por interesses diferentes daqueles firmados até o momento. Segundo ele, os problemas internos de unificação nacional que afastaram o país do jogo mundial das grandes potências justificaram tal situação (CAMPOS, 1972, p. 216). Entretanto, os contatos se intensificaram através da abertura dos portos, quando firmas comerciais alemãs começaram a instalar-se no Brasil. Outro fator que ocasionou a

¹⁰ Mawe escreveu *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that Country* (Viagens pelo interior do Brasil, particularmente nos distritos de ouro e diamantes daquele país), publicado em 1812.

vinda de alemães no início do século XIX foi o casamento de D. Leopoldina da Áustria com D. Pedro de Alcântara. Tal união propiciou principalmente a vinda de viajantes naturalistas austríacos, que, convidados pela arquiduquesa e custeados por seu país, a Áustria, vieram para estudar o Brasil, país de adoção da futura imperatriz. Para Olivério Mário de Oliveira Pinto, tais comitivas, além de satisfazer o gosto naturalista da princesa, objetivavam traçar um amplo quadro sobre as potencialidades exploráveis do país, além de propiciar também notícias dos costumes do Brasil para os povos germânicos (PINTO, 1969, p. 453). Alexandre I da Rússia e o rei da Baviera, sogro do pai de D. Leopoldina financiaram muitas das comitivas. Tais missões tinham como objetivo fazer um levantamento sobre a fauna, a flora, além dos costumes do Brasil, para ser enviado posteriormente à Academia de Munique. O produto dessas excursões “ia sendo quase todo remetido para a Europa, em pagamento de compromissos ali assumidos com entidades e instituições, entre as quais merecem referência especial o naturalista Joseph Banks, financiador da viagem de Sellow¹¹ e o Museu de Berlim” (PINTO, 1969, p. 446). O naturalista alemão Georg Wilhelm Freireyss foi trazido por Langsdorff em sua comitiva, que chegou ao Brasil em 1813 para coletar materiais para a constituição de um museu. Viajou junto com o príncipe Maximilian von Wied-Neuvied, coletando espécies raras e visitando tribos indígenas às expensas de museus europeus. Freireyss dedicava-se principalmente à botânica, chegando a catalogar cerca de duas mil aves e oito mil insetos. A expedição ao Brasil foi o ponto culminante da carreira científica de Wied, tendo publicado três importantes obras: *Reise nach Brasilien* (1820-1821) e, no que tange à Zoologia, é de primeira ordem a contribuição fornecida pelo príncipe de Wied, bastando para atestá-lo quatro tomos de *Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens* (1825-1833) e *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens* (1822-1831), seu complemento natural.

Dos ingleses que estiveram no Brasil destacam-se, no panorama do século XIX, Charles Robert Darwin (1809-1882), Richard Francis Burton (1821- 1890), John Luccock,¹² o botânico e médico George Gardner (1812-1849), Henry Koster¹³ e outros. Destacam-se, entre

¹¹ Frederico Sellow (1789-1831) foi um botânico e naturalista alemão. Morreu no Brasil, afogado nas águas do rio Doce. Por influência de Georg Heinrich von Langsdorff, veio ao Brasil em 1814 como membro da primeira expedição científica estrangeira àquele país. Percorreu a região do vale do rio Doce e foi autor do primeiro guia do Brasil para imigrantes, tendo enviado ao museu de Berlim cerca de doze mil plantas, cinco mil aves, cento e dez mil insetos e duas mil amostras geológicas.

¹² John Luccock foi um negociante inglês que viveu no Brasil entre 1808 e 1818. Como resultado de sua longa estadia no Brasil, Luccock escreveu em 1820 *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, cujas observações são relevantes nesta pesquisa por se referirem principalmente a hábitos e costumes do povo brasileiro, possibilitando-nos uma ponte com os relatos de Ina. Não nos foi possível precisar o ano de nascimento e falecimento deste autor.

¹³ Koster é considerado um dos mais importantes cronistas sobre o nordeste brasileiro. Anotava, com detalhes, tudo o que via em suas viagens e no seu dia-a-dia. Tomava parte na vida brasileira, conhecendo seu povo, seus usos e costumes, convivendo nas ruas com as mais diferentes camadas da população e frequentando festas da

os franceses, o naturalista e viajante Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), o jornalista e político Charles Ribeyrolles (1812-1858), o correspondente Max Leclerc, enviado ao Brasil pelo *Journal Des Débats* após a proclamação da República em 1889,¹⁴ o naturalista Alcides D'Orbigny (1802-1857), o viajante Charles Expilly (1814-1886), entre outros. Alguns americanos que registraram suas experiências no Brasil foram o missionário metodista Daniel Parish Kidder (1815-1891) e Thomas Ewbank (1827-1900). Não pretendemos esgotar as contribuições dos inúmeros viajantes que aportaram e escreveram sobre o Brasil. Sabemos que o século XIX é caracterizado por uma multiplicidade de relatos, focalizamos, entretanto, aqueles cujas obras nos permitam fazer uma mediação com as observações apontadas pela viajante Ina von Binzer.

Vários foram os interesses que motivaram os estrangeiros a se aventurarem no Novo Mundo. Inicialmente, foram os comerciantes ingleses os principais interessados nas potencialidades do mercado brasileiro. Os alemães, como já vimos anteriormente, interessavam-se sobretudo pelas expedições científicas e descobertas de novas espécies e matérias-primas, que também implicavam significativo retorno econômico e prestígio político (LISBOA, 2000, p. 268). A autora destaca dois grupos distintos de viajantes do século XIX: Inglaterra, França e Estados Unidos estariam interessados na exploração imediata através de interesses comerciais. Já Alemanha, Áustria, Suécia e Itália, que vinham se firmando como nações unificadas, ainda não estariam participando ostensivamente da corrida expansionista, em decorrência de seu próprio *status* no continente europeu. Lisboa ainda nos explica que, nos escritos desses forasteiros, eram avaliadas as potencialidades econômicas, sociais e naturais do país visitado, favorecendo a conquista, a ampliação e a manutenção de novos mercados e a coleta de amostras da natureza. Dentre os visitantes em geral encontravam-se oficiais da marinha, diplomatas comerciantes, aventureiros, artistas, cientistas, soldados, missionários e até educadores. Um dos grupos mais abrangentes de viajantes é o dos naturalistas. O século XIX foi o século do progresso científico na Europa, acompanhado também de um amplo desenvolvimento tecnológico e industrial. O conhecimento pré-científico do século XVII já havia extinguido a concepção ideal de natureza do período medieval. A fantasia e o idealismo que envolviam a percepção da natureza eram substituídos por uma preocupação realista que procurava explicar o mundo não mais a partir de um criador

sociedade local. De volta à Inglaterra, escreveu em 1816 *Travels in Brazil*. A obra obteve uma grande repercussão na Europa, com várias edições publicadas em diversas línguas. A primeira edição brasileira do livro, com tradução de Luís da Câmara Cascudo, foi publicada em 1942, com o título *Viagens ao Nordeste do Brasil* (GASPAR, 2008).

¹⁴ *Cartas do Brasil* (Paris, 1890) foi traduzido por Sergio Milliet e editado em São Paulo em 1942. Não há dados biográficos completos no volume.

distante e inatingível, mas a partir do próprio homem. Era preciso conhecer e desvendar os mistérios da natureza (LEITE, I., 1996, p. 93). Ilka Boaventura Leite nos esclarece que nos períodos anteriores ao século XIX, os homens que viajavam saíam de suas terras como aventureiros e retornavam como heróis. Já no século XIX, os homens deixavam suas terras como exploradores e cientistas e retornavam como especialistas. Durante o século XIX, a cientificação marcava a sociedade europeia, que buscava seu próprio desenvolvimento e avançava em rumo das grandes descobertas na ciência e na tecnologia. Foi o século do “fazer ciência” e, portanto, dos naturalistas. A seguinte passagem do diário de Darwin revela o que representava para um cientista a atividade de naturalista no Brasil. O trecho foi escrito em 29 de fevereiro de 1832, quando ele explorava as florestas ao redor da cidade de Salvador:

Satisfação é um termo fraco para exprimir os sentimentos de um naturalista que passeia só, numa floresta brasileira, pela primeira vez. Entre a quantidade de coisas notáveis estão os luxuriosos capins, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores, o rico verde da folhagem. Tudo enche de alegria. A mistura mais paradoxal de sons e silêncio penetra nas partes sombrias do mato. O ruído dos insetos é tão alto que pode ser ouvido até num navio ancorado a várias centenas de jardas da praia; contudo, dentro dos recessos da floresta, parece reinar um silêncio absoluto. Para quem gosta da história natural, um dia assim traz um prazer tão profundo que dificilmente se pode esperar ter outro. (DARWIN apud LEITE, M., 1997, p. 208)

No Brasil, o grande número de naturalistas constituiu a elite cultural, cuja função no levantamento e estudo da geologia, da zoologia e da botânica do Brasil abrangia também o estudo dos povos encontrados (LEITE, M., 1981, p. 217). Tal preocupação não deixa de ser motivo de exploração, pois, para eles, nossa sociedade vivia ainda em sua minoridade.¹⁵ Portanto, donos da ciência e do desenvolvimento, os europeus dirigiam-se às novas terras para “salvar” suas populações do estado de barbárie e abandono em que estavam, incorporando, assim, a tendência cientificista que auxiliava a explicar o domínio europeu nas novas colônias e impondo novos métodos de se estudar as relações sociais e o andamento da história dos povos.

Em relação à exploração das terras coloniais pelos europeus, Mary Louise Pratt utiliza o termo “anti-conquista”, em alusão ao caráter aparentemente pacífico e reflexivo do viajante-naturalista e às características abstratas da apropriação catalogadora por ele promovida, ou seja, por trás de seu catalogar científico, existe na verdade a missão de estabelecer uma posse intelectual e abstrata de um saber e da natureza. Para o viajante-naturalista, a terra a ser

¹⁵ Expressão emprestada de Kant, para quem o Iluminismo representa a saída do homem da sua minoridade, de que ele próprio é culpado. A minoridade é, segundo Kant, a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem.

explorada caracteriza-se como descultivada e desaperfeiçoada, e seus habitantes são igualmente incivilizados:

It is the task of the advance scouts for capitalist “improvement” to encode what they encounter as “unimproved” and, in keeping with the terms of the anti-conquest, as *disponible*, available for improvement. European aspirations must be represented as uncontested [...]. The European improving eye produces subsistence habitats as “empty” landscapes, meaningful only in terms of a capitalist future and of their potential for producing a marketable surplus.
[...] It is not only habitats that must be produced as empty and unimproved, but inhabitants as well. (PRATT, 1992, p. 61)

Percebemos, então, que as viagens não objetivavam somente estudos e missões científicas, havia também uma missão considerada por eles como civilizatória. Praticamente todos os autores estavam de acordo que a grande salvação para os problemas do Brasil estaria na imigração européia. Com exceção de Ribeyrolles, que depositava esperança nos mestiços para impulsionar o processo civilizador – embora tivesse também escrito que poucos queriam dedicar-se à agricultura –, a maioria punha ênfase na vinda dos europeus, e não de asiáticos, ou ainda, como explicita Ina von Binzer, de preferência germânicos. Nestes relatos, reiterava-se a crença na vocação civilizatória do europeu nas ex-colônias, conferindo-lhe o papel de fundador e formador da sociedade (LISBOA, 2000, p. 292). Para Lisboa, o processo civilizador é, antes de tudo, um eufemismo para a denominação de valores cunhados pelos europeus e transpostos ao Novo Mundo. Os viajantes recorriam aos parâmetros próprios da cultura européia para interpretar a sociedade visitada, baseando-se em critérios de superioridade e inferioridade (LEITE, I., 1996, p. 94). Para Nora Araújo, o relato de viagem não pode ser simplesmente o testemunho inocente e ingênuo, mas a (re)construção de uma experiência de vida e do encontro com o mundo do outro. Nessa linha de interpretação, a autora explica que a tentativa de conhecimento por parte dos viajantes era uma forma de apropriar-se e conquistar:

El intento de conocimiento por parte de los viajeros era una forma de apropiación y conquista, la de ordenar los fenómenos en categorías determinadas, pues colocados en la posición panóptica, tenían el privilegio del voyeur: ver sin ser vistos, y de articular un saber en tanto que espacio estratégico, suma en perspectiva de los distintos saberes, en el cual el sujeto se constituía mediante un efecto de conocimiento, siempre parcial. Su discurso, relato de un viaje, no tendría un lado oculto, sino una voluntad de verdad, principio organizador de los referentes, y sometida al régimen de verdad predominante. (ARAÚJO, 2008)

O viajante trazia a postura do civilizado diante do povo atrasado. Mesmo quando não pertencia à nobreza ou à alta burguesia, identificava-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso, basicamente econômicos (LEITE, M., 1981, p. 224). Estaremos aprofundando este enfoque no capítulo sobre diversidades culturais. Pretendemos nesse capítulo mostrar que além dos objetivos de natureza científica, econômica ou política, muitos vinham ao Brasil também por motivos etnográficos, investigando extensivamente línguas e aspectos sociais e culturais.

Naturalistas e artistas integravam expedições científicas juntos. Os artistas eram especialistas em animais, plantas, retratos ou paisagens e produziam a documentação iconográfica das viagens. Quanto à procedência, a predominância de naturalistas do Reino Unido era bastante significativa devido ao poder comercial e industrial da Grã-Bretanha, mas também porque almejavam territórios em condições pré-capitalistas e também matérias-primas para indústrias inglesas. Da Alemanha, vieram naturalistas da Prússia, Bavária, Hessen, Leipzig e Lübeck. O desenvolvimento de métodos modernos de ensino nas regiões de língua alemã promoveu institutos especializados que transformaram a Alemanha ainda dividida em um centro científico (LEITE, M., 1997, p. 170). O terceiro grupo de cientistas proveio da França. Alguns vieram fugidos de perseguições políticas, outros chegaram ao Brasil em missões oficiais dos grandes institutos científicos criados pela Revolução Francesa.

Um segundo grupo de viajantes, no qual podemos destacar outro tipo de interesse no Brasil, são os comerciantes. Ao introduzirem os produtos de seus países no mercado brasileiro e descreverem características desse mercado, acabavam produzindo documentos vivos e às vezes penetrantes das condições de vida no país, embora se limitassem aos elementos visíveis da economia. A presença dos comerciantes deve ter marcado de tal maneira a população do país, que esta identificava o estrangeiro-viajante com comerciante (LEITE, M., 1981, p. 218-219).

Ina von Binzer faz parte do grupo menos numeroso, o dos educadores. Entretanto, este foi aquele que propiciou uma sensível penetração dos inter-relacionamentos familiares e dos diversos grupos sociais no Brasil. O caso das governantas, que viveram em casas de famílias brasileiras abastadas, chegou a ser denominado “colonização doméstica” (LEITE, M., 1981, p. 219). As cartas de Ina von Binzer revelam com grande clareza a situação de uma educadora que tentava transmitir às crianças brasileiras a educação europeia num mundo para ela estranho e hostil.

Os tipos de viajantes vistos até agora tinham também grupos de convívio distintos. Cientistas, diplomatas e oficiais da marinha tiveram contato quase exclusivo com a Corte ou

com representantes diplomáticos de outros países; soldados, artistas, missionários e educadores tinham relações mais diversificadas com a população. Os naturalistas, por motivos das distâncias percorridas e da falta muitas vezes de albergues, relacionavam-se com pessoas de diferentes camadas sociais, o que os ajudava também nos seus estudos sobre os povos encontrados. Para eles,

o viajante não podia ser um simples espectador, mas sim um ator de passagem, um observador atento da realidade, exercitando diante dela a arte de pensar, despreendendo-se de seu mundo imaginário para dirigir sua atenção ao mundo real e imaginário do outro, que ali encontrava. (LEITE, M., 1997, p. 16)

Uma das características dos escritos dos viajantes é sua variabilidade temática. Alguns autores proporcionaram uma visão geral do país, enquanto outros optaram por tratar de temas mais específicos. Alguns vinham por interesses pessoais, outros através do interesse de um financiador da viagem, ou seja, havia um patrocinador cujos interesses estavam vinculados à investigação e à exploração de potencialidades naturais e humanas. Viagens que visavam a estudo, trabalho e pesquisa tendiam a abordar temas mais específicos, por exemplo, a Geologia, a Mineralogia, a Botânica e, em menor grau, a História e a Geografia. Quando visavam ao lazer, ao comércio ou ao turismo, predominavam no conteúdo os temas variados, de modo a permitir uma visão panorâmica dos locais visitados. Os temas gerais abordados pelos viajantes são geralmente recorrentes, possibilitando uma comparação entre si e destacando aspectos sobre a geografia local, o clima, os recursos naturais, habitação, vestuário, alimentação, formas de subsistência, festas, religião, costumes, organização política, organização de trabalho, etc. Sendo por motivo pessoal ou por interesse de um financiador, o viajante sempre tinha seu país de origem como ponto de referência. A respeito da validade dos relatos destes viajantes, Miriam Moreira Leite observa que a percepção do visitante estrangeiro é mais aguçada que a maioria dos habitantes das populações visitadas. O estrangeiro tem mais experiência em relação àqueles que sempre conviveram na mesma realidade social e que têm uma história pessoal engrenada à história e aos costumes do grupo social do qual fazem parte. Ela afirma que o autóctone, que sempre viveu naquela realidade social, frequentemente dá por suposto, toma como natural uma situação ou relações sociais que, para o estrangeiro, aparecem com maior nitidez, por comparação com a sua maneira de viver o cotidiano (LEITE, M., 1984, p. 19).

2.4 Mulheres viajantes no Brasil

No Brasil, o número de viajantes mulheres em relação ao de homens já é indicativo de um padrão – o espaço para mulheres em viagens longas e perigosas não existia no início do século XIX. Esta esfera foi conquistada lentamente com a abertura dos portos, que possibilitou um aumento significativo de estrangeiros nos países, e com a modernização dos meios de comunicação e dos transportes; entretanto, continuou sendo uma área predominantemente masculina. De 1800 a 1850, dos oitenta livros de viagem selecionados, apenas cinco foram escritos por mulheres. Rose de Freycinet¹⁶ (1817), por exemplo, embarcou clandestinamente, disfarçada de homem. De 1850 a 1900, há um registro de dezessete autoras entre os noventa e dois livros de viajantes examinados. Os perigos das viagens longas e esporádicas em veleiros da primeira metade do século XIX tinham dado lugar a linhas normais de navegação a vapor, que se tornaram mais rápidas e economicamente mais acessíveis na segunda metade desse século, permitindo, assim, com o lazer da classe média e alta, o aumento do número de passageiros em geral, ou seja, um aumento proporcional de passageiras e de serviços e, conseqüentemente, de viajantes.

1764	Jemina Kindersley	1857-1859 1863-1875	Marie Barbe van Langendonck
1809	Elizabeth Macquarie	1865 - 1866	Elisabeth Cary Agassiz
1817-1820	Rose Freycinet	1870	Carmen Olivier de Gelabert
1821-1823	Maria Graham	1872-1873	Marianne Moore
1835	Langlet Dufresnoy	1876	Annie Brassey
1843-1844	Baronne de Langsdorff	1881-1884	Ina von Binzer
1846	Ida Pfeiffer	1886-1888	Marguerite Dickens
1849-1862	Adéle Toussaint- Samson	1888	Teresa da Baviera
1857	Virginie Leontine B.	1889	Marie Robinson Wright
1858	Isabel Arundel Burton		

Tabela 1: Mulheres viajantes e seus respectivos anos de permanência no Brasil. (LEITE, M., 2000, p. 131)

Deste limitado universo de viajantes mulheres, destacamos poucas cientistas, dentre as quais podemos citar Teresa da Baviera e Ida Pfeiffer, uma das primeiras mulheres

¹⁶ A referência citada por Jean Marcel França (2008) é: FREYCYNET, Rose de Saulces. *Journal de Madame Rose de Saulces de ...d'après le manuscrit original accompagnée de notes par Charles Duplomb*. Paris: Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.

exploradoras e também membro das sociedades geográficas de Berlim e Paris. A grande maioria vinha acompanhada de seus esposos que eram cientistas, engenheiros, diplomatas, militares, missionários, jornalistas, comerciantes, entre outros. Explica-nos June E. Hahner (1998) em seu livro *Women through Women's Eyes* que algumas mulheres também vinham à América Latina como missionárias, ou até mesmo para participar de expedições artísticas, recuperar-se de problemas de saúde ou depressão, vinham também em busca de realização pessoal ou para se aliviar de problemas financeiros, como no caso de Flora Tristán, que viajou ao Peru para recuperar uma herança (HAHNER, p. xiii). Miriam Lifchitz Moreira Leite diz serem poucos os livros de autoria de educadoras, moças instruídas, que se propuseram a ganhar a vida, enfrentando a solidão de um mundo relativamente hostil e tentando transmitir a crianças brasileiras a educação européia que tinham recebido (1981, p. 219). O depoimento de Miriam Lifchitz serviu como estímulo para a composição deste trabalho, pois Ina von Binzer é uma destas poucas educadoras que nos proporciona através de suas cartas um rico e detalhado acervo de informações sobre o seu cotidiano em relação a outra cultura, envolvendo crenças, costumes e hábitos, além de fornecer um rico panorama histórico da época em que aqui viveu. Centenas são os trabalhos de viajantes homens sobre o Brasil, entretanto, são poucos os depoimentos de mulheres sobre este país e menor ainda os de educadoras, circunstância que inspira esta pesquisa.

Mary Del Priore, no prefácio do livro de Jean Marcel Carvalho França intitulado *Mulheres Viajantes no Brasil (1764-1820)*, comenta que, além do olhar sobre o Brasil, todas as viajantes contam um pouco de suas vidas, revelando as “dobras da alma”, os hábitos e as tradições que carregam consigo. Todas têm de arrumar o espaço interior de suas identidades, amoldá-lo ao ambiente, no qual se incluem por meio do grupo ao qual pertencem. Todas misturam escrita autobiográfica e registro de viagem, revelando as relações entretidas com seus maridos, seus patrícios, os outros diferentes e, sobretudo, as mulheres estrangeiras (PRIORE in FRANÇA, 2008, p. 9). Em relação às suas congêneres, as mulheres viajantes são mais críticas do que os homens, como mostra o seguinte trecho do diário de Rose de Freycinet:

As mulheres, proibidas de ir a espetáculos, cuidam de substituí-los por essas festas religiosas, às quais comparecem sempre muito enfeitadas e decotadas, como se estivessem em um baile, tratando mais de se divertirem do que rezar a Deus. (FREYCINET apud FRANÇA, 2008, p. 81)

Ina von Binzer também lança seu olhar de estranhamento diante dos trajes das mulheres de nossa sociedade. Ela relata a Grete sobre as roupas que vestiam as brasileiras na inauguração de uma estrada de ferro em Minas Gerais, mais especificamente a sobrinha do seu anfitrião:

Da konntest Du Damen, die sonst das ganze Jahr hindurch nichts wie ein Kattunfähnchen tragen, in hochroten oder kraßblauen, ja gelben und grünen Seidenkleidern sehen, und die Nichte unserer Wirte, die ein chamoisfarbenes Atlaskleid trug, das ungefähr ihrer eigenen Hautfarbe konkurrenz machte, wird mir nie aus dem Gedächtnis entschwinden. Es war mit rotem Samt beflaggt und viereckig ausgeschnitten; die Schleppe, deren weißer Spitzenansatz halb abgerissen war, wirbelte im Staube; ihre braunen beringten Hände hielten einen der buntesten Fächer [...] in diesem Kostüm sah sie wirklich affreuse aus!¹⁷ (BINZER, 1994a, p. 42-43)

Para as viajantes, o vestuário é um componente dos costumes que mais definem a conduta do ser humano. Por detrás do vestuário se escondem os valores que levam à moralidade dentro de um contexto social que se aceita ou se rejeita (NEUBERGER, 2007, p. 28). Na observação acima, Ina acaba manifestando também seu preconceito racial quando ela menciona que aquelas “mãos morenas” estavam cheias de anéis. Mais adiante, na mesma passagem, ela diz parecer a sobrinha “uma pessoa de olhar bondoso, apesar de seu rosto moreno”.

Hahner (1998, p. xvii), ao refletir sobre as viajantes estrangeiras, afirma que as mulheres dedicavam grande parte de seus relatos na descrição de suas congêneres latinas, em contraste com seus patrícios, que optavam pela total exclusão das mesmas. Ainda segundo a autora, as observações dessas estrangeiras em relação às mulheres latinas tendem a ser baseadas em modelos de feminilidade de seus próprios países de origem:

The ways in which they observed gender relations generally conformed to such relations in their own societies, where women did not occupy dominant positions. Women authors measured Latin American systems of gender relations, sexuality, and family against Northern European and U.S. systems, which they generally assumed to be superior. They frequently lamented the relative lack of education or freedom accorded women in Latin America as compared to that found in their homelands, or commented on customs that they found unusual or unpleasant, such as women frequently smoking. (HAHNER, 1998, p. xvii)

¹⁷ “Assim, você bem faz uma idéia dessas senhoras, que durante o ano todo se vestem de chita, exibindo trajes de cor vermelho berrante, azul forte e até verde e amarelo! A sobrinha do dono da casa onde nos hospedamos usava um vestido de cetim e cor *chamois*, confundindo-se com a da sua pele, e não me sairá nunca da memória. Era embandeirado de veludo vermelho e tinha um decote quadrado; a cauda enfeitada de rendas meio rasgadas, redemoinhava no pó. Suas mãos morenas cheias de anéis seguravam um leque muito colorido [...] Com esse traje, porém, estava afreuse”. (BINZER, 1994b, p. 50-51)

Através das comparações com seus países de origem, as viajantes acabam também nos informando sobre seu lugar de procedência e seus valores culturais, incluindo, por exemplo, noções de comportamento feminino, pois

travel literature consists of the impressions of one culture viewing another. Finally, travelogues often tell us as much, if not more, about the culture of the author as that of the subject matter, thus making them doubly valuable as sources. (LORCIN, 2009)

Apesar das similaridades no estilo das escritas das viajantes que estiveram no Brasil, há também diferenças entre os discursos. Segundo Priore, as protestantes são mais ríspidas e contidas, enquanto as católicas são mais emotivas, deixando falar a subjetividade. Enfim, cada texto é um caleidoscópio de informações variadas e interessantes sobre as viagens e também sobre as próprias viajantes (FRANÇA, 2008, p. 8-9).

2.5 A temática da viagem: viagem na literatura e literatura na viagem

De acordo com Ilka Boaventura Leite, a noção de viagem pode ser examinada a partir de dois prismas, que, embora diferentes enquanto experiência, são, ao mesmo tempo, complementares: a viagem enquanto ato e a viagem como narrativa, isto é, o texto (LEITE, I., 1996, p. 349). Ambas as definições transitam em espaços interdisciplinares, como sugere o título desta seção. Viagem na literatura implica uma produção literária ficcional, que pode ter sido criada a partir do ato de viajar, porém, configurando uma espécie de (re)invenção do último; a literatura na viagem significa viajar e escrever sobre a viagem, expressando um tipo de produção literária específica, com diferentes formas, autorias, conteúdos e sujeitos. Esta pode ser relevante não só para a prática antropológica, como também para a literatura comparada, que se preocupa tanto com o texto quanto com o contexto. Segundo Ilka Boaventura Leite, as narrativas em torno da viagem geram duas vertentes; uma em direção ao ficcional, quando vai perdendo a sua pretensão de explorar o aspecto vivencial como prova, testemunho do “real”; outra quando procura afastar-se do ficcional e parte em busca da objetividade almejada pelo academicismo, pelo método científico positivo (1996, p. 350-351).

A viagem sempre foi tema afim ao imaginário europeu e, conseqüentemente, ao imaginário ocidental. Desde a Idade Média até os dias atuais, o tema desperta nos leitores a curiosidade e a ampliação dos horizontes dos que não puderam aventurar-se em terras

desconhecidas. Viagens de aventura, de exílio, de retorno à pátria, de peregrinação, expedições, enfim, todos os gêneros de viagem ganham a imaginação de seus leitores. A viagem não só no mundo real, mas também no interior do ser humano através da imaginação, propicia ao leitor a impressão de estar envolvido diretamente no mundo real e, ao mesmo tempo, no mundo fictício. A temática da viagem constantemente foi e ainda tem sido presença marcante em epopéias, romances, poemas e contos, constituindo “um dos arquétipos temáticos e simbólicos entre os mais produtivos na literatura” (KRYSSINSKI, 2003, p. 22). Entre alguns exemplos dos inúmeros textos já produzidos, podemos citar *Odisséia*, *A divina comédia*, *Os Lusíadas*, *Dom Quixote*, *Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe*. Embora distintas, viagem na literatura e a literatura de viagem se entrecruzam na medida em que dialogam entre si. No caso do Brasil, a literatura de viagem prolifera, sobretudo, a partir do Renascimento em decorrência dos movimentos expansionistas que levaram aos descobrimentos. A literatura de viagem aqui produzida é de extrema importância, dado o número expressivo de obras publicadas desde a descoberta do país. Os primeiros cronistas são responsáveis pela construção de imagens do Brasil que, mais tarde, passam a dialogar com a literatura ficcional. Flora Süssekind chama-nos atenção, em sua obra *O Brasil não é longe daqui*, para o olhar de forasteiro dos primeiros narradores ficcionais, que, muitas vezes, exibem a própria condição de viajante estrangeiro pelos sertões do Brasil. Eles descrevem a paisagem e os costumes a partir de um olhar de fora, figurando-os através de um padrão estabelecido pelas crônicas e pinturas dos viajantes estrangeiros (SÜSSEKIND, 2000). Gínia Maria Gomes, ao comentar a obra de Flora Süssekind, afirma que, na ficção dos séculos XIX e XX, muitas narrativas estabelecem interlocução com as crônicas de viagem, seja através do procedimento paródico ou de outros recursos da construção da narrativa, seja através da retomada das imagens dos cronistas, confirmando-as ou negando-as. Süssekind toma como exemplo a obra *Os sertões*, em que Euclides da Cunha, ele próprio um viajante, mostra-se conhecedor de crônicas de viagem, principalmente aquelas dos naturalistas do século XIX. Segundo Gomes, as observações permitem afirmar que, embora distintas, não se pode negar o importante diálogo que se estabeleceu entre a obra de Euclides da Cunha e a dos naturalistas que o influenciaram (GOMES, 2003, p. 11). Surge destas duas literaturas um diálogo entre não-ficcional e ficcional, no qual o primeiro serve de projeto, como no caso do Brasil, para a afirmação de uma literatura nacional. Desde que a primeira carta de Colombo e as de Vesúpcio foram traduzidas e divulgadas pela Europa, a popularidade dos relatos sobre a América cresceu extraordinariamente, aguçando nos leitores um senso de mistério e de maravilha, o que fazia do leitor de Léry, por exemplo, um cúmplice, alimentando nele

exaltadas expectativas de um paraíso terreal (SÜSSEKIND, 2000, p. 132). Os leitores de Léry foram os responsáveis, em parte, pela grande repercussão imediata de seu relato, que chegou a ser reeditado cinco vezes até o ano de 1600. Embora as duas literaturas se interpoem, há uma diferenciação nos estilos que as compõe: a literatura de viagem é caracterizada por seu “estilo simples da verdade”, já a literatura ficcional baseada nos travelogos é caracterizada pelo “estilo embelecido da ficção”. Flora Süssekind denomina a escrita de viagem de escrita-em-trânsito. Esta se baseia na experiência de viajar, na coleta interessada de espécimes e na presteza com que os viajantes as descreviam, aliadas ao ritmo da viagem percorrida. Segundo a autora, a escrita-em-trânsito caracterizar-se-ia pelo estilo simples, pela “falta de pompa” de quem escreve às pressas e não pode se preocupar com possíveis aparatos retóricos, o que conferiria a esse tipo de literatura “garantia de fidelidade” e “escrúpulo de exatidão”. Acerca dessa questão, Saint-Hilaire já afirmara: “Levei o escrúpulo da exatidão ao máximo; e devo confessá-lo, preocupei-me mais em pintar com fidelidade o que observei do que em limar o estilo” (HILAIRE apud SÜSSEKIND, 2000, p. 145). A alegação do “estilo simples da verdade” era comum e quase obrigatória em qualquer livro ou relato de viagem da época. Tal depoimento acerca da veracidade dos relatos é encontrado também na obra de Hans Staden. A credibilidade do testemunho é apontada pelo autor do prefácio:

E como faz êle esta descrição sem palavras pomposas e floridas, sem exagerações, tenho plena confiança na sua autenticidade e verdade, até porque nenhum benefício pode êle colhêr em mentir, em vez de contar a verdade [...]. Sou de opinião e considero para mim valiosa prova de verdade o fazer êle esta descrição de um modo tão simples [...]. Nada, contudo, se ganha em desacreditar a verdade por amor de mentiras. E’ também para notar que certas coisas contadas e tidas pelo vulgo como impossíveis, para homens de entendimento não o são; e tomadas por verídicas, quando investigadas, mostram sê-lo evidentemente. (LÓFGREN in STADEN, 1900, p. 40)

Percebe-se como o “estilo simples da verdade” insere-se na linha de pensamento do autor do prefácio e o quão importante é a afirmação desse testemunho para conferir credibilidade à obra de Staden.

Já a obra ficcional era muitas vezes percebida como não confiável. A associação entre ficção e mentira, um *topos* da época, parece ter sido uma das molas propulsoras para se buscar outras formas de discurso, tidas como mais confiáveis. Buscava-se, portanto, estreitar as relações entre os relatos de viagem e a literatura ficcional, a fim de conferir credibilidade também à obra de ficção. Uma estratégia foi inserir no romance folhetinesco um narrador em movimento, como no caso do narrador-em-trânsito dos travelogos. Segundo Süssekind, isto

lhes permitia abrazeirar um pouco a paisagem e ensaiar um narrador sempre em movimento, mas com um ponto de mira fixo e armado como o de um cientista (2000, p. 146). É exatamente esse estreitamento entre o ficcional e não-ficcional que encontramos também na obra de Ina von Binzer. Ora ela se revela como cientista, manifestando um olhar armado e pragmático, ora ela se apresenta como um sujeito reflexivo, desprendido do olhar metódico para compor uma narração mais sentimental, típica de um romance epistolar. Cabe-nos então questionar se a obra de Ina compõe um romance epistolar ou literatura de viagem.

3 INA VON BINZER: UMA VIAJANTE-EDUCADORA NO BRASIL IMPERIAL

A educadora alemã Ina von Binzer nasceu em 3 de dezembro de 1856 em Lauenburg, Alemanha. Em decorrência da profissão de seu pai, um administrador florestal, a família via-se obrigada a mudar-se com bastante frequência, de modo que Ina passou sua infância em diferentes cidades da Alemanha. Ela obteve sua educação escolar em Arnsberg, na Vestfália, e de lá partiu para um colégio interno em Bonn, formando-se professora, profissão que ela exerceria somente um ano mais tarde, quando sua família se mudou para a cidade de Königsberg, na Prússia. Talvez tenham sido essas várias peregrinações da autora durante sua infância e adolescência que a motivaram a emigrar para o Brasil em 1881 para uma aventura que seria a maior e mais fascinante de sua vida. Em 1884, ela retorna à sua pátria, dedicando-se à profissão de escritora. Usando o pseudônimo de Ulla von Eck, ela escreve cartas que são publicadas na Alemanha no ano de 1887 sob o título *Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien (Os meus romanos: alegria e tristezas de uma educadora alemã no Brasil)*. A obra relata as experiências que Ina viveu no Brasil enquanto preceptora nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O livro, que teve sua primeira edição em português pela editora Anhembi em 1956, é, segundo as palavras de Paulo Duarte, não apenas “um excelente documentário sobre a vida brasileira do final do século XIX”, mas também “uma excelente obra literária” (DUARTE in BINZER, 1994b, p. 13).

O estudo de suas cartas, quarenta ao todo, permite-nos revivificar a história brasileira no período do Segundo Império através dos olhos de uma viajante estrangeira, que, por ser mulher, tinha acesso aos lugares da casa onde a entrada de homens era restrita ou proibida. Dessa maneira, ela podia lançar um olhar mais profundo sobre o cotidiano das famílias e empregados, conhecendo melhor sua intimidade. Sobre este aspecto, ela comenta:

In dieser Weise sind wir Erzieherinnen im Vorteil gegen die Kaufleute und andere Europäer, von denen die wenigsten je die Küstenplätze verlassen, sondern die meisten nach zehn und zwanzig Jahren nach Europa zurückkehren, ohne das Land oder das Leben der Brasilianer im geringsten zu kennen, während wir, die wir direkt in den Familien leben, auf diese Weise ja alle Schikanen mitmachen müssen.¹⁸ (BINZER, 1994a, p. 115-116)

¹⁸ “Neste particular nós, as professoras, levamos vantagem em relação aos comerciantes e outros europeus dentre os quais muito poucos se afastam das cidades marítimas, e a maioria depois de dez ou vinte anos retorna à Europa sem conhecer o resto do país e muito menos a vida real dos brasileiros; ao passo que, convivendo na intimidade deles, temos ocasião de observar de perto toda a trama”. (BINZER, 1994b, p. 117-118)



Figura 4: Ina von Binzer (1882) (RITZKAT, 1999, p. 26).

Contratada para trabalhar como preceptora dos filhos de um influente fazendeiro, ela chega ao Rio de Janeiro em maio de 1881. Na época, era comum a prática da contratação de professoras estrangeiras para propiciar educação às crianças e jovens das classes abastadas. Nas primeiras décadas do Império, ainda era pequeno o número de professoras particulares estrangeiras contratadas, porém, na segunda metade do século XIX, elas já faziam parte da realidade das elites locais.

Depois de passar oito meses trabalhando no interior do Rio de Janeiro, na cidade de São Francisco, ela se muda para a capital para lecionar em um colégio para moças, onde permanece por somente três meses. Dali, ela parte para a cidade de São Paulo, contratada para lecionar para os filhos de outro fazendeiro. Ina trabalhou com esta família por cinco meses, de março a julho. São Sebastião, no estado de São Paulo, foi o quarto e último lugar onde Ina fixou residência no Brasil. Ela fora contratada para ser a preceptora das três filhas do Senhor de Sousa. Este parece ter sido o emprego que mais a agradou no Brasil, de forma que ela permaneceu com esta família até sua volta à Alemanha.

Assim como outros viajantes estrangeiros, que descreviam com grande encantamento o exotismo das terras tropicais, a viajante Ina também se encanta com a paisagem deste país: “Ich war zuerst ganz berauscht, Grete, und trank all das Zauberische, Schöne, Fremdartige förmlich mit allen Sinnen ein...”¹⁹ (BINZER, 1994a, p. 22). Porém, este encantamento se desfaz quando ela se confronta com a realidade dos brasileiros. Ritzkat (1999, p. 16) explica que o deslumbramento muitas vezes desaparecia logo que os viajantes aportavam nestas terras, quando desciam de seus navios para conhecer a cidade. Se, por um lado, não pouparam adjetivos para exaltar as belezas naturais do país, por outro, não deixaram de descrever o atraso, a falta de progresso, o primitivismo de seus habitantes e a sujeira que se acumulava por toda parte. Muitas vezes, ao analisar a situação de vida no Brasil, usavam como ponto de referência a realidade de seu país de origem, na maioria das vezes exaltando a superioridade deste. Assim aconteceu também com a viajante Ina:

Und drinnen in der Stadt erscheint's auf den ersten Blick wie draußen: phantastisch, südlich, fremdartig und wunderbar reizvoll – nur eins gesellt sich hier noch außer dem betäubenden Lärm hinzu, was man draußen gern vermißte: der Schmutz und die Unordnung! Die Straßen sind eng und schlecht gepflastert – ich bin einmal in einer Droschke darüber gefahren und nie wieder – die Trottoirs, besonderes in der Geschäftsgegend, ebenso unsauber wie der Damm. Die Häuser sehen sich zwar recht lustig an mit ihrem Mantel von drei, vier und mehr Farben, aber es ist meistens nichts rein und vieles windschief daran vom Dach bis Schwelle. Alles erscheint uns strafferzogenen Norddeutschen nachlässig und die Menschen so – ja, ich weiß nicht wie – ich glaube: undiszipliniert wäre das Wort.²⁰ (BINZER, 1994a, p. 68)

As opiniões de Ina sobre nosso país e seus habitantes provocaram e ainda provocam divergências. Muitos, como o editor da primeira edição em língua portuguesa, Paulo Duarte, acreditam que suas críticas em relação ao Brasil sejam justificáveis, pois tais atitudes explicam-se pela psicologia de um expatriado, que, segundo ele, é sempre a mesma no tempo e espaço: “Há uma perene prevenção no julgamento dos usos e costumes estranhos e até uma instintiva hostilidade contra o país que abriga o refugiado ou simples imigrante” (DUARTE in BINZER, 1994b, p. 9-10). Para Duarte, as considerações de Ina são precisas, adequadas e, ao

¹⁹ “No começo fiquei embriagada, Grete, e absorvia essa magia, essa beleza, esse exotismo com todos os meus sentidos”. (BINZER, 1994b, p. 33)

²⁰ “À primeira vista, a parte interior da cidade corresponde à exterior: meridional, estranha, fantástica, magnificamente encantadora! Só algumas coisas mais, além do barulho ensurdecador, seriam dispensáveis: a sujeira e a desordem. As ruas são estreitas e mal calçadas. Passei de carro uma vez, mas nunca mais o farei. As calçadas, principalmente nos bairros comerciais, são tão sujas como o leito das ruas. As fachadas das casas, de diversas cores, são interessantes de se ver, mas em sua maior parte estão mal cuidadas e há um desequilíbrio qualquer entre os telhados e a base. Para nós, os nórdicos rigidamente educados, tudo nos parece negligente, mesmo o próprio povo, não sei como qualificá-lo – creio que indisciplinado seria a melhor palavra”. (BINZER, 1994b, p. 74)

mesmo tempo, cheias de espírito. Por sua vez, outros, como o historiador Yan de Almeida Prado, julgavam a autora alemã “soberba”, “presunçosa” e “tirânica”, uma “inimiga do Brasil” (PRADO apud DUARTE in BINZER, 1994b, p. 9). Segundo Ritzkat (1999, p. 19), Ina analisa a nossa cultura a partir de um olhar eurocêntrico, isto é, a partir de seu universo cultural, tendo a cultura germânica como modelo de referência. Podemos dizer, então, que a literatura de viagem nos permite interpretar a construção de identidades e alteridades a partir da formação ideológica alicerçada na herança econômica, política, religiosa e cultural da nação de procedência dos viajantes. Vale ressaltar que qualquer um deles, independente dos motivos da viagem ou mesmo dos institutos de pesquisa que a financiavam, vão, ao longo de suas narrativas, fazendo considerações e observações carregadas de juízos de valor, com um olhar a partir de outra realidade, européia, distante deste mundo que se descortinava à sua frente (LEMES, 2009).

Para a historiadora Miriam Lifchitz Moreira Leite (2000), Ina penetrou além do mundo das aparências, problematizando questões aparentemente corriqueiras e fazendo um inventário descritivo de situações que lhe serviam de acesso à realidade estranha com que estava convivendo. Suas cartas revelam bem as emoções e as impressões da autora diante de cada situação vivida.

Ao longo de suas cartas, ela revela-se bastante astuta ao debater questões não só pedagógicas, como também ao discutir questões sociais, políticas e econômicas do país. É possível perceber através de seus relatos, a intensa agitação que antecede acontecimentos históricos importantes como a Abolição da Escravatura em 1888 e a Proclamação da República (1889). Ina von Binzer observa todas essas questões com um olhar crítico, dando-nos um panorama da situação do Brasil naquela época, demonstrando um profundo interesse pelo problema da escravidão e do trabalho livre, chegando até mesmo a afirmar que os negros eram os verdadeiros senhores do Brasil, uma vez que todo o trabalho era realizado pelas mãos dos escravos. Para ela, os problemas do país eram fruto de uma educação precária ou, muitas vezes, pela total falta dela, como no caso das crianças escravas.

Por fim, a escritora-viajante expõe seu ponto de vista particular sobre condutas e papéis do brasileiro, apontando problemas e soluções da sociedade daquela época. Seu livro torna-se interessante em vários aspectos, principalmente no modo em como a autora se engaja nos debates sobre os vários segmentos da sociedade do século XIX. Não pretendemos neste trabalho julgar as impressões e atitudes da viajante alemã, mas sim mostrar que sua rica obra pode apresentar diferentes interpretações e indagações.

3.1 A obra de Ina von Binzer: documento de viagem ou romance epistolar?

Miriam Lifchitz Moreira Leite aponta algumas características essenciais que compõem a literatura de viagem, também classificada por ela como documentação. São elas: o caráter unitário e global de cada um dos livros, o fato de os autores dos documentos serem estrangeiros e estarem de passagem pelo Brasil, além de possuírem um conteúdo manifesto (LEITE, M., 1981, p. 212). A percepção das condições de vida social do local visitado tende a aglutinar-se às demais informações sobre a natureza e sobre a sociedade, levando a uma apresentação global da população visitada. Para Ilka Boaventura Leite (1996), relatos de viagem não se classificam nem como documentos históricos, nem como literatura ficcional ou científica, mas como um gênero próprio, produtor de representações sociais, condicionado a um tipo de experiência específica, a viagem. O relato de viagem caracteriza-se pela sua peculiaridade, pois é um texto capaz de conter muitos outros, ou seja, é documento histórico e literário desdobrado em vários gêneros: diários, relatórios científicos, memórias, crônicas, testemunhos, cartas, entrevista, álbuns de desenhos ou fragmentos ficcionais. Outra característica da literatura de viagem, ainda nas palavras de Miriam Lifchitz, é a capacidade de constar de dois tipos diferentes de conteúdos; um é manifesto e o outro, latente. O conteúdo latente surge através das indicações biográficas, da profissão, do período, da dedicatória, da temática e da abordagem. Embora esses dados não sejam explícitos, eles aparecem, seja pela ordenação sequencial dos autores, seja pela proximidade desses textos de uma literatura epistolar ou pessoal, em que o público concede ao autor maior liberdade de expressão. Já o conteúdo manifesto apresenta um depoimento explícito. Neste é possível encontrar traços da personalidade, da formação intelectual e política, ou ainda os mais simples elementos, como dedicatória aos financiadores da viagem ou cartas de recomendação trazidas, que fornecem indícios sobre a condição social do autor. Sejam eles compostos de conteúdos latentes ou manifestos, os livros de viagem se distinguem pelo gênero, em função da finalidade com que foram escritos. Alguns se constituem da correspondência dirigida à família ou a amigos, como as cartas da educadora Ina, outros são diários de viagem, como o *journal* de Maria Graham, outros são memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos, ou ainda álbuns de desenho. Vale ressaltar que muitos dos relatos foram escritos sem intenção de publicação. Ao lado desse vasto universo de gêneros que compõe a literatura de viagem, escreveram-se inúmeras obras dedicatórias em prosa e verso e de divulgação, compilando o material original dos viajantes, havendo algumas de viagens e expedições fictícias, como se verificou em bibliografias e catálogos de editoras inglesas, francesas e

americanas. Muitos dos viajantes eram leitores e subscritores de outros, e não raros relatam que foram induzidos a efetuar a viagem por suas leituras.

Quanto à recepção dos relatos de viagem nos países de que os autores eram oriundos, podemos dizer que, por causarem enorme fascínio no imaginário europeu, os livros de viagem tiveram grande repercussão na Europa entre os séculos XVI e XIX. Celeste Ribeiro de Sousa (1996, p. 72) tece comentários a respeito deste “*locus ille locorum*” (lugar dos lugares) explicando-nos que a imagem do Brasil, delineada a partir da caracterização do solo, revela um espaço que se distingue pela presença dos atributos relativos aos primórdios do mundo. Em relação à recepção destes livros no Brasil, pode-se dizer que desde a primeira edição eles receberam boa aceitação junto aos intelectuais brasileiros. Todavia, alguns destes relatos teriam sido ridicularizados pela percepção inadequada da realidade brasileira; outros, mal aceitos por letrados da camada dominante da população, que se identificavam com a cultura européia e que frequentemente reagiam de forma negativa por não serem discriminados das demais camadas da população nos retratos do Brasil delineados pelos viajantes. Apesar das opiniões e reações divergentes em relação ao panorama traçado da sociedade brasileira, os autores da literatura de viagem foram responsáveis por uma série de ideias que se incorporaram à historiografia do país no século XIX (LEITE, M., 1981, p. 222). Algumas delas, bastante perceptíveis também na obra de Binzer, são o papel da mulher branca e negra na sociedade, a brandura do regime de trabalho escravo no Brasil, a escravidão como instituição civilizadora, o problema da mão-de-obra com a iminente abolição da Escravatura, a hospitalidade e a indolência do brasileiro e imoralidade dos negros. Miriam Lifchitz chama a atenção para o teor educativo e pragmático da literatura de viagem e como este se acentuou através do tempo. A atração da natureza tropical tão enaltecida por eles não superava uma clara missão educativa, dirigida ao público do país de origem ou ao governo do país visitado. Nas cartas de Ina, ambas as críticas delineiam a narrativa. Na afirmação abaixo, ela critica o Partido Republicano, dando a entender que os políticos brasileiros deveriam ser mais bem instruídos:

Da sind Leute, die an der Spitze der republikanischen Partei stehen, und sie kennen weder die Geschichte noch die Verfassung ihres Landes, geschweige die anderer Nationen, da gibt es andere, die sich zu dem philosophischen System des geistreichen Comtes zu bekennen behaupten, und sie haben nicht seine elementarsten Lehren begriffen, da geben sie Urteile über die Sprachen fremder Nationen ab und können Dir keine Regel der eigenen erklären.²¹ (BINZER, 1994a, p. 91-92)

²¹ “Há pessoas na alta direção do Partido Republicano que não conhecem a história nem a constituição do país nem muito menos as das outras nações. Há outros, que se dizem partidários do sistema filosófico do espiritual

Ainda em relação à recepção destes relatos pela crítica brasileira, Leite (1981, p. 223) cita Alfredo de Carvalho, J. F. de Almeida Prado, Affonso d’E. Taunay e Luiz Edmundo para mencionar uma valorização reticente dos livros de viagem por parte desses críticos. Os autores aceitam o entusiasmo dos viajantes por nossas belezas naturais assim como as demonstrações de cordialidade como contribuições positivas. Já as descrições da vida social e de tipos humanos que se afastem da família real e de elementos da Corte, do corpo diplomático e de fazendeiros abastados em trajes de gala lhes parecem tentativas de desmerecer o Brasil diante da Europa. Em resumo, podemos citar as palavras de Miriam Lifchitz numa tentativa de avaliar a literatura de viagem como um todo. Para a autora, “ela parece refletir, na qualidade de sua produção, algumas das transformações do século XIX” (1981, p. 224). É por esse motivo que as cartas da educadora alemã Ina von Binzer são de uma contribuição histórica imprescindível, pois nelas estão registradas algumas das mais significantes transformações da segunda metade do século XIX no Brasil, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. A obra de Ina torna-se, portanto, documentação à medida que ela relata esses acontecimentos históricos de maneira crítica, em forma de depoimento, refletindo sobre os problemas e apontando possíveis soluções, ou simplesmente criticando o sistema vigente. Não só os relatos históricos fazem de suas cartas uma importante fonte de documentação, mas também os depoimentos acerca de questões sociais, políticas e econômicas assim como descrições geológicas e geográficas.

Como sugere o título deste trabalho, a obra da educadora alemã pode ser vista sob gêneros literários distintos. Ora ela possui o caráter de documentação, ou seja, é uma narrativa de cunho mais pragmático e objetivo, ora ela assume as características de um romance epistolar, no qual aquele olhar de armadura – um olhar armado pela descrição pragmática e classificatória, como aquele das narrativas científicas –, transforma-se no olhar do sujeito auto-reflexivo, com o qual, através do pseudônimo Ulla von Eck, ela observa o cotidiano e relata um enredo melodramático ou até mesmo hilário. Assim, uma dupla observação da obra de Ina é fundamental, pois a autora, em alguns momentos, desliga-se de tudo o que é exterior e regressa a si mesma, tornando-se ponto de partida de estados internos e de sentimentos profundos. Então, ela passa a ser não mais a autora de depoimentos objetivos de um livro de viagem, mas a narradora de um romance em cartas.

Antes de debatermos como a obra insere-se no gênero do romance epistolar, cabe-nos, primeiramente, uma abordagem em torno do principal elemento que compõe este tipo de

Comte, mas não compreendem os seus mais elementares ensinamentos. Alguns dão opinião sobre línguas estrangeiras, mas não sabem explicar nenhuma regra da sua própria”. (BINZER, 1994b, p. 95)

literatura, ou seja, a carta. O filósofo holandês Erasmo de Rotterdam, que deixou uma importante contribuição aos estudos da epistolografia, o volume de mais de quatrocentas páginas *Opus de Conscribendis Epistolis* (1522), escreve uma curiosa definição da carta: “Rex tam multiplex propeque ad infinitum varia”, isto é, uma coisa tão diversificada (múltipla), que pode variar infinitamente (ROTTERDAM apud MORAES, 2005, p. 2). Segundo esse pensador, a carta possui um caráter proteiforme, isto é, altera sua forma com frequência. Na Idade Média, ela distinguia-se por sua *ars dictandi*, uma arte subsidiária da Retórica que sistematizava as regras de redação de uma carta. O modelo de carta tradicional obedecia ao cânone greco-latino, cuja estrutura era: 1) *salutatio* (saudação do destinatário); 2) *exordium* ou *captatio benevolentiae* (prender a atenção do leitor e conquistar a sua benevolência); 3) *narratio* (apresentação do assunto); *petitio* (súplica ao leitor para cumprir o que lhe é solicitado) e *conclusio* (recapitulação e conclusão) (CEIA, 2009). Na Renascença, por exemplo, a carta deveria ser caracterizada por brevidade, clareza, simplicidade, elegância e decoro. A forma ornamental e convencional se cultivou, sobretudo, na época barroca, que deu mais importância ao acabamento formal do que qualquer outro período. Entretanto, apesar das mudanças e dos diferentes momentos da história do discurso epistolar, em cada um desses momentos a carta mostra o seu poder mediador. Em todos os casos, o que pulsa no coração do gênero epistolar é a potencialização expressiva da mensagem.

Dentre suas várias formas e características, a carta também logra apontar matizes da criação de um romance, remetendo ao que classificamos de romance epistolar. Ela organiza todo o manancial epistolar. As cartas de Ina são apenas um instrumento da sua expressão individual: permitem o acesso à sua interioridade e representam a única técnica narrativa, definindo-se, assim, como recurso monovalente, cujas dimensões espaço-temporais se colocam com bastante facilidade dentro da própria carta, por meio do lugar, da data e das outras indicações de valor autenticativo. Bernhard Jankowsky (1976) explica-nos que só podemos considerar romance em cartas um produto da literatura ficcional. Nessa linha de interpretação, surge-nos então a seguinte pergunta: As cartas assinadas pela educadora Ina von Binzer são ou não ficcionais?

Sabe-se através do prefácio da primeira edição de seu livro que Ina realmente viveu no Brasil entre os anos 1881 e 1883, contratada primeiramente por uma família do estado do Rio, residente provavelmente na divisa com São Paulo, e cujo chefe ela apelidou de Dr. Rameiro. Segundo as informações biográficas que constam no livro, não foi possível averiguar o nome exato dessa família, que poderia ser a dos barões de Rameiro, a dos barões de Mauá, ou mesmo a do Marquês de Barbacena, cujas fazendas se estendiam pela baixada fluminense. O

colégio do Rio de Janeiro a que se refere Ina parece ser, segundo a nota do livro, o Lebre-Rouannet ou o Jacobina, únicos estabelecimentos leigos de ensino que, naquela época, recebiam alunas internas. Em São Paulo, a professora esteve de fato primeiro hospedada na casa do Dr. Martinico Prado (os Costa). Fábio e Cícero, os filhos mais moços, ainda eram vivos quando foi escrito o prefácio da primeira edição, o que prova que Ina de fato viveu junto à família Prado, cujo nome ela ficticiamente trocou. Ainda segundo as notas biográficas, os Schaumann realmente existiram com esse exato sobrenome e eram proprietários da farmácia Veado de Ouro, situada na mesma rua São Bento. A segunda família com a qual Ina trabalhou como preceptora em São Paulo foi a dos Sousa, pseudônimo que encobre o nome de Bento Aguiar de Barros, que foi casado com D. Francisca de Sousa Barros, filha de Luís Antônio de Sousa Barros, dignitário da Ordem da Rosa, casado em primeiras núpcias com D. Itília Ribeiro de Rezende, filha do Marquês de Valença, e pela segunda vez com D. Felicíssima de Campos. D. Francisca (no livro, D. Maria Luísa) teve quatro filhas, Isabel, Maricota, Albertina e Eugênia, e um filho, Luís, que estudou na Alemanha, fato narrado também no livro. Maria Luísa teve no livro somente três filhas. A fazenda São Sebastião chamava-se na realidade São Luís e ficava nas proximidades de Americana. A outra era a fazenda Bela Vista, em Capivari. De acordo com a nota do prefácio da primeira edição, uma velha dama paulista, em idade já muito avançada, mas perfeitamente lúcida, e pertencente a essa ilustre família, a única, aliás, que recebeu elogios integrais da professora alemã, assegura que Fräulein Ina, em benefício do pitoresco, “forçou um pouco a verdade” quando descreveu uma sala de telha-vã e chão de terra batida na fazenda São Luís. Segundo esta testemunha, havia outras casas muito mais primitivas que a moradia confortável da fazenda São Luís. Ainda a fim de verificar a veracidade do depoimento da professora, cabe-nos dizer que a casa de praia no litoral paulistano, na qual Ina passou algumas semanas com a família Sousa, realmente existia, e ali se revezava toda a família para a estação de banho de mar. A nota de prefácio esclarece ainda que Fräulein Binzer casou-se de fato com um engenheiro inglês, representante de máquinas agrícolas, mas cujo nome verdadeiro não foi possível averiguar. O engenheiro inglês Mr. Hall, pelo qual Ina demonstra ter se apaixonado em suas cartas, pode então ter sido ficticiamente criado pela autora a fim de conferir um enredo mais romântico à história, fato que contribui para acentuar o lado romanesco das cartas de Ina.

Percebemos, então, através das informações biográficas do livro que em Ina estreitam-se os laços entre relato não ficcional e literatura de ficção. Algumas informações foram alteradas pela autora, como nomes de pessoas e lugares, entretanto, as experiências com estas pessoas parecem realmente ter sido vivenciadas por ela. O que acontece é que algumas

situações vividas recebem elementos de prosa de ficção. Ina torna-se autora de um romance epistolar ao interromper o registro do cotidiano para fazer digressões diversas, como na seguinte passagem, onde ela, em tom de desabafo, fala dos seus sentimentos e das suas angústias, expondo sua intimidade em linhas carregadas de grande lirismo confessional; ela “chora de desespero” e sente-se “deprimida”. O leitor, ao compartilhar de sua aflição, torna-se cúmplice do sujeito que está em crise consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Ela inicia a carta datada em 22 de outubro de 1881 falando da vizinhança e da enorme distância entre as fazendas e cujos donos não têm interesse na contratação de professores. Ela termina a carta com certo exagero de sentimentos, conferindo-lhe subjetividade enunciativa:

[...] “in der Nähe” gibt es hier überhaupt nicht, die nächsten Pflanzungen sind alle 4-6 Meilen entfernt, und eine Stadt gibt es gar nicht in erreichbarer Nähe. Zudem will mein Unstern, daß auf all den Pflanzungen, die allenfalls zu erreichen wären, nur erwachsene Kinder sind oder die Besitzer so einfach, daß sie keine “professora” halten [...] ich weine auch manchmal ganz furchtbar, aber das darfst Du auf keinen Fall meinem Mutting erzählen. [...]
 Ich möchte so gern einmal heraus hier. [...]
 Aber verzeih mir, Gretel, wenn ich schon schließe; – ich bin todmüde und schwer, und wollte Dir nur einen Gruß senden.²² (BINZER, 1994a, p. 56-57)

Percebe-se através das últimas linhas uma livre expansão da subjetividade enunciativa que compõe muitas das cartas de Ina. Há uma erupção de sentimentos melancólicos, manifestada através de uma prática introspectiva, na qual o eu, em tom confessional, traz o destinatário Grete e o leitor para perto de si. Apesar da suspeita de ficcionalidade que paira sobre as cartas de Ina (afinal, nem mesmo sabemos se sua amiga alemã Grete realmente existiu), a leitura das mesmas pode ser compreendida através de sua aproximação a uma escrita diarística, que, segundo Teresa Mergulhão, é sentida como um momento de proximidade entre o sujeito que se revela e esse outro que o lê. A partilha de sentimentos íntimos torna essa relação emissor-receptor única. De fato, a instituição de um leitor confidente surge como uma característica do romance epistolar por pressupor a penetração num espaço discursivo sagrado e de acesso (quase) interdito (MERGULHÃO, 2009). Tais características podem ser igualmente percebidas na carta de 24 de dezembro do mesmo ano,

²² “Vizinhança é o que absolutamente não existe aqui. As fazendas mais próximas ficam entre quatro a seis milhas de distância e não há cidade ao nosso alcance. Minha má estrela determinou que só haja crianças crescidas nas fazendas onde por acaso poderíamos chegar; mas seus proprietários são tão modestos que não podem manter nenhum professor aqui. [...] Às vezes choro de desespero, mas sob nenhum pretexto você conte isso a mamãe! [...]

Gostaria tanto de sair um pouco daqui! [...]

Desculpe-me, Grete, por já terminar; estou deprimida e morta de cansaço, mas queria ao menos mandar-lhe uma saudação”. (BINZER, 1994b, p. 64)

quando ela, mais uma vez em tom de desabafo, fala da solidão da noite de Natal num país tão remoto e tão diferente do seu:

Weihnachtsabend und 25 Grad Celsius im Schatten! Wie fremdartig, wie heimatfern und, ach Grete, wie traurig! [...] So stelle Dir Deine Ulla nachträglich am heiligen Abend in einem einsamen Hotelzimmer vor, an Euch Lieben in der Heimat denkend und sich unbeschreiblich nach Euch und unserem schönen, lieben Deutschland sehnd!²³ (BINZER, 1994a, p. 58)

A carta acima traduz a emotividade do sujeito que a escreve, portanto, é natural que seja redigida num discurso mais poético. Bruno Boesch, ao refletir sobre a escrita epistolar, afirma que esse estilo já é, em si, auto-contemplação e não uma ação pura (BOESCH apud MERGULHÃO). Podemos dizer, então, que a obra de Ina torna-se romance epistolar sempre que há uma reflexão por parte do sujeito em relação à sua vida. Ina, além de relatar os fatos, procura plasmar no discurso o seu querer e o seu sentir, exteriorizando sua intimidade muitas vezes através de registros hiperbólicos. Esses exageros contribuem para o ingrediente romântico da obra, pois, mais do que relatar acontecimentos, o sujeito pretende dar conta das suas perturbações anímicas.

Feitos esses esclarecimentos, é possível compreender por que as cartas de Ulla podem ser fictícias. Elas não precisariam, em termos práticos, de destinatário, já que funcionam como um exercício de auto-questionamento, sustentando o processo mental auto-reflexivo de um sujeito em demanda de si próprio e que dialoga *in absentia* com outro que mais não é, do ponto de vista funcional, do que ele próprio, refletido no espelho das palavras. Desse modo, transforma-se a relação “eu-tu” numa relação “eu-escrita de mim” (ALMEIDA apud MERGULHÃO).

Quanto à organização sequencial das cartas dos romances epistolares, pode-se dizer que ela não é fortuita. O autor confere uma determinada perspectiva às cartas que escreve, estabelecendo o fio condutor entre os textos, fazendo, assim, coexistirem os princípios epistolar e romanesco que sustentam o romance epistolar. Ele assume o papel de um editor, interferindo no processo composicional das cartas.

Ainda quanto aos autores de romances em cartas, Jankowsky (1976) explica-nos que estes sempre procuram especialmente a ficção da autenticidade, de tal modo que não existe quase nenhum romance epistolar que renuncie a essa singular possibilidade documental

²³ “Noite de Natal, com 25° (graus Celsius) à sombra! Como acho estranho estar longe de minha terra e ach! Grete, como é triste! [...] Faça portanto uma idéia de sua pobre Ulla sozinha, num quarto de hotel, pensando em vocês, meus queridos, com inacreditáveis saudades de todos e de nossa cara e linda Alemanha!” (BINZER, 1994b, p. 65)

constituída por um prefácio ou por um epílogo. Segundo o autor, as mais visíveis características formais do romance epistolar são a sequência contínua de cartas, sem transições narrativas. O autor desse tipo de romance participa diretamente da ação, seja como “*dramatis personae*”, seja como testemunha. Outra importante característica estrutural do romance epistolar é o elemento da espontaneidade ou, em outras palavras, o da diferença entre o tempo narrativo e o tempo da história narrada, cuja distância deve ser relativamente curta. O romance em cartas se distingue também pela incorporação mais acentuada do próprio leitor na ação, dando-lhe a ilusão de ser uma testemunha direta, um observador. Interessante ressaltar que o romance em cartas conseguiu criar no campo literário um efeito artístico que, no campo das Belas Artes, só surgiu aproximadamente duzentos e cinquenta anos mais tarde, no Impressionismo francês do século XIX, com Manet, Monet, Pissarro, entre outros. O paralelismo entre o romance em cartas e o Impressionismo se dá à medida que, no romance em cartas, forma-se a imagem coerente no cérebro do leitor à base do que foi criado pelo artista. Tal imagem, intencionada pelo escritor, permanece despedaçada em elementos básicos de construção. O leitor sai da mera passividade receptiva e passa a participar intelectualmente do processo da leitura (JANKOWSKY, 1976, p. 32). Jankowsky explica-nos que, como o criador de um romance em cartas, o gênio de um pintor impressionista coloca à disposição do público uma espécie de matéria-prima, bem distribuída, com a intenção de obter o efeito pré-programado. O observador da obra de arte deve “retrabalhá-la”.

Podemos inserir a obra de Ina dentro do gênero do romance epistolar também pela análise do seu título. Se compararmos *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe, e *Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, perceberemos a supervalorização de sentimentos que ambos os títulos sugerem. Em Ina, o leitor sente-se desde o início imerso num conflito de sentimentos. Seu lirismo romântico transparece através do título, que convida o leitor a fazer parte de seu universo de angústias e tormentos, mas também de momentos de contentamento vividos pela autora num país longínquo, o que contribui para um sentimento de nostalgia que é transmitido também ao leitor. *Alegrias e tristezas* é, em alguns momentos, uma espécie de confissão íntima realmente única. A autora convida o leitor a penetrar no seu íntimo, no universo da sensibilidade romântica. Ao escrever *Alegrias e tristezas*, Ina produziu uma obra a que deu, como conteúdo, as suas próprias aflições e seus tormentos, os seus próprios estados de alma, procedendo como todo autor romântico que, ao procurar aliviar o coração, exprime aquilo por que é afetado enquanto sujeito.

Coube-nos, neste capítulo, fazer um estudo das cartas de Ina a partir de dois vieses interpretativos. A leitura do livro implica uma miscigenação de gêneros literários, isto é, suas cartas podem ser interpretadas tanto sob o ponto de vista da literatura de viagem como dentro das matizes da criação do romance epistolar. As cartas de Ina surgem, em suma, como espaço discursivo duplamente privilegiado. Nos subcapítulos seguintes, deter-nos-emos à análise mais detalhada dos discursos que tornam o livro de Ina uma obra tão polifônica. Perceberemos que, em alguns momentos, seu discurso é bastante objetivo e analítico, como o dos viajantes-naturalistas do século XIX, e que, em outros, Ina troca o olhar objetivo e pragmático pelo de escritora de uma prosa romântica, caracterizado por uma narração de cuidado menos descritivo e mais reflexivo.

3.2 O discurso naturalístico-paisagista

As concepções sobre o modo de fazer ciência que privilegiam o trabalho de campo ou o de gabinete coexistem no século XIX. Os naturalistas que vieram ao Brasil haviam feito a opção de “ver com os próprios olhos”. Nas grandes expedições científicas, os viajantes buscam dar conta das sensações e impressões experimentadas durante sua estada no Brasil não só utilizando o desenho e a pintura, mas também fazendo ricas descrições textuais. Para grande parte dos naturalistas do século XIX, a multiplicidade de sensações que envolvem o naturalista em sua viagem poderia e deveria ser descrita pela ciência. Assim, o cientista que se faz viajante escolheu não apenas ver com os próprios olhos, mas ouvir e sentir com o próprio corpo os fenômenos lá onde acontecem. Porém, o viajante romântico, se por um lado produzia ciência *in loco*, por outro, acabou se especializando no registro preciso de sensações e fenômenos, em consonância com os métodos científicos estabelecidos na época. (KURY, 2001)

Embora seja apenas uma “naturalista amadora”, Ina consegue expressar ricas manifestações textuais acerca da fauna e da flora, tornando-se uma viajante romântica diante de uma natureza esplendorosa. No caso da descrição da paisagem, por exemplo, percebem-se em Ina dois tipos de narrativas diferentes: um em que ela define singularidades botânicas e geográficas locais a partir de uma observação taxonômica; outro em que a narrativa é comparada a uma lira romântica com a qual ela parece dialogar. No trecho abaixo ela começa observando a natureza a partir do ponto de vista naturalístico-paisagista, depois, ainda na mesma descrição, ela passa a descrever a paisagem a partir de uma narração auto-reflexiva, dialogando com esta natureza:

Die Gartentür, von üppiger, graziöser Klematis überhangen, führt zunächst zu kleinen Gruppen seltener Koniferen und schöngeformten Beeten voll großer, fremdartiger Blumen von wunderbarer Farbenglut. Zwischendrein steht ein bunter Kiosk in chinesischem Stil [...]. Dann kommt man in eine herrliche, schattige, feuchtkühle Bambusallee. Ihr zur linken, etwas tiefer gelegen, ein kleiner, mit bunten Enten belebter See, rechts eine Anhöhe, sanft ansteigend und mit duftenden Orangenbäumen, die oft Blüte und Frucht zugleich tragen, besetzt. Neue Überraschung an ihrem Ausgang: Orangen, Palmen und Bananen überall, Zimt- und Mandelbäume duften und Granaten glühen aus ihrem zierlichen Laub hervor; hier ein Teestrauch, dort ein Kaffeebaum; jetzt eine verlorene Baumwollstaude, dann ein Anis- oder Muskatpflänzchen, ja, selbst Vanilla und Patchouli gibt's zu entdecken. Ich war zuerst ganz berauscht, Grete, und trank all das Zauberische, Schöne, Fremdartige förmlich mit allen Sinnen ein... aber, wunderbar – weißt Du, welcher Eindruck hiervon für mich der nachhaltigste ist? Der des Fremdartigen, ja des absolut Fremden! Ich staune sie an, all diese südliche Pracht, ich bewundere sie, sie berauscht mich momentan mit ihrem verführerischen Zauber – aber ich verstehe sie nicht; ich kann mir nichts mit diesen prächtigen Pflanzen erzählen, ich kenne sie nicht, und die kennen mich nicht.²⁴ (BINZER, 1994a, p. 22)

Ela inicia a descrição da natureza em tom de diagnóstico, fornecendo detalhes miúdos de plantas e da paisagem que compõem o cenário em que ela se encontra. É como se ela assumisse a postura de um viajante de relatos científicos. Esse olhar armado e centrado pela taxionomia é denominado por Flora Süssekind (2000) de olhar telescópico, segundo ela, um olhar de armadura que reduz o campo visual do viajante, forçando-o a observar o miúdo, os pássaros, a vegetação, mesmo que num espaço imenso – uma armadura pragmático-classificatória que determinaria igualmente o enfoque e os objetos da observação dos pintores que acompanhavam as expedições científicas. De fato, a descrição da natureza no trecho acima se assemelha bastante à captura de imagens feita por um viajante-pintor. Já no final do trecho, ela afirma não conseguir entender essa natureza, e, da mesma forma, a natureza também não a compreende. A personagem imersa na paisagem não se limita a apenas observá-la, ela a usa para refletir, tomando-a como guia para os seus sentimentos. A inglesa Maria Graham, que viveu no Brasil entre os anos de 1821 e 1823, também usa a paisagem como convite para uma auto-reflexão. Graham reconhece a paisagem e percebe seu interesse,

²⁴ “O portão desse jardim é coberto por viçosas clematites e leva-nos primeiro aos pequenos grupos de coníferas raras, aos canteiros de formas bonitas, cheios de grandes e estranhas flores de magnífico colorido. Entre elas, vê-se um quiosque multicolor, em estilo chinês. [...] Chega-se depois a uma esplêndida alameda de bambus, úmida, sombria, fresca. À esquerda e um pouco mais abaixo há um lago animado pelo colorido variado dos patos; à direita, numa colina, suavemente vão-se elevando as laranjeiras muitas vezes carregadas de frutas e de flores, ao mesmo tempo. Ao sair, nova surpresa: palmeiras, bananeiras, laranjeiras, caneleiras, amendoeiras espalham por toda parte seus perfumes e as romãs brilham entre sua leve folhagem. Aqui, um arbusto de chá, acolá um de café, misturado com eles, um algodoeiro perdido e um pezinho de anis e de noz moscada, e até mesmo baunilha e patchuli se podem encontrar. No começo fiquei embriagada, Grete, e absorvia essa magia, essa beleza, esse exotismo com todos os meus sentidos. Mas – maravilha – sabe qual minha impressão mais persistente? A do estranho, do exótico, sim, de um estranho absoluto. Admiro e embriago-me com este feitiço do Sul, com seu encanto sedutor, mas não o compreendo. Não posso me entreter com essas plantas primorosas, não as reconheço, nem elas a mim”. (BINZER, 1994b, p. 33)

mas é como se, de algum modo, algo estivesse faltando: “a sensação de que houvera uma mudança”, “seja na paisagem, seja em mim”, como anota a viajante (GRAHAM apud SÜSSEKIND, p. 105). Segundo Süssekind, a mudança se opera noutra paisagem, de contornos íntimos. Ao avistar Funchal, ela observa as casas, o cume da montanha, as torres brancas da Nossa Senhora do Monte e um pôr-do-sol que parecia tornar o local especialmente bonito naquele momento, entretanto, tal cenário não parece comover a viajante. O que de fato a impressiona é a pouca emoção com que revê a primeira terra estrangeira por que passara. Diante do estranho Funchal, ela se pergunta num movimento auto-reflexivo que singulariza seu diário: “Seriam por acaso, os poucos anos acrescidos à minha idade os responsáveis pela mudança?” (GRAHAM apud SÜSSEKIND, p. 105). Essa mesma sensação de estranhamento diante da paisagem também é percebida nas cartas de Ina. Assim como Graham, ela também se sente estranha perante a natureza, que para ela é majestosa, mas não consegue embrenhar-se nela: “Não posso me entreter com essas plantas primorosas, não as reconheço, nem elas a mim” (BINZER, 1994b, p. 33). É nesse particular que a obra de Graham e Binzer se aproximam. Ambos os relatos conseguem se distinguir dos demais travelogues do século XIX, uma vez que não são narrados somente a partir do ponto de vista fixo e seguro do observador que procura olhar apenas para o que se apresenta na superfície e que interessa à História Natural, ou seja, para paisagens singulares e intransferíveis. O que aproxima esses dois relatos de viagem é o fato de que nenhum projeto ilustrado especial motivava Spix, Martius, Langsdorff, Maximiliano de Wied-Neuwied, Eschwege ou Saint-Hilaire. Ambas observam as flores, árvores, paisagens, mas sem qualquer desejo de classificação em mente, diferentemente dos paisagistas e naturalistas em trânsito na época. Ambas as viajantes anotavam “meio ao léu” o que as interessava nos tipos humanos, nas festas e nas ruas que percorriam, registravam o país, seus habitantes e costumes a seu modo, não obedecendo a qualquer academia científica.

No trecho abaixo, Ina faz uma descrição mais específica da natureza, apontando também para o problema do cultivo da terra no Brasil, que, segundo ela, é feito de maneira negligente:

Diese Pflanzung ist drei Quadratmeilen groß, aber die Bewirtschaftung ist eine merkwürdige. Das meiste Land liegt natürlich immer brach. Soll aber ein Stück in Benutzung genommen werden, so wird alles, was bisher darauf wuchs, heruntergebrannt, was auch manchmal schonunglos die herrlichsten Urwaldbestände trifft, deren Asche und faulende Stämme dann den prächtigsten Dung abgeben. Nichts sieht toller aus als so ein Maisfeld z.B., das zwischen wild und wüst durcheinander liegenden, hald und ganz verkohlten Baumstämmen frisch and fröhlich emporwächst! Bei uns kann man sich von solcher Unordnung und vor allem

von solcher Verschwendung gar keine Vorstellung machen.²⁵ (BINZER, 1994a, p. 25)

É como se, por um momento, desarmado o olhar de reflexão, o outro olhar tivesse de fato visto a paisagem e a percebesse, não atemporalizada, como nas generalizações e sistemas de classificação, mas presente e perceptível. Em alguns momentos, Ina torna-se bastante “enciclopédica”, revelando a pretensão de definir singularidades botânicas e geográficas locais, como se pudesse ser também uma viajante-naturalista. Na passagem abaixo, ela faz um passeio com o proprietário da fazenda São Sebastião, onde trabalhara por seis meses como preceptora das três filhas dos Sousa. Nesse passeio, o que parece reger o seu olhar momentâneo de paisagista-naturalista é a ideia da coleção, da possibilidade de etiquetar o que lhe está à vista.

Aber wir gehen auch viel spazieren, bei welchen Gelegenheiten ich meine „Naturalien“-Sammlung zu vervollständigen suche. Neulich fand ich eine ganze Anzahl riesengroßer leerer Häuser von Erdschnecken, und von Schlangen könnte ich schon eine ganze Kollektion haben, wenn ich alle aufheben wollte, die hier getötet werden. [...] Meine Käfersammlung aber habe ich in ihren Anfängen verkümmern lassen müssen; ich konnte das Morden nicht mehr aushalten, Grete. Wenn ich sie eben mit Chloroform getötet zu haben glaubte und sie dann vor das Fenster in die Sonne zum Trocknen legte, dann lebten sie nach einer Stunde oft wieder auf und krochen schwerfällig umher.²⁶ (BINZER, 1994a, p. 143)

Feitos os esclarecimentos precedentes, podemos afirmar que, em relação à descrição da paisagem, a educadora e viajante Ina von Binzer apresenta dois diferentes estilos de narrativa; de um lado, uma narrativa composta a partir de um olhar reflexivo, baseado na sentimentalização, em que ela poetiza; de outro, desprendendo-se desse enredo mais melodramático, caracterizado pela prosa ficcional, ela volta-se para uma narrativa de cunho mais pragmático e objetivo, aproximando-se da prosa dos viajantes-naturalistas.

²⁵ “A plantação mede três milhas quadradas, mas o modo de exploração é bastante original. A maior parte da terra não é cultivada; quando é necessário aproveitá-la, queima-se então o que ali crescia, sendo às vezes atingidas sem piedade as mais lindas matas virgens, cujas cinzas e troncos apodrecidos servem como o melhor dos adubos. Não pode existir aspecto mais alucinante do que esse, do milharal crescendo viçoso e pujante na selvagem desordem dos destroços sapecados ou inteiramente carbonizados. Em nossa terra, é impossível fazer-se idéia de tamanha confusão, nem de tal esbanjamento”. (BINZER, 1994b, p. 35)

²⁶ “Saímos também a pé freqüentemente e nessas ocasiões procuro enriquecer a minha coleção de *naturalias*. Noutro dia, encontrei diversos caramujos vazios de lesmas gigantes; poderia possuir já uma completa coleção de cobras, se quisesse guardar todas as que são mortas aqui. [...] Logo no começo fui obrigada a abandonar minha coleção de besouros, porque não podia mais agüentar aquela matança, Grete. Quando os julgava liquidados pelo clorofórmio que lhes dava, punha-os ao sol, no peitoril da janela para secar, uma hora depois, eles reviviam, arrastando-se vagarosamente!” (BINZER, 1994b, p. 143)

3.3 O discurso pedagógico

Certamente, um dos grupos menos numerosos de viajantes estrangeiros, mas cuja profissão permitiu uma sensível penetração dos inter-relacionamentos familiares e dos vários grupos sociais no Brasil, era composto pelos educadores. Entre os objetivos que trouxeram esses preceptores estrangeiros a este país estava o propósito de auto-aperfeiçoamento, enquanto outros chegaram até mesmo a formar uma sociedade de estudos em navios adequadamente equipados para tal fim (LEITE, M., 1981, p. 219). Um segundo grupo de viajantes-educadores era formado por preceptores que buscavam melhores condições de trabalho por estas terras. Anúncios tanto em jornais alemães como em jornais brasileiros eram publicados com o propósito de contratar preceptores para proporcionar aos filhos da elite brasileira uma educação esmerada, baseada nos moldes europeus.

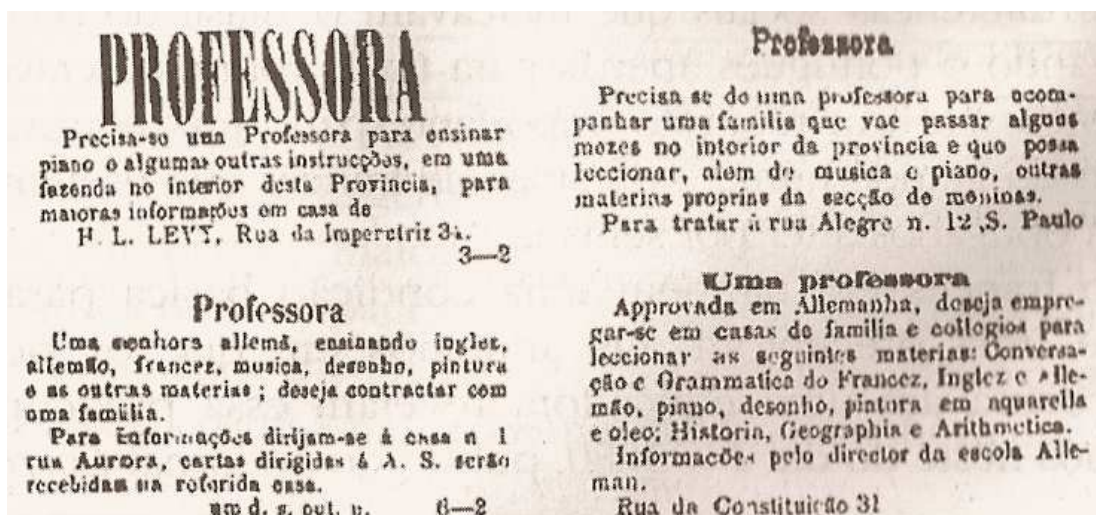


Figura 5: Anúncios de jornais do século XIX oferecendo e procurando o serviço de professoras. (RITZKAT, 1999, p. 71)

Ina aportou no Brasil trazendo consigo uma bagagem pedagógica adquirida durante anos de estudo nos colégios da Alemanha, onde se formou como professora. Não se sabe exatamente o que motivou a jovem alemã a emigrar para o Brasil, se a falta de oportunidades de emprego como educadora na Alemanha ou se o desejo de aventurar-se trabalhando como preceptora em terras distantes. Assim, no ano de 1881, ela desembarca no Brasil, contratada por um fazendeiro do interior do Rio de Janeiro para cuidar da educação de sete de seus doze filhos. Após sete meses, o excesso de trabalho havia debilitado sua saúde e, por recomendação médica, ela abandona o trabalho nessa fazenda. Ina comenta sobre sua condição física: “Ein abscheuliches Sumpffieber hatte mich richtig gefaßt und mich im Verein mit der

Überanstrengung, die diese Stelle besonders in musikalischer Beziehung von mir fordert, für vier Wochen pädagogisch unschädlich gemacht²⁷ (BINZER, 1994a, p. 57). Ela reclama do trabalho excessivo na fazenda, uma vez que tinha de lecionar crianças de idades bastante diferentes, além disso, sobravam-lhe poucas horas vagas:

Hier aber ist Unterricht von 7-10, dann warmes Frühstück, wobei uns Madame Rameiro immer ganz nutzlos bis halb 11 Uhr warten läßt, so daß ich nachher nicht mehr hinaus kann, sondern sofort nach dem letzten Bissen wieder in die Stunde muß. Dann gehts weiter bis um ein Uhr, wo eine halbe Stunde Lunchzeit ist; um halb zwei fangen aber schon wieder die Klavierstunden an, die bis um 5 Uhr dauern, wo gegessen wird. Nun frage ich Dich, wann soll ich da spazieren gehen außer nach sechs! [...] Sie wollen die „Bildung“ hier geradezu mit Löffeln schlucken und haben nie einen freien Nachmittag, nie einen Tag, geschweige denn eine Woche Ferien das ganze Jahr hindurch.²⁸ (BINZER, 1994a, p. 20-21)

Outro aspecto que a perturbava bastante nesse trabalho refere-se à educação doméstica, que, para muitos viajantes, era vista como perniciosa. O âmbito familiar não poderia ser o local mais apropriado, pois crianças, adultos e empregados causavam muito barulho, o que comprometia o bom andamento das aulas:

Wie die Stunden schleichen, wie alles so schwerfällig erscheint! Die Kinder sind unartig, das Vehmgericht passiv, das ganze Haus laut. [...] Ich gab der kleinen Leonilla eine Klavierstunde in dem sogenannten Arbeitszimmer von Dona Alfoncina. [...] Besagtes „Arbeitszimmer“ liegt so ziemlich in der Mitte des Hauses, und allerlei Räume münden in dasselbe ein, nämlich eine Vorratskammer, das Badezimmer, das Schlafzimmer der Kinder, das des Vehmgerichts, ein Kleiderzimmer und die Nähstube. Nun kannst Du Dir keine Vorstellung machen, wieviel Lärm in diesem angenehmen Raume schon unter normalen Verhältnissen gehört werden kann. [...] Während ich also an dem verstimmten Tafelförmigen resigniert mein *un, deux, trois* zählte und Leonilla mit Ausdauer immer dieselben Fehler machte, baute sich unter lautem Kommando von Dona Alfoncina rings um uns eine Wagenburg von Kisten, Fässern, Säcken etc. auf. Der Lärm, der durch diese Prozedur verursacht wurde, die lauten Kommandos und gelegentlichen Mißfallensäußerungen der Herrin waren an sich schon betäubend. Dazu stand neben dem Klavier die Tür zur Nähstube offen, von wo heraus wir die zwei Maschinen klappern hörten; in dem Nachbarraum schrie's aus einem Bambuskorbe und dazwischen frohlockten Papageien und andere Vögel. Zum schluß wurde noch eine kleine Mulattin, die Dona Gabriella lesen lehrt, durch die sich aufbauende Wagenburg aus ihrer Ecke, wo sie „studierte“ fortgetrieben und stand plötzlich hinter meinem Stuhl, eintönig ihr b-a, ba, b-e, be, b-i, bi murmelnd! Das war zu viel! Wütend sprang ich auf, ergriff die Noten, rief Leonilla, mir in den

²⁷ “Apanhei uma detestável febre palúdica que, aliada ao cansaço excessivo que me causa este emprego, principalmente devido às lições de música, me deixou pedagogicamente inutilizada”. (BINZER, 1994b, p. 64)

²⁸ “Aqui, as aulas são das sete às dez; depois vem o almoço quente, pelo qual Madame Rameiro nos faz esperar inutilmente até às dez e meia, de maneira que não posso mais sair, porque, logo após o último bocado, tenho de voltar às aulas. Prosseguimos até a uma hora, quando temos então trinta minutos para o lanche; à uma e meia começam as aulas de piano que vão até às cinco, quando servem o jantar. Pergunto-lhe eu: quando poderei passear antes das seis? [...] Eles querem engolir cultura às colheradas e nunca têm uma tarde livre, um dia desocupado, nem muito menos uma semana de férias durante todo o ano”. (BINZER, 1994b, p. 31)

Saal zu folgen und gab die Stunde da zu Ende. Man hat mir das furchtbar übel genommen und hält mich bei der ganzen Sache für die Rücksichtslose!
 Ja, ja, wenn Menschen zu viel Nerven haben, ist es wohl schlimm, aber wenn sie gar keine haben, ist es noch peinvoller für andere. Und so scheinen mir die Brasilianer geartet. Ich bezweifle, daß ich hier allzu lange mit meiner Gesundheit reiche! Schreib mir nur recht oft, ich fühle mich sehr einsam und weltfern.²⁹ (BINZER, 1994a, p. 48-49)

Os estrangeiros viam nos “seus modelos” uma possibilidade de se estabelecer um processo de educação, talvez mais “civilizador”, que, segundo os registros, divergia do modo como estava organizada e estabelecida a sociedade no nosso país. O espaço físico promovia uma vida mais coletiva, envolvendo a participação de todos os moradores da casa no cotidiano das famílias, o que, segundo os viajantes, comprometia a educação das crianças. Além disso, a indisciplina e insubordinação por parte dos alunos seriam causadas pelo estreito contato das crianças com seus pais ou escravos no horário das classes, o que provocaria o relaxamento das regras. Oliveira (2007) explica-nos que a falta de limites entre espaço público e privado permeava a educação das crianças daquela época. Nesse tipo de organização familiar, estariam presentes pais permissivos, adultos liberais que deixavam a criança crescer sem padrões mínimos de educação. Assim, o colégio parecia ser a melhor alternativa, tendo a responsabilidade de proporcionar às crianças um ensino mais formal, diminuindo, assim, os problemas da educação doméstica. Em uma de suas cartas, Ina expõe essa realidade:

Die besseren Familien geben ihre Töchter überhaupt nicht in Collegios, und daher ist diese Gesellschaft gewöhnlich die wenigst gut erzogene und wildeste, die man

²⁹ “Como as horas se arrastam, como tudo me parece pesado! As crianças são travessas [...] a casa inteira é barulhenta. [...]”

Costumo dar aula de piano no chamado quarto de trabalho de D. Alfonsina. [...] A dita sala de trabalho fica no centro da casa e diversos cômodos comunicam com ela: uma dispensa, o banheiro, o dormitório das crianças, os da Inquisição, um vestiário e a sala de costura. Por aí, poderá calcular o barulho que se ouve nesse agradável recinto, em condições normais. [...] Enquanto junto ao piano desafinado eu resignadamente contava o meu *un, deux, trois* – e Leonila, perseverante, cometia os mesmos erros –, sob a ruidosa direção de D. Alfonsina erigia-se, à volta de nós, uma barricada de caixões, barris, sacos etc. O barulho que isso provocava, as ordens gritadas e as ocasionais censuras da patroa por si só já eram estonteantes! Além disso, estava aberta ao lado do piano a porta da sala de costuras, de onde nos chegava o ruído de duas máquinas, do quarto vizinho vinham as choradeiras dos balaios, entremeadas com o chilrear dos papagaios e dos outros pássaros! Para completar, uma mulatinha à qual D. Gabriela ensina a ler, devido à barricada que se empilhava no canto onde estuda, postou-se de repente atrás de minha cadeira soletando o seu monótono b-a, ba, b-é, bé, b-i, bi!... Era demais! Levantei-me furiosa, peguei as músicas, chamei Leonila e acabei a aula no salão. Levaram isto a mal e em toda essa história a desrespeitosa fui eu!

Sim! Sim! É reprovável quando as pessoas têm nervos demais; mas não ter nervo algum é muito pior. E assim julgo os brasileiros. Duvido que minha saúde resista por muito tempo. Escreva-me muitas vezes. Sinto-me desamparada e afastada do mundo”. (BINZER, 1994b, p. 56-57)

sehen kann; sie toben und schreien oft, bis sie ganz kirschbraun im Gesicht sind.³⁰
(BINZER, 1994a, p. 74)

Podemos igualmente perceber no trecho acima uma crítica referente à educação das meninas em relação aos meninos, visto que a educação doméstica era uma instituição marcadamente feminina, ou, mais precisamente, concebida para a mulher, num tempo em que esta não possuía lugar no espaço público, mas apenas na esfera do lar. O século XIX no Brasil é caracterizado por um sistema de ensino que divergia dos modelos de educação vigentes na Europa, ou seja, aqui ainda havia uma disputa entre a educação doméstica e o sistema estatal escolar. As condições sociais, psicológicas, econômicas e culturais que envolveram a educação doméstica e seus agentes estão impregnadas das circunstâncias de uma época e de uma sociedade que, lentamente, deixava os últimos costumes do período colonial para ingressar no estatuto da modernidade, instaurado definitivamente com a emergência do capitalismo no final do século XIX (PUC-Rio, 2009). Assim sendo, comprovam-se as observações de José Carlos Barreiro, que explica que os viajantes tinham um caráter civilizador. Ina via nosso sistema de educação como atrasado. Para ela, o Brasil vivia ainda a sua menoridade, enquanto na Europa a modernização da sociedade e da cultura já estava ocorrendo progressivamente, através da desintegração em sistemas autônomos, nos quais novas estruturas sociais eram formadas e cristalizadas em torno de centros organizadores como, por exemplo, o sistema escolar, a empresa capitalista e o aparelho burocrático do Estado. O desenvolvimento das sociedades modernas européias, ao lado das ciências empíricas modernas e da autonomização das artes, constituiu o que nos permite chamar de modernidade (BARREIRO, 2002). Para a educadora, o Brasil em geral, assim como nosso sistema de educação, estava ainda ensaiando seus primeiros passos em direção à modernidade. Na visão dos estrangeiros, uma melhor educação só poderia se constituir como realidade no Brasil a partir da intervenção estrangeira, da difusão de colégios e conseqüentemente do estabelecimento de um sistema educacional de acordo com os seus padrões de civilidade.

Em dezembro de 1881, Ina viaja para o Rio de Janeiro para consultar um médico e lá inicia um novo trabalho como professora em um colégio de moças. Nesse liceu, ela lecionou para quatro turmas de inglês e alemão, além de dar lições de piano. Essa também não foi uma experiência feliz para a educadora, que permaneceu apenas por três meses nessa escola. A

³⁰ “As melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para colégios, e devido a isso esta sociedade é, em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar; exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescido como cerejas”. (BINZER, 1994b, p. 79)

maior frustração dela foi não conseguir pôr em prática seu método de ensino, baseado no livro modelo alemão “Bormann”:

Ich war schon wieder ein paar mal in Versuchung, den Bormann hervorzuholen, ich habe ihn aber doch schließlich stecken lassen, weil ich weiß, daß ich zu viel Vorwürfe für mich darin finden würde.³¹ (BINZER, 1994a, p. 73)

Três coisas a incomodavam nesse novo ambiente de trabalho. Primeiro, não havia um espaço físico adequado para se poder ensinar. Ina lecionava com outra professora em um mesmo cômodo, o que, segundo ela, causava desatenção em suas alunas. Outro aspecto que a afligia era a falta de disciplina das mesmas, que, para ela, eram “um bando selvagem” (BINZER, 1994b, p. 79). Ina também não conseguira se adaptar à falta de pontualidade de suas discípulas, que chegavam às aulas em períodos descontínuos: „Wenn ich mich des Morgens um halb sieben ans Klavier setze, so erscheint bis um zehn Uhr alle halbe Stunde eine andere mit ihren Noten, als ob sie von einem mechanischen Uhrwerk ausgespien würden“³² (BINZER, 1994a, p. 74). Essa impontualidade já fora percebida por ela quando ainda lecionava em São Francisco: „Um sieben Uhr morgens geht es los. Dann kommen erst ‚die Großen‘ und nehmen eine deutsche Stunde. [...] Die ersten Morgende kamen sie regelmäßig zu spät in die Stunde, so daß ich mich zu dem Ersuchen veranlaßt sah, doch pünktlich zu erscheinen, denn damals lebte ich noch nach Bormann“³³ (BINZER, 1994a, p. 11).

Segundo Cláudia Andrade dos Santos (2009), o tempo do viajante, em geral, é *a priori* um tempo diferente daquele dos habitantes nativos, ou seja, é um tempo de deslocamento contínuo que estabelece pausas e permanências em função de objetivos frequentemente alheios aos interesses dos habitantes. Ina acaba transpondo suas próprias expectativas para o mundo dos habitantes, mas não encontra nele o tipo de atitude temporal que ela mesma vivencia, por isso, define esse mundo pela ausência de uma “verdadeira” temporalidade. Podemos dizer, então, que suas críticas encontram fundamento principalmente na ideia de um trabalho regular e disciplinado, assim como na ideia de racionalização do tempo. Barreiro explica que os viajantes almejavam transferir para cá os modelos europeus “assépticos” de

³¹ “Várias vezes tive a tentação de ressucitar o Bormann, porém, depois, deixei-o definitivamente onde está, porque sei que nele encontraria inúmeras censuras a mim”. (BINZER, 1994b, p. 79)

³² “Quando me sento ao piano pela manhã, às seis e meia, elas começam a aparecer de meia em meia hora, até as dez horas, como se fossem expelidas por um relógio automático”. (BINZER, 1994b, p. 80)

³³ “Às sete horas da manhã, começa. Chegam primeiro ‘as grandes’ e tomam aula de alemão. [...] Nas primeiras manhãs, chegaram regularmente atrasadas à aula, de modo que me vi forçada a pedir que comparecessem pontualmente, pois estava seguindo ainda os conselhos do Bormann”. (BINZER, 1994b, p. 23-24)

trabalho e disciplina. Para eles, o trabalho disciplinado era um traço de modernidade do qual o Brasil deveria se revestir (BARREIRO, 2002). O controle do tempo, desde meados do século XVIII, destaca-se como um dos elementos fundamentais da disciplina no mundo moderno, por isso, uma das maiores preocupações dos viajantes estrangeiros, ao observarem o cotidiano dos brasileiros, era a forma assistemática como eram conduzidas as atividades de trabalho. Para eles, o trabalho constante, regular e ininterrupto era atributo fundamental na criação da disciplina.

Outra queixa da professora Ina, e que ainda nos dias atuais faz parte do cotidiano dos educadores no Brasil, diz respeito ao baixo salário: „Vorläufig ist große Ebbe im Schatz, und mein Collegio-Gehalt wird keine Flut hineinleiten; also noch heißt’s Stillsitzen, denn allein das Dampferbillet bis Hamburg kostet 30£!“³⁴ (BINZER, 1994a, p. 85).

Ela também se mostrava cada dia mais inconsolável e decepcionada na sua tentativa de utilizar um método rígido de ensino. O episódio descrito por ela na carta de 21 de fevereiro de 1882 retrata bem tal desalento:

Ich finde mich so schlecht in dieses oberflächliche Tünchen hinein. [...] Und nun gar die Disziplin! Schon das Wort allein macht mich schamrot. Denke Dir folgendes. Als ich neulich in die Klasse trat, fand ich dieselbe sehr unruhig und lärmend, und in meiner Ratlosigkeit tat ich nochmals einen verzweifelten Griff auf Bormann zurück. Sobald ich nämlich so viel Ruhe schaffen konnte, daß ich gehört wurde, kommandierte ich „Aufheben – setzen!“ fünf Mal hintereinander, was bei uns ja auch wirklich nie verfehlt, eine Klasse zu beschämen. Und hier – *o sancta simplicitas!* Nachdem ich ihnen erst überhaupt nur schwer begreiflich gemacht hatte, was ich von ihnen verlangte, waren die Kinder derartig weit entfernt, das Ganze für eine Strafe anzusehen, daß sie glaubten, es handle sich um einen guten Spaß. [...] Grete, seitdem ist Bormann für mich hier in Brasilien endgültig abgetan!³⁵ (BINZER, 1994a, p. 82)

Para Ina, esse “caos num deserto” (BINZER, 1994b, p. 80) representava uma realidade diversa, onde os valores, conceitos e padrões de comportamento não estavam de acordo com suas referências, por isso havia um conflito tão grande entre a sua percepção e o cotidiano das crianças brasileiras. Nesse contexto, diante de alguns fracassos na sua vida profissional e da

³⁴ “Atualmente o meu tesouro está em maré baixa e o meu ordenado no colégio não vai chegar para fazê-la subir. Então, preciso continuar a esperar sentada, quietinha, porque somente a passagem de navio até Hamburgo custa trinta lbs.!” (BINZER, 1994b, p. 89)

³⁵ “Não consigo habituar-me a este ensino superficial! [...] A respeito da disciplina, então! Só essa palavra já me faz subir o sangue à cabeça. Imagine isso: outro dia, ao entrar na classe, achei-a muito irrequieta e barulhenta e na minha confusão recorri ao Bormann. Quando obtive silêncio para poder ser ouvida, ordenei: ‘Levantar, sentar’, cinco vezes seguidas, o que no nosso país nunca deixa de ser considerado vergonhoso para uma classe. Mas, aqui – Oh! Santa Smplicitas! –, quando cheguei a fazer-lhes compreender o que delas esperava, as crianças estavam tão longe de imaginar que aquilo representasse um castigo, que julgaram tratar-se de uma boa brincadeira. [...] Grete, desde então o Bormann está definitivamente descartado, para mim aqui no Brasil”. (BINZER, 1994b, p. 87)

falta de entendimento com as crianças, Ina, em um de seus registros, faz uma análise de sua metodologia de ensino, começando a perceber a diversidade cultural que tornava a tarefa de ensinar mais árdua, atentando para as dificuldades e problemas enfrentados com a importação de modelos estrangeiros. Seu depoimento referente a esta questão, embora objetivo, reflete não somente a angústia pessoal por ela enfrentada, mas a lucidez de perceber que seria necessária uma adequação de modelos e padrões que atendessem e respeitassem as crianças e suas experiências individuais e locais:

Ich sehe wohl ein – wenn hier eine Pädagogik eingeführt werden soll, dann muß sie brasilianisch sein und nicht deutsch – brasilianisch in bezug auf die ganze Auffassung und alle Voraussetzungen, sie muß dem Charakter des Volkes, den häuslichen Lebensverhältnissen dieser Leute angepaßt sein. Brasilianische Kinder sollten überhaupt nicht von Deutschen erzogen werden, es ist völlig verlorene Mühe [...] Wir verstehen einander nicht, wir reden äußerlich und auch seelisch eine fremde Sprache miteinander, und besonderes letzteres macht mir die Existenz hier zu einer furchtbar unbehaglichen.³⁶ (BINZER, 1994a, p. 82-83)

Do ponto de vista pedagógico, o livro de Ina von Binzer é bastante importante, pois nos reafirma de maneira explícita que a educação em nosso país deve ter caráter próprio, ou seja, não deve moldar-se a tradições europeias e isso porque tanto o ambiente físico (clima e vegetação) como a cultura e a sociedade são completamente diferentes. Magda Sarat de Oliveira (2009), ao refletir sobre a impossibilidade de implantar no Brasil uma pedagogia calcada em moldes europeus, conclui que a maneira de educar as crianças não poderia ser compartilhada por alguém que trazia concepções prontas determinadas por uma outra cultura, tornando difícil o relacionamento entre professores e alunos. Sobre o descaso das alunas com o castigo a elas destinado quando Ina as ordena a levantarem-se e sentarem-se, pode ser explicado a partir da diversidade cultural dos povos. Na Europa, num período em que novas relações sociais começam a surgir, o conceito de infância não tinha o mesmo significado que no Brasil, já que ambas as realidades eram muito diferentes. Os conceitos de privacidade, civilização de costumes, comportamentos regulados e autocontrolados faziam parte da família celular burguesa europeia, já no Brasil, vivíamos numa sociedade pouco tempo antes ainda colonial, de modo que o cotidiano era pautado pela diversidade de raças. Havia miscigenação cultural dos costumes, hábitos e comportamentos, formando-se, assim, um modo próprio de

³⁶ “Reconheço ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calcada sobre moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de sua vida doméstica. As crianças brasileiras, em absoluto, não devem ser educadas por alemães; é trabalho perdido [...] – não nos entendemos – falamos decidida e psiquicamente uma língua estranha, o que me torna a vida extremamente desagradável por cá”. (BINZER, 1994b, p. 87)

relacionar-se. Crianças brancas e negras brincavam e viviam juntas, dividindo a atenção dos adultos, assim, mesmo nos meios sociais mais abastados, a referência ao modelo europeu não surte o efeito desejado. Gilberto Freyre, no seu livro *Casa Grande e Senzala*, explica que, nessa mescla de relacionamentos, não havia lugar para um processo rígido de comportamento. Além disso, a relação escravista que caracterizava o período facultava às crianças brancas o poder sobre adultos negros (FREYRE, 1984). Nesse caso, estabelecer limites e regras rígidas para uma criança, como tentara fazer a educadora Ina com suas alunas, tornava-se um processo difícil, já que essas crianças tinham o poder de subjugar adultos negros. Os alunos subjugavam também as ordens da professora, pois não conseguiam ver nela uma figura hierarquicamente respeitável. Em uma outra carta, Ina reclama dessa insubordinação e a atribui ao costume colonial de convivência e relação de autoridade e mando entre senhores e escravos, mesmo quando os senhores eram crianças. Ela menciona essa “atitude de superioridade, assumida até pelas próprias crianças, devida a escravidão aqui existente” (BINZER apud SARAT, 2007).

Após o curto período de três meses nessa escola, Ina decide procurar a ajuda do cônsul alemão no Rio de Janeiro, que fez publicar no *Jornal do Comércio* um anúncio no qual ressaltava suas qualidades como preceptora. O *Jornal do Comércio*, sendo um dos periódicos mais importantes e conceituados da época, tinha como público leitor os fazendeiros, comerciantes, comissários de café, intelectuais e políticos do Império, assim, não demorou muito até ela ser novamente contratada, desta vez pela família Martinico da Silva Prado (os Costa). Nesta fazenda, ela cuidaria dos seus “romanos” – assim ela se refere aos filhos do fazendeiro, todos eles, devido às convicções republicanas do pai, batizados com nomes de personagens da Roma antiga. Mais uma vez, ela reclama do comportamento de seus alunos. Ela inicia a carta datada do dia 29 de maio de 1882 em tom de desabafo:

Meine antiken Zöglinge sind wirklich sehr ungezogen, und ich habe alle möglichen pädagogischen Finessen nötig, um mit ihnen fertig zu werden. Besonders kann ich die beiden Jungen nie allein unten im Schulzimmer arbeiten lassen, wenn Lavínia oben Klavierstunde hat.³⁷ (BINZER, 1994a, p. 105)

Para ela, a falta de educação estava atrelada à falta de limites dos pais, que não se importavam com as atitudes de desrespeito de seus filhos: “Os pais absolutamente não se incomodam com o comportamento das crianças [...]” (BINZER, 1994b, p. 108). Oliveira (2007) afirma que o

³⁷ “Meus discípulos romanos são realmente muito mal-educados e preciso recorrer a variados recursos pedagógicos para tratar com eles. Não posso de modo algum deixar os dois menores sozinhos, embaixo, trabalhando na sala de estudos, enquanto em cima dou lição de piano a Lavínia”. (BINZER, 1994b, p. 108)

fato das famílias serem numerosas dificultava o processo da educação familiar. Nesse contexto, há registros indicando que a indisciplina seria um problema criado pela organização familiar e pela forma com que os pais se posicionavam frente à educação de seus filhos. Ou seja, haveria uma falta de definição específica das funções e papéis do pai ou da mãe diante da educação de seus filhos. Além da indefinição no papel dos pais, os registros de muitos viajantes destacavam a proximidade das crianças com os negros, apontada como perniciososa. Aqui se revelava a ideia de um ambiente degradante, implicando situações imorais que poderiam ser prejudiciais para a formação das crianças. Nesse caso, os registros indicam que a responsabilidade por crianças “malcriadas” seria primeiramente dos pais, por estarem delegando seu papel e sua função a outrem. Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher já haviam observado esta abstinência dos pais em relação à educação de seus filhos:

A mãe brasileira quase invariavelmente entrega o seu filho a uma preta para ser criado. Assim que as criaturas se tornam muito incômodas ao conforto da senhora, são despachadas para a escola, e coitado do pobre professor que tem de impor-se a esse espécime irrequieto do gênero humano! Acostumado a dominar suas amas pretas, e com a ilimitada indulgência de seus pais, mete-se na cabeça tudo poder e dever fazer para frustrar os esforços feitos para discipliná-lo. Não fazem isso por maldade, mas por falta de disciplina paterna. (KIDDER; FLETCHER, 1941, p.180-181)

Foi em razão da falta de disciplina das crianças e da permissividade dos pais que Ina von Binzer desgostou-se do trabalho, perdendo assim seu emprego. Os “meninos romanos”, inspirados pelas festas juninas, atiravam fogos contra os animais que puxavam os bondes, divertiam-se colocando bombas sobre trilhos, e andavam com seus velocípedes dentro de casa, perturbando o sossego da professora, que desabafa:

Auf diesen unseligen Vehikeln brachten nun die Römerjünglinge außer den Schulstunden ihr Dasein zu und entwickelten eine derartige Anhänglichkeit an dieselben, daß sie sogar „vom hoh'n Velociped herab“ zu Mittag speisten. Da die Eltern gleichmütig dabei saßen, mochte ich nicht wehren, aber meine Mahlzeiten wurden durch Plinio's bedrohliche dreirädrige Nachbarschaft entschieden in ihrer Gemütlichkeit nicht gehoben.³⁸ (BINZER, 1994a, p. 108)

Outro aspecto que a aborrecia nesse emprego era o ensino proporcionado aos meninos, que era privilegiada em detrimento da educação das meninas. Não sendo possível

³⁸ “Nesses veículos amaldiçoados os jovens romanos passam a vida fora das aulas, demonstrando-lhes tal apego que já chegaram a ponto de almoçar encarapitados nos tais velocípedes. Como os pais assistiram à cena impassíveis, achei melhor não interferir, mas o sossego de minhas refeições não aumentou na vizinhança das três ameaçadoras rodas do Plinius”. (BINZER, 1994b, p. 111)

proporcionar a eles uma educação doméstica, já que não eram suficientemente disciplinados, o Sr. Costa decide enviar seus filhos a um colégio interno, de modo que não valeria a pena manter uma preceptora somente para a filha Lavínia. Ina comenta sobre o episódio que motivou o Sr. Costa a enviar seus filhos para um colégio de padres:

Dieses vergnügliche Intermezzo hat den Republikaner und Römervater aber doch so in Harnisch gebracht, daß er seine Jungen sofort zu den Mönchen zur Erziehung schicken will; Lavínia, für die allein eine Erzieherin zu halten ihm nicht lohnt, soll in ein Collegio! Arme Lavínia!³⁹ (BINZER, 1994a, p. 114)

Nas suas observações, podemos claramente reconhecer a tensão entre as concepções pedagógicas e morais da tradição protestante e os padrões de comportamento da incipiente sociedade brasileira. Para Lílian Sarat de Oliveira (2008), as mulheres estrangeiras e protestantes eram *outsiders* na sociedade brasileira, pois criticavam a lógica patriarcal, na busca de afirmação pessoal e apropriação do espaço a elas historicamente negado. Para Ina, a educação e a religião protestante caminhavam juntas no propósito modernizador da sociedade brasileira, postulado por líderes republicanos na época. Já o sistema patriarcal associado à religião católica parece ser responsável, em grande medida, pelas práticas sociais que naturalizavam o papel da mulher restrito ao espaço doméstico, favorecendo o exercício do poder pelo masculino em detrimento do feminino.

Outros viajantes já haviam apontado diferenças entre a educação de meninas e meninos, enfatizando que as mulheres recebiam um ensino dissímil. Louis e Elizabeth Agassiz refletem sobre esta questão em seu diário *Viagem ao Brasil: 1865-1866*:

Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que lhes retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos.

[...] A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de Francês e Música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado [...]. (AGASSIZ apud LEITE, 1993, p. 74)

A diferença no tratamento do ensino é percebida também quando, na carta de 1º de julho de 1882, Ina comenta sobre o único filho da família Sousa, que estava sendo educado

³⁹ “Este alegre *intermezzo* enraiveceu demais o republicano pai dos romanos, que resolveu entregá-los aos padres imediatamente, para serem educados; para Lavínia somente, não vale a pena manter uma educadora, e irá também para um colégio. Pobre Lavínia!” (BINZER, 1994b, p. 116)

em um colégio na Alemanha, enquanto as três filhas da família não podiam desfrutar desse tipo de educação.

São Sebastião foi a última fazenda onde Ina trabalhara no Brasil. Profissionalmente, parece ter ficado bastante satisfeita em trabalhar para a família de seus proprietários. Lá, ela foi responsável pela educação de crianças descendentes de alemães e, por este mesmo motivo, considerou-os como a melhor família com quem já havia convivido, já que os costumes assimilavam-se aos seus. No final de sua estadia, ela demonstra sua felicidade: „Ach, Gretele, ich bin so froh! Und es ist doch eigentlich ganz hübsch in Brasilien“⁴⁰ (BINZER, 1994a, p. 139).

Enquanto preceptora nessa fazenda, Ina faz rigorosas críticas em relação à educação das crianças negras em nosso país. As instituições educacionais da época restringiam-se a alguns poucos liceus e estabelecimentos de caráter privado, de modo que somente as famílias das classes privilegiadas e, em sua maioria, fazendeiros podiam prover educação aos seus filhos. Ina era diariamente confrontada com as desigualdades sociais, isto é, de um lado a burguesia paulistana, de outro, crianças negras sem condições de estudar.

Auf den Pflanzungen ist seine Befolgung auch eigentlich unmöglich. Hier im Innern gibt es ja keine Dorfschulmeister wie bei uns, und wenn es sie gäbe – soll der Fazendeiro denn etwa jeden Tag zwischen 20 und 50 Tiere satteln lassen, um die kleinen Neger in das nächste, gewöhnlich sehr entfernte Städtchen zu schicken, oder soll er einen besonderen Erzieher für die kleine Bande halten? Man mag diese Fragen beantworten, wie man will – jedenfalls tut hier niemand dergleichen, und so wächst das freigebozene Sklavenkind vollständig ohne Erziehung und Unterricht auf [...].⁴¹ (BINZER, 1994a, p. 127)

Talvez seja o caso, então, de voltar mais uma vez a Barreiro (2002), a fim de compreendermos que viajantes como a educadora Ina von Binzer vinham para o Brasil a fim de transferir para cá modelos europeus “assépticos” de disciplina e modernidade. Ina fazia parte de um grupo de viajantes que tinham ideias civilizadoras e idealizavam uma educação perfeita em nosso país. Tais ideias fazem parte dos ideais iluministas e progressistas presentes na Europa no século XIX, que contribuíram para mover o processo histórico também em nossa sociedade. As cartas da educadora alemã suscitam uma série de questões que são ainda hoje recorrentes em nossa sociedade em termos de educação. Sobre este aspecto, Lapo (2001,

⁴⁰ “Ah! Grete! Estou tão contente! E o Brasil até que é bem bonito”. (BINZER, 1994b, p. 140)

⁴¹ “No interior, não há os mestres-escolas rurais como na nossa terra, e assim o fazendeiro ver-se-ia obrigado a selar vinte a cinquenta animais para levar os pretinhos à vila mais próxima, geralmente muito distante; ou então teriam de manter um professor especial para essa meninada?... Essas questões apresentam diversas soluções, mas o fato é que ninguém aqui faz coisa alguma, de maneira que as crianças nascem livres, mas crescem sem instrução [...]”. (BINZER, 1994b, p. 128)

p. 15) observa que, embora o livro tenha sido escrito há mais de cem anos, as queixas de Ina continuam a fazer parte do cotidiano dos professores de hoje no Brasil. Para a pesquisadora, questões como a falta de disciplina e de interesse por parte dos alunos, os baixos salários e a exclusão de mulheres e negros na sociedade possibilitam que se coloque em pauta a seguinte questão: Será que, apesar de todos os estudos e pesquisas, todas as reformas realizadas e legislações implantadas na área de educação, a situação continua mesma? Dentre os vários enfoques possíveis na leitura do livro de Binzer, a partir de referenciais históricos, sociológicos ou antropológicos, tivemos como objetivo, nesta seção, destacar o enfoque pedagógico que a obra nos possibilita. Assim, *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, além de ser um importante depoimento histórico do Brasil do século XIX, nos proporciona também, através de um discurso crítico e objetivo, uma análise e discussão sobre o processo educacional em nosso país até os dias atuais. Esse discurso também deixa em alguns momentos de ser objetivo e analítico, principalmente quando Ina se desfaz de seu papel de educadora para fazer reflexões sobre sua vida, deixando transparecer suas angústias e inquietações.

3.4 O discurso político-econômico: A visão de Ina sobre a escravidão no Brasil

Em *Formação Econômica do Brasil*, Celso Furtado analisa a Abolição fazendo a seguinte conclusão: “Observada a Abolição de uma perspectiva ampla, comprova-se que a mesma constituiu uma medida de caráter mais político que econômico” (FURTADO, 1961, p.162). A Abolição se insere na esfera do econômico, pois se define como o ponto intermediário do processo de substituição, na economia agrária brasileira, do trabalho escravo pelo trabalho dependente não-escravo. Entretanto, o ato abolicionista constitui-se também num processo político, pois se delineia, simultaneamente, como ação destruidora do Estado escravista e como ação instauradora do Estado burguês (SAES, 1996). Não pretendemos analisar essas duas grandes linhas de respostas. Nosso objetivo aqui é mostrar que Ina von Binzer era conhecedora destas questões, e faz reflexões críticas sobre as mesmas.

Com o fim do tráfico de escravos em 1850 e a iminente Abolição, agravava-se o problema da mão-de-obra. A educadora acreditava, como inúmeros viajantes europeus, que a solução para o problema estaria na imigração européia. Ina defende enfaticamente a vinda de europeus, preferencialmente de alemães, para amenizar a falta de uma mão-de-obra nacional:

Ich habe nach meinen Beobachtungen den Eindruck, daß auch Brasilien zunächst furchtbar leiden wird durch die Aufhebung der Sklaverei, zumal da man sich immer noch nicht entschließt, europäischen und besonders den nützlicheren germanischen Einwanderern günstigere Bedingungen zu stellen. Es wird nach zwei Seiten hin leiden, einmal durch den Wegfall der Arbeitskräfte auf dem Lande und dann durch die plötzliche Überschwemmung seiner Städte mit faulen und im besten Falle unnützen Bevölkerungselementen.⁴² (BINZER, 1994a, p. 156)

Na realidade, a imigração enfrentava na época grandes obstáculos, visto que o Estado alegava que seriam gastas muitas quantias com a arregimentação de imigrantes, além disso, faltar-lhes-iam as aptidões profissionais necessárias. Em 1874, na mais longa discussão registrada a respeito, o deputado Manuel Pereira de Souza Arouca afirmava que os europeus tendiam mais para as atividades comerciais. Assim, o colono que não se adaptava às tarefas da lavoura, dois meses depois de chegar ao país, já encontrava motivos para brigar com o patrão, “alegando injustiça na execução do seu contrato, unicamente com fito de escapar da obrigação a que se sujeitou” (AROUCA apud AZEVEDO, 1987, p. 126). Entretanto, Ina, assim como a maioria dos viajantes, enfatizava a vocação civilizatória do europeu nas ex-colônias como fundador e formador da sociedade. Para os antecessores da educadora, os alemães Spix e Martius, a selvageria americana, ao menos na capital, fora extraída pela influência da civilização e cultura da velha e educada Europa. Sobre essa questão, Karen Macknow Lisboa nos explica que a visão de mundo dos viajantes se apoia nos conceitos complementares de civilização e barbárie, cultura e selvageria, perfectibilidade e degeneração. Apesar de suas variantes – o conceito franco-inglês de civilização e o conceito alemão de cultura –, a questão central é a imposição eurocêntrica de valores e crenças preconcebidos para se enxergar uma sociedade historicamente, bem como justificar, acreditando na superioridade do europeu, a expansão e domínio político, econômico e cultural (LISBOA, 2000, p. 271). Tal imposição de valores pretende justificar a expansão e domínio político, econômico e cultural, acreditando na superioridade do europeu. Ao comparar o desempenho dos europeus e brasileiros em relação ao processo de trabalho, os viajantes alemães Spix e Martius comentam: “Os hábeis operários, na maioria europeus, só se mantêm com grandes ordenados, e os aprendizes, pretos ou mulatos, só com dificuldade se habitam à forte atividade e perseverança dos seus mestres” (SPIX e MARTIUS, 1976, p. 47). Segundo José Carlos Barreiro, ao enfatizar os predicados positivos do trabalho capitalista, os alemães assumem um caráter eurocentrista, enaltecendo as

⁴² “Segundo o que venho observando, tenho a impressão de que o Brasil logo de início irá sofrer horrivelmente com a abolição da escravatura porque ainda não se decidiram aqui pela emigração européia, nem oferecerem aos mais úteis imigrantes – os germânicos – condições bastantes favoráveis. Sofrerá por dois motivos: primeiro pela extinção das forças trabalhadoras nos campos e em seguida pela repentina invasão de suas cidades por elementos nocivos, ou, na melhor das hipóteses, inúteis”. (BINZER, 1994b, p. 155)

habilidades dos operários europeus e, ao mesmo tempo, registrando as dificuldades dos aprendizes negros ou mulatos. Além das críticas em relação ao trabalho feito por escravos, Ina von Binzer repreende também aquele conduzido na área técnica e científica pelos brasileiros:

Alle neuen Erfindungen auf technischem Gebiet müssen sie sofort haben, aber die Ingenieure zur Einrichtung kommen gleich mit aus Europa, und wenn sie wieder fort sind und es geht etwas an der betreffenden Maschinerie entzwei, dann kann ein Einheimischer sie gewiß nicht reparieren. Gründlichkeit herrscht nirgends, und wenn sie auch äußerlich Anschluß an deutsche Bildung zu suchen scheinen auf allen Gebieten der Wissenschaft – so lange sie sich nicht zugleich auch deutschen Fleiß und Ernst, deutsche Ausdauer und Gewissenhaftigkeit aneignen können, bleibt es doch nur Pantomime.⁴³ (BINZER, 1994a, p. 92)

Não só os negros escravos, mas também o brasileiro branco ou mestiço⁴⁴ deveria espelhar-se no trabalhador europeu para compor uma sociedade civilizada, pois, para ela, o brasileiro despreza o trabalho. Esse conflito entre ócio e disciplina não passou despercebido pelos viajantes que estiveram no Brasil. Viana Moog fornece suporte à ideia de que os alemães representavam o trabalho e, por isso, eram os responsáveis pelo progresso do Brasil. Ele afirma, a propósito deste tema, em sua obra *Bandeirantes e Pioneiros*, que,

de fato desde a vinda para o Rio Grande do Sul dos primeiros imigrantes alemães, em 1824 – a qual, a bem dizer, marca o primeiro grande momento de nossa nova política migratória – nunca mais se deixou de se alastrar no Brasil, do Sul para o Norte, um novo conceito de trabalho, em contraposição ao conceito bandeirante e patriarcal de que “o ócio vale mais do que o negócio”. (MOOG, 1966, p. 282)

Já Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, distingue o trabalhador do aventureiro, na medida em que representariam duas éticas antagônicas, porém igualmente válidas. Segundo ele, o aventureiro, representado pelo bandeirante, ou seja, o brasileiro, busca novas experiências, acomoda-se no provisório e prefere descobrir a consolidar; já o

⁴³ “Querem possuir sem demora todas as novidades no terreno da técnica, mas os engenheiros para a montagem vêm da Europa; quando estes se retiram, se por acaso se parte uma das peças das máquinas, nenhum nacional sabe consertá-la. Não se encontra profundidade em parte alguma, e mesmo que procurem adquirir a cultura alemã em todos os campos da ciência, tudo ficará somente em superficial imitação, enquanto não o fizerem com a mesma perseverança, aplicação e seriedade dos alemães”. (BINZER, 1994b, p. 95)

⁴⁴ Sobre esta questão, Miriam Lifchitz Moreira Leite explica que, para os letrados da classe dominante, a família brasileira era a família de pessoas brancas, que se comunicavam em português, fixadas no país há mais ou menos quatro gerações. Entre os escritores do século XIX, são portuguesas as famílias brancas e que falam o português, sendo brasileiras as famílias dos índios, ainda bastante próximas e numerosas dos núcleos de população européia. As famílias de negros e mulatos foram tratadas, quase sempre, como africanas, se bem que, da metade do século XIX em diante, passam a ser consideradas brasileiras, em oposição às famílias brancas. A população européia dos núcleos urbanizados formava as colônias francesas, alemãs, suíças e inglesas que, na segunda metade do século, passaram a se distinguir das famílias brasileiras brancas, não só pela língua, mas por padrões culturais e religiosos. (1997, p. 72)

trabalhador, categoria na qual se enquadram os alemães, estima a segurança e o esforço do trabalho, aceitando as compensações a longo prazo. O ideal do aventureiro é,

colher o fruto sem plantar a árvore. [...] O trabalhador, ao contrário é aquele que enxerga primeiro a dificuldade de vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e saber tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. [...] o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro. (HOLANDA, 1995, p. 44)

Para a educadora Ina, o “imigrante trabalhador”, preferencialmente o germânico, seria o responsável pela imposição do trabalho e disciplina ao “brasileiro aventureiro”. Também o pintor francês Jean-Baptiste Debret constata que, a partir da afluência de estrangeiros, houve um progresso sensível em relação, por exemplo, às construções, sobretudo por causa da presença de operários franceses no ramo. Diz ele que “a rapidez, o bom gosto e a economia de mão-de-obra acham-se agora reunidos” (DEBRET, 1975, p. 226).

Havia na época um grande debate entre os imigrantistas e aqueles favoráveis à incorporação do nacional livre à grande produção. Enquanto estes últimos tendiam a considerar as dificuldades em se tratar com negros e mestiços em termos de igualdade jurídica à luz de explicações de cunho sócio-cultural, isto é, mais nos moldes do ideário liberal, os imigrantistas, por outro lado, buscavam preferencialmente as teorias raciais para embasar a defesa de seus projetos favoráveis à imigração estrangeira. Para eles, era preciso tratar bem os imigrantes, pois estes eram símbolo de progresso e prosperidade em contraposição a uma população desmoralizada e incapaz de se erguer e desenvolver por si só. Como já citamos acima, Ina também via na imigração, principalmente na alemã, a solução para os problemas econômicos do Brasil. Outros viajantes também eram exclusivamente defensores da imigração alemã em detrimento de outras nacionalidades, reconhecendo nos alemães qualidades varonis, tais como a “raça vigorosa, trabalhadora e morigerada” (MATTOS apud AZEVEDO, 1987, p. 144). Quanto aos negros e sua incorporação ao mercado de trabalho livre, acreditava-se que lhes faltava disciplina para se tornarem cidadãos aptos e úteis à sociedade, para isso, era necessário fazer com que o nacional incorporasse todo o ideário do trabalho, “a moral” ou “o amor do trabalho”, segundo expressões habituais da época (AZEVEDO, 1987, p.132).

A prática da escravatura também era vista por alguns viajantes como impedimento para uma sociedade moderna, sendo entendida como contra-senso à civilidade do Império.

Sobre essa questão, Ina apresenta opiniões dicotômicas. Por um lado, ela percebe a escravidão como uma violação aos direitos humanos, mostrando-se muitas vezes piedosa, como no episódio em que ela vai visitar um escravo leproso. Ela conclui: „Ein Gefühl unsäglichen Jammers für den Unglücklichen, den die Schickung nicht tief genug demütigen zu können schien, überkam mich. Neger – Sklave – aussätzig!“⁴⁵ (BINZER, 1994a, p. 147). Por outro lado, percebe que, se abolida, representará um grande problema para o país. Ela chega a enfatizar que a “gente preta é um peso para o Brasil”, formando a escravidão uma verdadeira “chaga”, porém “muito pior para os senhores do que para os próprios escravos” (BINZER, 1994b, p. 153). Para ela, as consequências de um abolicionismo seriam catastróficas, pois primeiramente haveria escassez de mão-de-obra e, em segundo lugar, os escravos libertos transformar-se-iam em pessoas inúteis ou nocivas para o país. O que fazer com os escravos livres se nada lhes fora ensinado a não ser obediência aos senhores? Aos olhos da professora, a abolição da escravatura deveria acontecer gradativamente, precedida de um preparo sistemático dos escravos para a liberdade, caso contrário, transformar-se-iam em inúteis criaturas ou em criminosos ou, como mencionou Debret, em “hábeis ladrões” (DEBRET, 1975, p. 239). Essa é uma das razões pelas quais Ina desaprova a abolição da escravatura sem o preparo do negro para a liberdade e suas consequências sociais, pois percebe que, ao serem libertos, os escravos viveriam na marginalidade, sem os direitos mínimos para poderem integrar a sociedade dignamente:

Ich möchte bloß wissen, was diese Menschen anfangen wollen, wenn einmal die Sklaven-Emanzipation ganz und gar vollzogen ist! [...] Was aber jetzt an solch kleinem schwarzen “Kroppzeug” geboren wird, das hat keinen Wert für die Herren und nur die Bedeutung unnützer Esser. Es geschieht daher auch nichts für sie, es wird ihnen nicht einmal wie früher diese oder jene Handfertigkeit beigebracht, denn – „man hat ja später nichts davon“.⁴⁶ (BINZER, 1994a, p. 31)

Ina aponta para possíveis problemas decorrentes de uma libertação incondicional, isto é, sem educação moralizadora. Um deles, mencionado na citação acima, diz respeito à ociosidade: escravos livres transformar-se-iam em sujeitos inúteis para a sociedade. Além disso, eles poderiam igualmente representar um perigo, tornando-se cidadãos nocivos. No seguinte trecho, ela menciona furtos praticados por escravos fugitivos, chamados “marrãos”:

⁴⁵ “Senti um arrepio e uma profunda compaixão por esse infeliz que o destino não poderia ter deserdado mais completamente: negro – escravo – leproso”. (BINZER, 1994b, p. 146)

⁴⁶ “Gostaria de saber o que fará essa gente, quando for decretada a completa emancipação dos escravos. [...] Os pretinhos nascidos agora não têm nenhum valor para seus donos, senão o de comilões inúteis. Por isso não se faz nada por eles, nem lhes ensinam como antigamente qualquer habilidade manual, porque, mais tarde, nada renderão”. (BINZER, 1994b, p. 40)

Maros nennen wir entlaufene und verwilderte Sklaven, die sich in die Wälder geflüchtet haben und dort wie die Wilden leben, die Nachbarschaft plündernd, wo sie können. Sie stehlen ihren Unterhalt meist auf den Pflanzungen zusammen, seltener bauen sie selbst im Walde etwas Bohnen und Mais; sie sind gefürchteter als die Indianer. In letzter Zeit gesellen sich auch manchmal freigelassene Neger zu ihnen, die zu faul sind, um zu arbeiten. Diese Banden sind eine schlimme Wunde für Brasilien [...].⁴⁷ (BINZER, 1994a, p. 154)

Ina, outras vezes, parece compartilhar as ideias dos reformadores do final do século XIX de que tudo se resumiria a um esforço decidido e sistemático da parte do Estado brasileiro no sentido de educar, amoldar, civilizar, controlando e disciplinando o cotidiano dos governados a fim de que eles se tornassem efetivamente úteis ao país, partes integrantes e batalhadoras de uma razão nacional superior (AZEVEDO, 1987, p. 49). Em uma de suas reflexões a respeito desta questão, ela indaga: „Was, um Gotteswillen, soll aus den Millionen von freien Schwarzen hier werden!“⁴⁸ (BINZER, 1994a, p. 154).

Vale ressaltar que o Estado estava passando por uma reestruturação. Enquanto persistisse a escravidão, o aparelho governamental estava reservado apenas aos brancos, seres humanos detentores da condição jurídica de *homens livres*.⁴⁹

Ina von Binzer desmascara a degradação do trabalho escravo. O trabalho livre e remunerado proporcionaria um melhor desempenho das tarefas realizadas. A valorização do trabalho através de remuneração incentivaria a formação de cidadãos úteis, além de contribuir para a transformação de sua condição social e econômica. Ela critica o sistema econômico e faz sugestões para uma melhor organização e formação para o trabalho. Em várias passagens do livro, a viajante fala da preparação dos negros como possibilidade de um aproveitamento mais harmonioso no processo de trabalho. Segundo ela, eles deveriam formar uma classe trabalhadora, como, por exemplo, uma classe de artesões; desse modo, estariam encaminhando as crianças libertas para um ofício regular:

Die Brasilianer sollten sich in ihrem eigenen Volke einen Arbeiterstand heranziehen, den sie so wenig wie einen Handwerkerstand bis jetzt haben, und sie könnten dies

⁴⁷ “Marrão é preto fugido vivendo pelas matas como selvagem embrutecido, matando e roubando tudo o que pode na vizinhança. Raramente plantam um pouco de feijão ou de milho para alimentar-se; preferem roubar tudo o de que precisam e são mais temíveis que os índios. Nos últimos tempos vão-se juntando a estes os negros libertos e vadios que não querem trabalhar. Esses bandos representam uma praga terrível para o Brasil [...]”. (BINZER, 1994b, p. 152-153).

⁴⁸ “Só Deus sabe o que irá acontecer a esses milhões de pretos que vivem aqui!” (BINZER, 1994b, p. 153)

⁴⁹ No terreno especificamente jurídico, a Abolição implicou a anulação do chamado *Código Negro*: as notas de rodapé anexas à *Consolidação das Leis Civis*, elaborada no período imperial por Teixeira de Freitas. Tais notas constituíam a súmula do direito escravista, na medida em que classificavam os homens vivendo na formação social brasileira em duas ordens: *as pessoas* (eram os homens livres que não podiam se constituir em objeto de propriedade) e *as coisas* (eram os escravos que se constituíam em objeto de propriedade, podendo ser vendidos, alugados, emprestados, hipotecados etc.). (SAES, 1996, p. 55)

mit einem wenigstens teilweisen Erfolg tun, wenn sie die freien Negerkinder an eine regelmäßige Arbeit zu gewöhnen suchten. Es geschieht aber gerade das Gegenteil.⁵⁰ (BINZER, 1994a, p. 126)

Ao refletir sobre essa questão, a viajante Ina passa a assumir o caráter de um abolicionista, já que a primeira tarefa do mesmo, além de lutar pela abolição, era abrir espaço para que o trabalho se desfizesse de sua secular imagem negativa, impregnada pela escravidão na consciência de escravos, senhores e demais nacionais. Mediante a regeneração do trabalho, o reconhecimento, enfim, de que “o trabalho manual, dá força, vida, dignidade a um povo” (NABUCO, 1949, p. 254-255),⁵¹ poder-se-ia alcançar, no futuro, a regeneração racial ou a formação efetiva de uma nacionalidade e, por conseguinte, de instituições políticas verdadeiras (AZEVEDO, 1987, p. 99).

Enquanto a abolição com o devido preparo do escravo para a liberdade não acontecia, criavam-se “mitos” em torno da escravidão, a fim de justificá-la. Para Karen Lisboa, o mito mais significativo está acoplado à docilidade, amenidade e brandura de nossa escravidão (2000, p. 271). Para muitos viajantes, era notória a benevolência dos senhores em relação aos seus escravos. Se vista por esse ângulo, a escravidão não podia ser tão malévola. Alguns até mesmo associam a brandura dos senhores com o comportamento bárbaro dos escravos. Tal cordialidade dos senhores para com os negros abriria caminho para possíveis confrontações e fugas de escravos, já que seus senhores não eram suficientemente severos. O padrão de Ina von Binzer, ao comparar o brasileiro com o americano, considera o primeiro mais bondoso:

Der Brasilianer ist gutmütiger als der Nordamerikaner, und die Schwarze Rasse nimmt bei uns überhaupt eine andere Stellung ein. Sie sehen, sowie der Neger frei ist, wird er hier als gleichberechtigt behandelt: Wir haben Farbige Lehrer, Künstler, Ärzte, Abgeordnete, ja Minister, und die Prinzessin befiehlt auch farbige zum Tanz. Verachtung auf der einen und dem gemäß die Erbitterung auf der anderen Seite ist hier nicht so groß wie bei unseren nordischen Brüdern.⁵² (BINZER, 1994a, p. 35)

Ina observa que os escravos da fazenda São Francisco são muito bem tratados pelo Senhor Rameiro. Ela faz questão de mencionar que aqueles que colhem mais do que uma

⁵⁰ “Os brasileiros deviam organizar entre seu próprio povo uma classe operária que ainda não possuem, como também criar a classe de artesões; alcançariam esse fim com êxito, se encaminhassem as crianças pretas libertas para exercer um ofício regular. Mas acontece justamente o contrário”. (BINZER, 1994b, p. 128).

⁵¹ Joaquim Nabuco, em conferência realizada no Teatro Santa Isabel, em Recife, no dia 12 de outubro de 1884.

⁵² “O brasileiro é mais bondoso do que o norte-americano e entre nós a gente preta tem condição bem diversa. Veja, quando aqui se liberta um preto, concedem-lhe direitos iguais aos dos brancos: temos professores de cor, artistas, médicos, deputados e até ministros. E a princesa Isabel também dança com os negros. O desprezo de um lado e o sentimento de amargura do outro não são aqui tão grandes como entre os nossos irmãos do norte”. (BINZER, 1994b, p. 44)

determinada quantidade de cestas de café recebem gratificação. Além disso, era-lhes concedida também uma festa em celebração à colheita. Neste tipo de comemoração, os negros eram tratados como verdadeiros senhores, podiam comer na mesma mesa sobre fino linho com seus senhores, e até mesmo vestir suas roupas. Ina cita o discurso de um dos escravos em retribuição à bondade dos seus patrões por lhes proporcionar tal festa:

Viva!
 Viva, Senhora!
 Viva!
 Und dafür wollen wir ihnen danken. Und für noch etwas wollen wir danken. Nämlich dies. Wie haben wir armen Schwarzen uns früher quälen müssen mit dem Reinigen des Kaffees [...] jetzt hat unser Senhor Maschinen kommen lassen aus fremden Ländern, die sie England und Deutschland nennen, so daß wir es viel besser haben. Dafür wollen wir danken: viva, Senhor.⁵³ (BINZER, 1994a, p. 29)

Tais depoimentos da viajante alemã contribuíram para passar a imagem de um país que, embora num regime escravista, não tinha preconceitos de raça, ou seja, o branco europeu era descrito como um homem cordial. Podemos interpretar tais observações como uma maneira de abrandar a culpabilidade do europeu colonizador em relação à escravatura. Ao mencionar a bondade do homem branco e os supostos direitos concedidos aos negros, Ina absolve o branco europeu das atrocidades cometidas aos escravos. Ao debater sobre alforria aos escravos mais velhos, a professora explica que o Dr. Rameiro era muito grato aos seus escravos, afirmando que ele não teria coragem de libertá-los, pois não tinham mais capacidade de trabalhar. Ele preferiria tê-los na fazenda a vê-los mendigando miseravelmente nas ruas. Ina destaca as palavras de um professor alemão que visitava a fazenda, que se admirava com a bondade senhorial para com os escravos: “[...] ich bin auf eine Pflanzung geraten, wo ich nur die guten Seiten des Sklaventums zu sehen bekomme!”⁵⁴ (BINZER, 1994a, p. 55). Em resposta ao comentário do visitante, o Dr. Rameiro diz que muito já se escreveu sobre o lado contrário da escravidão, exagerando-se bastante. Ele afirma que muitos fazendeiros seguem o seu exemplo, tratando bondosamente seus escravos. Para a educadora, na Europa, tem-se uma pior impressão da escravatura, conhecendo-se somente seu lado condenável.

Outro mito que diz respeito à escravatura é que ela teria um caráter civilizador. Devemos tentar compreender essa ideia a partir de uma premissa essencial: a “inferioridade

⁵³ “E por isso queremos agradecer. Tem mais uma coisa para agradecer: antes os pobres negros penavam na limpeza do café [...]. Agora, nosso Sinhô mandou vir máquinas de terra estranha que ele chama de Inglaterra e de Alemanha e assim melhorou a nossa vida. Nós queremos agradecer isso também. Viva Sinhô! (BINZER, 1994b, p. 38)

⁵⁴ “Vim parar em uma fazenda onde só me fazem ver o lado bom da escravidão”. (BINZER, 1994b, p. 63)

dos escravos negros” em relação à raça branca (LISBOA, 2000, p. 283-284).⁵⁵ Para a viajante, “não se pode exigir dessa raça concepções pessoais altamente civilizadas, nem pretender que adotem nossos conceitos sobre liberdade, em relação ao homem, e de honra em relação à mulher” (BINZER, 1994b, p. 45). Segundo Ina von Binzer, ao se livrar da escravidão, o escravo não teria mais a necessidade de lutar pelo seu pão de cada dia, não se podendo esperar dele, portanto, qualquer regeneração moral; os escravos livres tornar-se-iam marginais e as mulheres “moralmente perdidas”, não se esforçando em procurar trabalho “enquanto puderem viver de outra forma” (BINZER, 1994b, p. 156). Ela cita a Jamaica como lugar onde a prosperidade não aconteceu, por causa da emancipação dos escravos:

Es geht eben hier in Brasilien, wie es nach einer Notiz in einer älteren Nummer des „Economiste français“, die mir neulich in die Hände fiel, in Jamaica seiner Zeit gegangen ist. Das Blatt sagt: „Neben der Aufhebung der Differentialzölle hat besonders die Sklaven-Emanzipation die Prosperität der früher blühenden englischen Besitzung Jamaica vernichtet. Die Neger ergaben sich der Faulenzerei, und noch heute verdienen sie ihren Unterhalt nicht in den Pflanzungen; die Insel bedarf hunderttausend Kulis“.⁵⁶ (BINZER, 1994a, p. 156)

Para sustentar esses conceitos baseados na superioridade do branco em relação ao negro, Ina cita dois especialistas que, segundo ela, chegaram às mesmas conclusões. Ela cita Smarda: „In den Tropen arbeitet niemand zum Vergnügen – warum sollte es der bedürfnislose Neger tun“⁵⁷ (BINZER, 1994a, p. 155) e concorda com o “brilhante” observador das condições brasileiras Fernando Schmidt quando este escreve: “Keiner menschlichen Kreatur ist Feldarbeit verhaßter, als dem freien Neger”⁵⁸ (BINZER, 1994a, p. 156). Ina parece atrelar a culpabilidade do atraso do país aos negros ou mestiços. Grande parte dos viajantes achava que os brasileiros brancos já haviam se tornado igualmente “débeis” devido ao calor e à ociosidade, marca característica do mestiço ou negro. O negro só trabalharia se lhe fosse exigido, caso contrário, entregar-se-ia à vida ociosa. Formavam-se, ao longo do século XIX,

⁵⁵ Nas primeiras décadas do século XIX, os conceitos complementares de “perfectibilidade e degeneração” são utilizados como chave interpretativa para explicar as diferentes raças e culturas existentes, e cujo potencial de mudança dependeria mais do meio e da formação do que padrões biológicos e, portanto, hereditários. A raça branca, portanto, gozaria de uma superioridade intelectual e moral em relação às demais.

⁵⁶ “No Brasil, está acontecendo o mesmo que se deu na Jamaica, segundo uma velha informação do ‘Economiste Français’, que me veio parar às mãos, noutra dia; diz esse jornal: Não se contando o levantamento do imposto diferencial, foi principalmente a emancipação dos escravos que aniquilou a prosperidade da ex-florescente possessão inglesa da Jamaica. Os pretos entregaram-se à vadiagem e ainda hoje não ganham para seu sustento; nas plantações, a ilha tem necessidade de empregar cem mil coolies”. (BINZER, 1994b, p. 155)

⁵⁷ “Nos trópicos ninguém trabalha com prazer. Por que haveriam de fazê-lo os pretos, tão pouco exigentes para si?” (BINZER, 1994b, p. 155)

⁵⁸ “Para nenhuma criatura humana, o trabalho do campo parece tão odioso como para o negro liberto”. (BINZER, 1994b, p. 154)

teorias para justificar a suposta inferioridade de algumas raças. O racismo científico baseava-se no patrimônio genético para explicar que o negro era moral e intelectualmente inferior ao branco, por isso, a mistura de ambas as raças deveria ser evitada. O viajante George Gardner comentara, quando aqui esteve entre 1836 e 1841, o seguinte:

O negro importado cativo, proscrito, criminoso vindo da África, melhorou muito ao atravessar o mar. A raça superior que o admitiu, contudo, foi por ele altamente prejudicada, sob muitos aspectos, morais assim como físicos [...]. (GARDNER apud LEITE, 1996, p. 202)

Ina parece, algumas vezes, ter suas ideias baseadas nas teorias racistas do século XIX, as quais deram o substrato para avaliações negativas quanto à miscigenação e à presença do negro na sociedade brasileira. Até a década de 1920, o conceito raça baseava-se nessas análises, atribuindo a culpa da falta de civilização a essa “mancha escura”. A elite brasileira não conseguia perceber que os males do Brasil residiam muito mais na sua formação histórica e na carência de uma educação para os negros do que na questão da miscigenação. Embora Ina aposte numa educação para os negros, entretanto, algumas vezes ela parece desviar-se desse pensamento e deixa entrever resquícios de preconceito racial, incorporando uma visão de mundo elaborada através do pensamento europeu de supremacia do homem branco. No pensamento da maioria dos viajantes do século XIX, era impossível haver progresso cultural e estabilidade política numa sociedade miscigenada. Essa ideia sugere uma aproximação da civilização segundo um modelo europeu. A escravidão, a falta de instituições educacionais, a péssima rede de transportes, o grande número de negros e mestiços impediriam o desenvolvimento do país (LISBOA, 2003). Assim, Ina crê que a vinda de europeus, principalmente os germânicos, contribuirá para que a organização estrutural da sociedade se aproxime da “civilização”, em outras palavras, ela aposta no branqueamento para um maior progresso da sociedade brasileira.

É fundamental analisarmos os discursos dos viajantes através de sua condição de estrangeiros. Em função dessa condição destaca-se imediatamente a posição de *outro* que assumem: o mundo que percorrem é um outro, enquanto eles são também percebidos como *outros* entre os habitantes locais. Como europeus, seu ponto de referência é o “mundo civilizado”, a partir do qual ora percebem o atraso cultural, ora estabelecem aproximações e diferenças em relação ao outro (GOMES, 2003, p. 134). São as identidades e alteridades

construídas ao longo de suas narrativas que tornam seus textos importantes fontes de conhecimento na arena dos estudos culturais,⁵⁹ pois

[...] qualquer coisa que possa ser lida como um texto cultural e que contenha em si mesma um significado simbólico sócio-histórico capaz de acionar formações discursivas, pode se converter em um legítimo objeto de estudo: desde a arte e a literatura [...]. (RÍOS apud COSTA *et al.*, 2003)

⁵⁹ Os Estudos Culturais investem intensamente nas discussões sobre a cultura, percorrendo diferentes disciplinas e metodologias a fim de atender suas preocupações, motivações e interesses teóricos e políticos. Os trabalhos precursores nessa área, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Os Estudos Culturais disseminaram-se nas artes, nas humanidades, nas ciências sociais e inclusive nas ciências naturais e na tecnologia. Eles prosseguem ancorando-se nos mais variados campos, e têm se apropriado de teorias e metodologias da antropologia, psicologia, linguística, teoria da arte, crítica literária, filosofia, ciência política, musicologia. Suas pesquisas utilizam-se da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que são inventados para poder compor seus objetos de estudo e corresponder a seus propósitos. As contribuições de importantes pensadores sociais dos meados do século XX, como Louis Althusser e Antonio Gramsci, juntamente com as análises culturais de Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall, ligados às movimentações iniciais da Nova Esquerda, ajudaram a forjar a primeira linhagem de análises culturais contemporâneas identificadas como Cultural Studies. (COSTA *et al.*, 2003).

4 INTERCULTURALIDADE: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E ALTERIDADES NA OBRA DE INA VON BINZER

Ina von Binzer consegue transferir seus leitores para um ponto de vista fora do seu próprio âmbito cultural, para que esses possam compreender melhor o ponto de vista dos representantes de culturas estrangeiras e, igualmente, questionar o seu próprio contexto cultural, rompendo barreiras culturais para compreensão de assuntos como xenofobia, racismo, migração e exotismo, a fim de também conscientizá-los para tais questões.

Na história da literatura alemã, a questão em torno do estrangeiro manifesta-se de maneira bastante tranquila, mais precisamente através de diferentes temas, categorias e experiências estéticas, através de diferentes aspectos da recepção, produção e, em parte, de distribuição. Se utilizarmos o conceito de literatura num sentido mais amplo, deduziremos que os relatos de viagem compreendem também a grande multiplicidade cultural dos textos literários (NÜNNING, 2003). Assim, a obra da alemã Ina von Binzer pode ser pesquisada e assimilada, sobretudo no âmbito da Xenologia; trata-se de uma ramificação dos estudos culturais que se concentra na análise do contato de representantes de culturas diferentes. Na arena dos estudos acerca da Xenologia existem dois importantes conceitos: *das Andere* (o outro), e *das Fremde* (o desconhecido). *Das Andere* não faz parte da própria identidade, já *das Fremde* causa estranheza, não precisando permanecer desconhecido. Segundo Nünning, alteridade e estranheza são conceitos que simbolizam o outro:

Das Fremde ist folglich nicht das Andere (Alterität, alterity), auch nicht das von uns Abweichende, sondern stets das aufgefasste Andere (foreignness, strangeness), also ein Interpretament der Andersheit und Differenz. Folglich beruht alle Bemühung um das Verstehen des Anderen als eines Fremden, wie bereits Alfred Schütz erkannte auf Akten des Selbstverstehens, dieses immer verstanden als Selbstausslegung.⁶⁰ (NÜNNING; NÜNNING, 2003, p. 284)

O texto da educadora Ina acaba por se constituir em uma narrativa na qual a descoberta do outro revela a própria consumação da diferença. Essa narrativa de aprendizagem é fruto de um desenvolvimento individual – no caso de Ulla, de uma experiência em um país estranho, de hábitos e costumes também estranhos a ela. Através das

⁶⁰ O desconhecido, portanto, não é o outro (a alteridade, alterity), também não é aquilo que se afasta de nós, mas sempre o que é entendido como outro (foreignness, strangeness), ou seja, resultado de algo interpretado como o outro e o diferente. Consequentemente, todo esforço em entender o outro como um desconhecido baseia-se [...] em atos de autocompreensão, esta última sempre entendida como auto-interpretação (tradução livre da autora).

comparações, identidades e alteridades são reveladas. O brasileiro, o outro de Ina, opõe-se a ela na encruzilhada de raça, nacionalidade e religião.

Comparações são traçadas a partir desses três grandes paradigmas. Podemos dizer então que a viajante Ina é uma figura que vive em um espaço liminar, deslizando nos pontos de interseção cultural, estabelecendo muitas vezes uma ideologia dominante no lugar visitado. Outras vezes, ela se torna uma figura ambígua, constituindo simultaneamente centro e periferia, identidade e alteridade.

No retrato do outro, seja ele o negro ou o brasileiro branco, a autora opera por generalização e homogeneização, reduzindo a alteridade a um sistema fixo de diferenças em que a superioridade da cultura de referência fica assegurada.

Interpretações psicológicas de seus textos revelam que a autora expõe seus conflitos com o ambiente estrangeiro na maioria das vezes como um atrito doloroso. Tal experiência pode ser diagnosticada através do conceito de “choque cultural” proposto por Kalervo Oberg. De acordo com Oberg, o choque cultural é causado por uma ruptura de sinais familiares e símbolos de nosso meio social. Ele explica que,

when an individual enters a strange culture, all or most of these familiar cues are removed. He or she is like a fish out of water. No matter how broad-minded or full of good will you may be, a series of props have been knocked from under you, followed by a feeling of frustration and anxiety. People react to the frustration in much the same way. First they reject the environment which causes the discomfort. (OBERG, 1954)

A primeira fase do choque cultural é denominada por Oberg como *honeymoon*. Ao analisarmos as primeiras cartas de Ina, percebemos que ela primeiramente encanta-se com o Brasil. Sobre esse aspecto, podemos dizer que há na análise da professora uma visão dicotômica entre natureza e civilização. Ela surpreende-se com a beleza natural do país, mas decepiona-se com a sociedade. Entretanto, no início, tudo para ela é novidade, não conseguindo nessa fase perceber as alteridades entre as culturas. Com o passar do tempo, o ambiente alheio passa a ser severamente criticado – é o que Oberg denomina de *fase de rejeição*, que logo passará para a fase da *regressão*, ou seja, o indivíduo, além de negar o ambiente estrangeiro, tem como referência seu país e seus costumes. Nessa fase, segundo o autor, há

maid trouble, school trouble, language trouble, house trouble, transportation trouble, shopping trouble, and the fact that people in the host country are largely

indifferent to all these troubles. They help but they just don't understand your great concern over these difficulties. (OBERG, 1954)

Podemos dizer que grande parte do discurso de Ina está concentrada nesta fase. Ela não compreende o abismo cultural que separa as duas culturas e surpreende-se com a indiferença do brasileiro em relação ao que para ela são os “problemas” da nossa sociedade: “Aber auch hier staune ich wieder die Nerven der Einheimischen an: trotz dieses betäubenden Lärms lebt alles auf der Straße oder so gut wie auf der Straße⁶¹ (BINZER, 1994a, p. 59). Em outra passagem, ela revela sua incompreensão em relação à falta de pontualidade dos brasileiros, e, ao mesmo tempo, admira-se com o descaso dos mesmos para com esta questão:

Die Hast mußte etwas zu bedeuten haben, denn sonst heißt's in Brasilien immer: “Paciência”, und niemand überstürzt sich.
[...] wenn in Brasilien etwas recht pünktlich ausfällt, ist's entschieden irgendwo nicht geheuer; jedermann war also zufrieden.⁶² (BINZER, 1994a, p. 39-40)

É na fase da regressão que estereótipos são criados. Oberg cita o estereótipo do brasileiro indolente, conceito frequentemente utilizado por viajantes estrangeiros no Brasil. Ainda sobre esta fase, Oberg explica que o indivíduo se sente como se estivesse doente. Tal angústia é manifestada por Ina na carta de 17 de setembro de 1881, onde ela reclama que seu estado de saúde já está muito debilitado: “Ich bezweifle, daß ich hier allzu lange mit meiner Gesundheit reiche! [...] Wenn ich doch nur wenigstens einmal ein deutsches Wesen zu sehen bekäme!”⁶³ (BINZER, 1994a, p. 49). Interessante nessa passagem é a sua necessidade de encontrar “um ser alemão” para aliviar a nostalgia em relação à sua pátria.

Num estágio posterior, o estrangeiro passa, aos poucos, a aceitar os costumes do outro, porém, sempre assumindo uma postura de superioridade em relação ao nativo. Ao invés de críticas severas, o viajante passa a aceitar sua condição de estrangeiro, chegando até mesmo a rir de algumas situações, como no seguinte excerto da carta de 15 de janeiro de 1882, em que Ina revela com bastante humor “suas aventuras” em uma viagem a Petrópolis:

⁶¹ “Volto a admirar aqui a resistência dos nervos dos nativos, apesar do barulho ensurdecador, vivem todos na rua ou mais ou menos na rua”. (BINZER, 1994b, p. 66)

⁶² “Aquele pressa denunciava qualquer coisa anormal, pois no Brasil todo o mundo diz: ‘paciência’, e ninguém se precipita.

[...] no Brasil quem se revela muito pontual não deve estar regulando bem. Todos mostravam-se contentes”. (BINZER, 1994b, p. 47-48)

⁶³ “Duvido que minha saúde resista por muito tempo. [...] Se ao menos pudesse ver um ser alemão”. (BINZER, 1994b, p. 57)

Etwa auf der Hälfte des Weges wurde Station gemacht, und alles drängte sich um eine dort stehende Bude, wo Kaffee, Gebäck und Früchte zu haben waren. Ich war hungrig geworden und trank gierig meine Tasse Kaffee hinunter und biß ebenso eifrig in ein Stück Biscuitkuchen, das ich aufgegriffen. Es schmeckte etwas eigentümlich, und als ich es beim zweiten Happen näher besah, fand ich, daß es von Ameisen wimmelte, von denen ich also gewiß soeben eine erkleckliche Anzahl mit verschluckt hatte. Brrr! nicht wahr? Ja, siehst Du, ich war aber schon verbrasilianisiert, daß ich nur gleichmütig den Rest der kleinen Gäste von meinem Biscuit abstreifte und diesen dann behaglich zu einer zweiten Tasse Kaffee verzehrte.⁶⁴ (BINZER, 1994a, p. 63)

Ina confessa sentir-se *abrasileirada*, parecendo, desta forma, relevar as alteridades culturais. Ao afirmar sentir-se *abrasileirada*, ela insinua já compreender as diferenças, estando apta a ingressar no quarto estágio de Kalervo Oberg. Segundo ele, neste estágio de adaptação,

the visitor accepts the customs of the country as just another way of living. You operate within the new milieu without a feeling of anxiety although there are moments of strain. Only with a complete grasp of all the cues of social intercourse will this strain disappear. For a long time the individual will understand what the national is saying but he is not always sure what the national means. With a complete adjustment you not only accept the foods, drinks, habits, and customs but actually begin to enjoy them. (OBERG, 1954)

Nos meses finais de sua estadia no Brasil, Ina deixa sua felicidade transparecer. Talvez tal confissão seja motivada pela aproximação da data de seu retorno à Alemanha, no entanto, ela também admite apreciar agora o país que a acolheu: “Ach, Gretele, ich bin so froh! Und es ist doch eigentlich ganz hübsch in Brasilien”⁶⁵ (BINZER, 1994a, p. 139). Nessa linha de interpretação, Oberg explica que não é o ambiente e nem as pessoas inseridas nele que se modificam; o que se altera são as atitudes do visitante em relação ao ambiente. Podemos dizer, então, que, no final de sua permanência no Brasil, ela faz uma “Korrektur” de suas prévias avaliações, tornando-se, assim, ciente das diferenças culturais existentes entre ela e os brasileiros.

Oberg defende que o comportamento muitas vezes hostil do visitante em relação à outra cultura deve-se ao fato de este estar vivenciando o choque cultural. Desta maneira, as atitudes de Ina podem também ser interpretadas a partir desse enfoque, entendendo-se, assim,

⁶⁴ “Mais ou menos na metade do caminho, houve uma parada e todos se amontoaram em volta de uma barraca onde se podia comprar café, bolo e frutas. Estava faminta e tomava com sofreguidão a xícara de café mordendo do mesmo jeito um pedaço de bolo que pegara, quando senti nele um gosto meio suspeito; examinando mais de perto o segundo bocado, percebi que estava preto de formigas, das quais, sem dúvida alguma, já engolira respeitável quantidade. Brrr! Não é? Pois bem, como você verá, já me acho tão *abrasileirada* que, indiferente, livre meu pedaço das formigas restantes e muito sossegada comi o resto do bolo, acompanhando a segunda xícara de café”. (BINZER, 1994b, p. 69)

⁶⁵ “Ach! Grete! Estou tão contente! E o Brasil até que é bem bonito”. (BINZER, 1994b, p. 140)

porque muitas vezes a alteridade é incompreendida e ao mesmo tempo severamente criticada por ela. Nos seguintes subcapítulos, analisaremos cada uma das categorias da alteridade e as formas de representação das mesmas.

4.1 Alteridade através da categoria da nacionalidade

Es ist doch etwas wunderbares um das Vaterland! Was doch alles so mit dazu gehört! Auch die Blumen und Bäume. Wir wissen doch daheim gleich etwas zu singen unter unseren prächtigen Eichen; welches junge Gemüt konnte nicht unsere reiche deutsche Lindenpoesie, und sowie man sprechen kann, lallt man schon sein weihnächtlich-heimliches “O Tannenbaum, o Tannenbaum”! Da grüßt man so einen Baum doch gleich ganz anders! Der mächtige Mangabaum inmitten des Gartens ist zwar sehr schön, aber ich überraschte mich dennoch neulich dabei [...].⁶⁶ (BINZER, 1994a, p. 23)

No trecho acima, podemos perceber que a autora Ina separa-se do outro e de seu ambiente por meio de um discurso, no qual ela faz questão de revelar sua nacionalidade alemã, através da exaltação de sua pátria e dos costumes referentes a ela, glorificando também a sua natureza. Num estágio inicial, ela não chega a avaliar a alteridade em relação ao outro ambiente negativamente, porém, com o tempo, ela passa a enxergá-lo com outros olhos, principalmente porque o compara com o seu ambiente de referência, isto é, a sua pátria. Para ela, o que provém da Alemanha é melhor, seja a natureza, as pessoas, os hábitos, assim, em grande parte de seu discurso, percebe-se a sua necessidade quase que contínua de comprovar e consolidar sua nacionalidade. No trecho abaixo, ela enaltece o natal alemão:

Ist das eine hübsche Weihnachtszeit mit deutschen Menschen, deutschen Liedern, deutschem Festtagskuchen! Nur daß die Tropensonne dreinleuchtet und sengt, als wolle sie sich rächen für unser Versenken in die Bräuche der kalten nordischen Heimat, und die Bananen draußen scheinen unzufrieden zu rascheln, und die Palmen schütteln die Häupter, wie wenn sie sagen wollten: „Wie könnt ihr bei unserem Anblick an düstere Tannen denken!“
[...] Und selbst draußen – ach Grete, wie viel schöner ist doch solch’ ein weißer, schneeiger Platz in Berlin, auf dem in langen Reihen die Tannen stehen, als dieser sonnengetränkte südliche Garten mit seinen Rosen und Palmen...⁶⁷ (BINZER, 1994a, p. 163)

⁶⁶ “Há algo de maravilhoso em torno da pátria! Quanta coisa que se junta a ela! As flores, as árvores. Em casa logo sabemos o que cantar debaixo de um carvalho; não há porém que não conheça nossa rica poesia alemã da *Linde*, e assim como sabemos falar, cantarolamos a nossa canção de natal “O Tannenbaum, o Tannenbaum”! Assim saudamos uma árvore com outro espírito! O imenso pé de manga no meio do jardim é bem bonito mas flagrei-me outro dia trauteando sob sua sombra a bela cantiga [...]”. (BINZER, 1994b, p. 33)

⁶⁷ “Que lindo Natal entre gente alemã, canções alemãs, bolos de festa alemães! É pena que o sol tropical brilhe e chamusque, parecendo querer vingar-se de nós por haveremos mergulhado nos usos e costumes de nossa pátria

Na carta de primeiro de setembro de 1881, ela relata sua viagem ao interior de Minas Gerais, onde estivera por ocasião da inauguração de uma estrada de ferro em São João Del Rei, em que estivera também presente D. Pedro II. Ina critica a viagem, a condição da estrada, os trajes das pessoas e os lugares, sobretudo a decoração das ruas para a visita do imperador do Brasil. Ela conclui sua crítica fazendo uma comparação entre o Brasil e a Alemanha:

Ich war ganz erstaunt über so viel Geschmacklosigkeit und Ungeschick! Was hätten wir nicht in unserem Deutschland allein schon mit diesem Reichtum an natürlichem Schmuck zu machen gewußt, über den Brasilien verfügt!⁶⁸ (BINZER, 1994a, p. 44)

Em relação à recepção dos soldados brasileiros ao imperador, ela afirma que os “nossos recrutas mais chucros fazem isso melhor” (BINZER, 1994b, p. 54). Mais uma vez, ela está exaltando sua nacionalidade, conferindo àqueles provindos da sua nação melhores valores e atitudes.

Ao comparar-se com o outro, Ina está afirmando a sua identidade nacional. A questão identitária constitui-se em uma das aporias fundamentais do homem: ou ele se anula, ou seja, não preserva a sua identidade e tende a desaparecer, ou ele a afirma e a preserva, excluindo o outro. Assim, a identidade só tem sentido se pensada junto com a alteridade, isto é, como abertura para o outro: é através do conhecimento da cultura do outro que eu melhor penetro e valorizo o meu próprio patrimônio cultural (BERND, 2000, p. 133). Ina, ao enfatizar as qualidades do povo alemão, está, ao mesmo tempo, construindo a sua *Selbstbild*, isto é, a sua auto-imagem, afirmando, assim, sua identidade. Um exemplo da construção de sua auto-imagem se dá quando ela aponta a pontualidade, a diligência, o trabalho, a ordem, e a disciplina alemã como principais virtudes desse povo. Essas afirmações são muitas vezes construídas a partir do outro; ou seja, através da crítica ao outro, ela afirma a sua imagem, como no trecho abaixo:

Der Brasilianer bringt dieser Art von Unordnung eine gewisse kindliche Harmlosigkeit entgegen, die fast rührend ist, und ich glaube, Grete, wir Europäer,

nórdica. As bananeiras lá fora parecem resmungar descontentes e as palmeiras sacodem a cabeça como se dissessem: ‘pode-se lá pensar em pinheiros sombrios, na nossa presença?’

[...] E mesmo lá fora – ach, Grete – quanto é mais bela uma praça em Berlim, alva, coberta de neve, com suas longas filas de pinheiros, do que este jardim tropical inundado de sol, com suas rosas e palmeiras...” (BINZER, 1994b, p. 161)

⁶⁸ “Admirei-me de tanta falta de gosto e de habilidade. O que não tínhamos realizado na nossa Alemanha, apenas com os enfeites naturais que o Brasil possui!” (BINZER, 1994b, p. 52)

gewöhnen uns mit der Zeit wenn auch nicht an den Schmutz, so doch daran, ihn von den anderen unbeachtet zu sehen.⁶⁹ (BINZER, 1994a, p. 69)

Ina declara serem os nórdicos alemães “rigidamente educados” (BINZER, 1994b, p. 74), chegando a questionar-se: “[...] seremos nós disciplinados demais?” (BINZER, 1994b, p. 114). Tais conceitos, entretanto, não são imagens inventadas por ela. Ina é, na verdade, uma exportadora das virtudes prussianas, que se tornaram marco fundamental do nacionalismo cultural alemão e cuja origem remonta ao século XVIII, a partir da formação do Império Alemão, quando a maioria dos prussianos de língua alemã passou a considerar-se parte da nação germânica, professando as chamadas virtudes prussianas: organização perfeita, sacrifício, o Estado de Direito, obediência à autoridade e militarismo. Essas figuras emblemáticas em torno do povo alemão cumprem um papel importante na identificação do grupo através da valorização das origens, “resgatando aquilo que se convencionou chamar de raízes, ou seja, o que faz com que seja afirmada uma identidade” (MACIEL, 2000, p. 92).

Ao mesmo tempo em que Ina afirma sua identidade, conferindo aos alemães uma identificação positiva, ela também cria estereótipos negativos em relação ao brasileiro, fazendo com que sua figura seja unificadora, servindo como referencial a todos os habitantes do país. Quando ela fala que o brasileiro despreza o trabalho; que vive na desordem, ou que é indisciplinado, ela está construindo generalizações simplistas e reducionistas acerca do povo brasileiro. De acordo com Maciel (2000, p. 93), os estereótipos podem se transformar em símbolos de toda uma coletividade, aproximando-se mesmo do sagrado, e também podem ser utilizados em práticas discriminatórias, num jogo de contraste, oposição e dominação.

Ina reflete de maneira bastante intensa a respeito da reciprocidade entre as duas culturas. Primeiramente, ela relata como os habitantes da terra anfitriã a percebem, assim, sua narrativa reproduz também de que maneira ela é percebida pelo outro (SCHAMM, 2008). Ocasionalmente, ela se sente inferiorizada pelo outro, o que a leva a tecer também pré-conceitos em relação à outra cultura. Sua atitude corresponde, segundo Schamm, a um modelo de comportamento típico daqueles que transitam em ambientes desconhecidos. Ina, ficticiamente Ulla von Eck, reclama em várias cartas que se sente marginalizada e discriminada pela outra cultura. Na carta datada em 20 de junho de 1881, ela relata um jantar, onde foi convidada a tocar uma canção alemã ao piano:

⁶⁹ “O brasileiro considera essa espécie de desordem com certa ingenuidade quase comovente e penso, Grete, que nós europeus com o tempo vamo-nos habituando senão à sujeira, a vermos os outros não se incomodarem com ela”. (BINZER, 1994b, p. 75)

Ich spielte einen Chopinschen Walzer, der ihnen sehr gefiel, und sang ihnen “Klein Anna-Kathrin”, was sie nach keiner Richtung hin verstanden. Nun singe ich nie mehr ein deutsches Lied vor brasilianischen Ohren, sondern immer nur italienische Etüden, von denen ich überzeugt bin, daß sie ihnen imponieren werden.

Nach mir folgte mit ein paar französischen Tänzen unsere Dona Olympia, die ganz nett aber mit geschmackloser Auswahl spielt, und dann setzte sich eine sehr stille, sehr starke und sehr dunkeläugige Dame an das Instrument und begann den zweiten Akt des “Troubadour” vorzutragen. Man sagte mir vorher, sie spiele „perfekt“ und so horchte ich gespannt...Ach Grete, bin ich denn so gar starr germanisch, daß ich diese Romanen mit dem besten Willen nich interessant und geistreich finden kann!⁷⁰ (BINZER, 1994a, p. 18)

A passagem acima revela a primeira experiência de convívio social com os brasileiros, marcado por um conflito na zona de contato.⁷¹ Os brasileiros não apreciam a canção alemã, assim como ela também não aprecia o modo como o trecho de *Il Trovatore* de Giuseppe Verdi é interpretado, apontando para a falta de perfeição técnica na execução da música; os brasileiros, no entanto, familiarizam-se com a canção.

Ina chega a reconhecer que sua nacionalidade alemã não permite uma maior intimidade com os latinos. Interessante nesta afirmação é que ela separa os latinos dos germânicos. Os brasileiros e os italianos teriam mais afinidade por pertencerem à raça latina. Porém, paradoxalmente, ela expõe uma afinidade com o convidado italiano. Agora, ele passa a ser considerado não como latino, mas como europeu:

Seit ein paar Tagen ist nämlich ein junger italienischer Architekt bei uns zum Besuch, ein Neffe des Doktors von seiten seiner ersten Frau, die eine Italienerin war, und dieser Unglückliche schien ebenso antipodisch berührt wie ich. Ich lächelte unwillkürlich, als ich sein Gesicht sah, zumal unser gemeinsames Europäertum uns schon zu vielen gleichartigen Urteilen über hiesige Verhältnisse veranlaßt hat [...].⁷² (BINZER, 1994a, p. 18-19)

⁷⁰ “Toquei uma valsa de Chopin que agradou muito e cantei ‘Pequena Ana Katarin’ que não compreenderam de maneira alguma. Nunca mais hei de cantar uma canção alemã diante de ouvidos brasileiros; mas somente estudos italianos, pois estou convencida de que serão apreciados.

Seguiram-se umas danças francesas que a nossa Dona Olímpia tocou bem direitinho, mas escolhidas com mau gosto. Depois, sentou-se ao piano uma senhora muito calma, muito gorda, de olhos muito escuros que começou a tocar o segundo ato do ‘Trovatore’. Haviam me dito antes que ela tocava com perfeição e por isso escutei-a atentamente. Ach! Grete! Serei tão inflexivelmente germânica que não possa achar estes latinos espirituosos ou interessantes?” (BINZER, 1994b, p. 29)

⁷¹ Conceito fundamental do livro de Mary Louise Pratt. O termo zona de contato pode ser compreendido como fronteira cultural, onde dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais são enfatizadas, pondo em questão como os sujeitos coloniais são constituídos nas e pelas relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e visitados, em termos de interação e trocas no interior de relações assimétricas de poder.

⁷² “Desde há alguns dias, acha-se em visita em nossa casa um jovem arquiteto italiano, sobrinho do doutor por parte de sua primeira mulher que era italiana; esse infeliz parecia sentir a mesma coisa que eu. Sem querer, sorri, olhando para seu rosto, pois nossa comum sensibilidade européia nos fazia vibrar de maneira idêntica em relação às condições daqui [...]”. (BINZER, 1994b, p. 29)

Embora latino, o convidado italiano divide com ela “uma comum sensibilidade européia”. Ao descrever-se como européia, descendente da raça alemã, ela está estabelecendo sua condição de diferente. Na construção da alteridade entre o “eu” e o “outro”, o primeiro representa tudo o que é certo, a semelhança, a verdade acertada a partir do seu discurso, reservando para si o patamar de superioridade e deixando conseqüentemente relegado ao outro o desconfortável lugar de diferente (QUERINO, 2009). Porém, como já afirmamos anteriormente, Ina também se sente, por vezes, marginalizada pelo outro, principalmente enquanto permanece nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde penetra mais ativamente na vida social dos brasileiros do que enquanto estivera somente nas fazendas do interior dos estados. Ela se queixa várias vezes para sua amiga Grete que é discriminada por sua nacionalidade alemã. Ressentida, ela relata em sua carta de 12 de fevereiro de 1882 sobre o modo como é percebida pelas mães de suas alunas:

[...] wie sollte von Kindern Rücksicht zu erwarten sein, wenn sich Erwachsene ähnlicher Taklosigkeiten nicht schämen. Heute morgen ging Madame mit einer brasilianischen Dame und Zöglingsmutter durch das Musikzimmer, und die Brasilianerin sagte ganz laut auf Portugiesisch: “Ist sie eine Deutsche? Ah, sie hat gar nicht den deutschen Typ und ist ja auch sehr gut angezogen!” Das Absprechen des “deutschen Typ” war mir, der starren Germanin, wie Du wohl denken kannst, äußerst schmerzlich und zugleich bei meinem blonden Haar verwunderlich – was aber mögen denn meine deutschen Vorgängerinnen und andere Kolleginnen hier für Gewänder getragen haben, wenn die Toilette der deutschen Damen so sehr das hohe Mißfallen der Brasilianerinnen erregt?!⁷³ (BINZER, 1994a, p. 75)

Para Ina, negar seu “tipo alemão”, seu “cabelo louro”, é algo bastante ofensivo, pois assim, negam-lhe também sua nacionalidade. O mesmo sentimento de discriminação é relatado por ela quando de uma visita ao cabeleireiro. Este comenta, ao descobrir sua nacionalidade: “*Ah bah, [...] ça se connait; les allemandes sont toujours malvetues et n’ont pas de chic.*” (p. 75). Para ele, Ina não parecia alemã, pois se vestia bem, o que causou a indignação da professora. Ina até então desconhece o motivo de tal preconceito, que somente compreende quando viaja a Petrópolis, onde encontra pela primeira vez colonos alemães. Ela comenta que são “quase todos camponeses sem nenhuma instrução”, “conservam a língua e alguns maus hábitos alemães” e falam o “plat-alemão” (BINZER, 1994b, p. 72). Através de

⁷³ “Como porém exigir o respeito das meninas, se os próprios adultos não se envergonham de cometer semelhante grosseria? Hoje cedo a diretora passou pela sala de música com uma senhora brasileira, mãe de uma das alunas, que observou em voz alta, falando em português: “Ela é alemã? Não tem tipo alemão e além disso está muito bem vestida”. Negar-me o tipo alemão, a mim, germânica inflexível, como você sabe, é bastante doloroso e ao mesmo tempo incompreensível, diante de meu cabelo louro. Que vestidos usariam minhas antecessoras e outras colegas alemãs, para despertar de tal forma o desagrado das brasileiras?” (BINZER, 1994b, p. 80)

seu julgamento em relação aos colonos, ela ajuda a construir estereótipos negativos de sua própria nacionalidade, fornecendo, assim, suporte ao preconceito criado por brasileiros a respeito dos alemães. Inconscientemente, ela está agregando aos alemães a imagem negativa de *alemães batatas*, termo que se disseminou na sociedade a partir do final do Império. Os imigrantes do século XIX eram compostos em sua grande maioria por camponeses e artesãos, dificilmente imigrantes provinham da camada burguesa abastada. Os colonos que aqui se fixaram permaneceram praticamente afastados do resto da sociedade, mantendo-se isolados nas colônias e favorecendo, desse modo, a visão preconceituosa da população brasileira, já que não faziam questão de se integrarem (SCHAMM, 2008).

Ina esconde-se sob a máscara fictícia da escritora Ulla von Eck para avaliar os brasileiros e seus hábitos, sempre comparando-os com seu povo e também afastando-se do outro. Assim, ela afirma seu eu e o seu lugar na sociedade, bem como o lugar do outro, este sendo sempre o inferiorizado, com atitudes não consideradas nem aceitas pelo eu. Ao longo de suas cartas, Ina repetidamente critica o brasileiro e sua cultura, concebendo-a como inferior em relação à sua. Falta de pontualidade, de cultura, de espírito industrioso, de ordem e de disciplina são algumas das críticas da professora em relação ao povo brasileiro. Sobre a pontualidade, ela afirma: [...] “no Brasil quem se revela muito pontual não deve estar regulando bem” (BINZER, 1994b, p. 48).

A falta de cultura é, para ela, outra característica do povo brasileiro. Ao passear pela cidade do Rio de Janeiro, ela visita um museu “cuja existência”, segundo ela, “muitos ignoram e [...] raros vão ver” (BINZER, 1994b, p. 77). Para a educadora, nota-se também “[...] pouca inclinação dos brasileiros para as artes plásticas [...]” (BINZER, 1994b, p. 77). A seu ver, o brasileiro possui somente meia cultura: “Alles ist äußerlich, alles Halbbildung und Geste [...] wenn Du wirklich einmal die Probe darauf machst und die Leute nach etwas fragst, so können sie Dir keine Rechenschaft geben”⁷⁴ (BINZER, 1994a, p. 91). Ela finaliza essa mesma carta fazendo uma severa crítica ao Brasil e seu povo, dizendo ser este “um país onde o povo propriamente não existe, e onde não se encontra ninguém capaz de me dizer a letra do hino nacional” (BINZER, 1994b, p. 97). Ina não está totalmente equivocada, pois tal afirmação pode ser constatada ainda nos dias atuais. Nesse sentido, podemos nos remeter mais uma vez às palavras de Paulo Duarte, que afirma serem muitas das observações de Ina perfeitas, adequadas e válidas ainda nos dias de hoje. Duarte alega serem igualmente precisas suas observações sobre o carnaval brasileiro; o que para ela se resumia a uma selvageria.

⁷⁴ “Tudo é exterior, tudo gesticulação e meia cultura [...] se você tirar a prova real, se indagar sobre qualquer assunto, não se revelam capazes de fornecer a informação desejada”. (BINZER, 1994b, p. 95)

Duarte declara: “O Carnaval, para muitos, é um tormento ainda hoje e que não seria quando dominava o entrudo, com suas laranjinhas ou limões-de-cheiro, encharcando qualquer transeunte de água e polvilho?” (DUARTE in BINZER, 1994b, p. 10). Ina afirma que, durante o “carnaval selvagem”, “os brasileiros ficam radiantes e completamente fora de si [...]” (BINZER, 1994b, p. 84). Não é a observação feita pela professora há mais de cem anos correta e ainda muito atual?

Suas críticas em relação à ociosidade e ao suposto caos vigente na sociedade brasileira são igualmente adequadas se tomarmos a explicação histórica de Sérgio Buarque de Holanda: “[...] todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem” (HOLANDA, 1995, p. 31). Holanda explica que recebemos a nossa herança cultural através de uma nação ibérica, e um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia desses povos é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho:

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor. (HOLANDA, 1995, p. 38)

Os países ibéricos são considerados nações latinas porque compartilham determinadas tradições herdadas do antigo Império Romano do Ocidente, como a língua. Assim, Holanda está, através de sua afirmação, delineando diferenças entre as raças latina e germânica, utilizando os conceitos de “nações ibéricas” e “povos protestantes”. Dito isso, podemos, então, afirmar que nossa nacionalidade está agregada à raça latina, pois brasileiros e latinos têm, segundo Holanda, “uma alma comum”.

4.2 Alteridade através da categoria da raça

Sie gehören eben innerlich nicht zu uns, mir drängt sich dies Gefühl immer von neuem auf, und die Brasilianer selbst bestätigen die Richtigkeit desselben instinktiv, indem sie mit ihrem Herzen doch immer wieder den Franzosen und

anderen romanischen Völkern zuneigen, wenn ihnen auch deutscher Geist oder englische Tatkraft mehr imponieren.⁷⁵ (BINZER, 1994a, p. 92)

Em seu discurso, Ina faz uma clara distinção entre as raças germânica e latina, enaltecendo as qualidades da primeira e criticando, na maioria das vezes, a segunda. Italianos e franceses teriam mais afinidades com os brasileiros por serem povos latinos. Já os alemães, ingleses e americanos, por pertencerem ao mesmo grupo racial – os povos germânicos – dividem, segundo ela, características e hábitos similares. Essa afirmação é concretizada na seguinte passagem, quando ela admite ser a diferença racial o motivo do insucesso de suas aulas de alemão:

[...] es ist merkwürdig, wie wenig sie bei mir lernen! Ich habe noch nicht herausfinden können, ob es an mir oder an ihnen liegt, vielleicht macht es auch der Rassenunterschied zwischen Germanen- und Romanentum, denn Französisch lernen sie halb im Schlaf, und die Französinen werden auch viel besser mit ihren Klassen fertig.⁷⁶ (BINZER, 1994a, p. 73)

Ela não se refere somente à língua latina como agente facilitador no processo de aprendizagem; a metodologia adotada pela professora francesa, ou seja, o modo de conduzir a classe parece ser mais apropriado que o método alemão. Para ela, os brasileiros teriam preferência pelos franceses, e essa justificativa recai, segundo ela, na similaridade entre as duas raças.

Sua preferência pela raça germânica é revelada na carta de 28 de julho de 1882, quando ela admite que embora os Sousas sejam amáveis; eles “não deixam de ser brasileiros”. Ela utiliza-se de seu determinismo racial para separar e recriminar os povos latinos.

Ach, Grete, so nett diese Souzas auch sind, fremd bleiben die Brasilianer einem doch, fremder sogar als alle anderen Fremden hier, die schon ein gewisses Gefühl der Zusammengehörigkeit als Gäste auf hiesigen Boden zusammenzieht. Zudem ist mir doch das ganze Wesen und Sein germanischer Volksstämme weit sympatischer als diese Romanen.⁷⁷ (BINZER, 1994a, p. 128)

⁷⁵ “Não se aproximam de nós por irresistíveis afinidades interiores e cada vez mais me convenço e os próprios brasileiros o reconhecem – que de coração inclinam-se mais instintivamente para os franceses e outros povos latinos, mesmo quando se deixam empolgar pelo espírito alemão e pela energia inglesa” (BINZER, 1994b, p. 95-96)

⁷⁶ “[...] é estranho como aprendem pouco comigo, especialmente o alemão. Não pude descobrir ainda se é culpa minha ou delas. Talvez isso se explique pela diferença das raças germânica e romana, pois o francês aprendem até dormindo e as francesas obtêm resultados muito melhores do que eu, em suas classes”. (BINZER, 1994b, p. 78-79)

⁷⁷ “Ach! Grete; apesar de muito amáveis, os Sousas não deixam de ser brasileiros; e a nós, estrangeiros, parecem sempre gente estranha, desprovidos de um certo senso de solidariedade que nos une, como hóspedes desta terra. Além disso, a índole e a personalidade dos povos saxônicos despertam muito mais minha simpatia do que as destes latinos”. (BINZER, 1994b, p.129)

Ainda na mesma passagem, ela revela sua felicidade por estar entre os norte-americanos e poder escutar sua língua: “[...] hier ist eine Pflanzung ganz in der Nähe, die amerikanischen Ansiedlern gehört, also ganz zivilisierten Menschen!”⁷⁸ (BINZER, 1994a, p. 128). Também ao se referir a um casal inglês em Petrópolis, ela comenta que “são ingleses e gente muito simpática” (BINZER, 1994b, p. 68). Em relação à língua, ela fala que “só ao ouvir o som da língua inglesa respirei aliviada” (BINZER, 1994b, p. 129). Segundo Schamm, a atitude de Ina não precisa ser necessariamente interpretada a partir de um determinismo racial; para ele, a aproximação dela com ingleses e norte-americanos serve para amenizar seu choque cultural. Ina encontrar-se-ia no segundo estágio da teoria de Kalervo Oberg, quando, segundo ele,

You become aggressive, you band together with your fellow countrymen and criticize the host country, its ways, and its people. [...] You take refuge in the colony of your countrymen and its cocktail circuit which often becomes the fountainhead of emotionally charged labels known as stereotypes. (Oberg, 1954)

À medida que Ina se aproxima de seus “semelhantes”, intensifica-se também o abismo existente entre as culturas alemã e brasileira, ao ponto de ela desabafar que „sie gehören [...] innerlich nicht zu uns“ (BINZER, 1994a, p. 92), ou seja, *eles* (os brasileiros) *não fazem parte internamente de nós* (tradução livre da autora). O engenheiro inglês Mister Hall, no entanto, parece pertencer a seu *milieu*. Assim ela o descreve para a sua destinatária Grete: „[...] er ist wirklich sehr nett, gar nicht wie die Brasilianer, fast wie ein Deutscher; er hat so aufrichtige große blaue Augen und sieht so männlich aus“⁷⁹ (BINZER, 1994a, p. 93). Ela não está se referindo somente às diferenças culturais entre brasileiros e alemães. Ao falar da cor dos olhos do inglês, ela está conferindo a ele uma certa superioridade racial, pois possui olhos azuis como os alemães, diferente dos negros e brasileiros mestiços. No episódio onde é convidada a tocar piano, ela descreve as características físicas de uma senhora brasileira que, segundo ela, tem “olhos muito escuros”, “rosto cor de cera amarelada” e “olhos pretos que pareciam borrões de tinta” (BINZER, 1994b, p. 29). Seu preconceito racial transperece principalmente ao referir-se aos negros: “‘Meine Negerin’ [...] Sie heißt sogar Olympia [...] Im Vertrauen will ich Dir zwar sagen, liebe Grete, daß sie das scheußlichste, dicklippigste schwarze Geschöpf

⁷⁸ “Imagine como estou contente; existe aqui na vizinhança uma fazenda de colonos norte-americanos, gente civilizada, portanto!” (BINZER, 1994b, p. 129)

⁷⁹ “[...] ele é realmente atencioso, não como os brasileiros, mas quase como um alemão; tem uns grandes olhos azuis e seu aspecto é muito viril”. (BINZER, 1994b, p. 96).

ist, das je einen hochtrabenden Namen trug [...]”⁸⁰ (BINZER, 1994a, p. 6-7). Semelhante julgamento também é revelado quando ela se refere ao pequeno Jakob, filho de escravos da fazenda onde trabalha:

So saß ich neulich [...] als mich plötzlich, wie ich aufblickte, eine scheußliche kleine schwarze Kreatur von mir in die Tropen zurückschreckte. Denke sie Dir etwa zwölfjährig, mehr Affe als Mensch, bis an die Ohren grinsend, mit unappetitlichem Wollhaar, fingerbreitem Vorkopf, entsetzlich dickem Bauch und stockartigen schwarzen Beinen [...].⁸¹ (BINZER, 1994a, p. 12)

O determinismo racial da viajante Ina pode ser compreendido na medida em que analisamos as teorias raciais do século XIX, em que as diferenças seriam determinadas biologicamente, abrindo campo para o racismo científico. Observam-se três importantes vertentes: a escola etnológico-biológica, que, pautada no poligenismo, buscava provar, com base em diferenças físicas e, portanto, mentais, a inferioridade dos negros e índios em relação aos brancos. Já a escola histórica, representada por Gobineau, preconizava que a raça superior, ou seja, a branca, determina a história (Arianismo). A terceira vertente era a do darwinismo social, segundo a qual as raças “superiores”, ao longo de um processo histórico-evolutivo, teriam predominado sobre as raças inferiores, condenadas ao desaparecimento (LISBOA, 2000, p. 284). Lisboa explica que o debate acerca da degeneração de certos grupos étnicos misturados, das teorias da superioridade do homem branco – sobretudo do “ariano” em relação ao “latino” e às outras raças – e da incapacidade do negro de assimilar a “civilização” estende-se até a década de 1920, quando a questão da miscigenação se insere no contexto da história colonial, abrindo novas perspectivas, quando a variedade étnica passa a ser vista também positivamente (LISBOA, 2003). Entretanto, tais teorias racistas ainda estavam no auge de seus debates no período em que Ina permaneceu no Brasil, portanto, ela, provavelmente influenciada por estas teorias, deixa entrever resquícios de seus preconceitos, agregando muitas vezes interpretações raciais para justificar alguns dos problemas da sociedade brasileira. Ela confere ao negro a culpabilidade por ser a sociedade da época pouco industrializada. Para ela, o africano “sabe entregar-se ao gozo da vida ociosa” (BINZER, 1994b, p. 155); além disso, “não se pode contar com a população preta para um esforço de trabalho

⁸⁰ “‘Minha negra’ [...]. Chama-se Olímpia [...] Confidencialmente lhe digo, minha cara, que ela é a criatura preta e beijuda mais horrenda que jamais usou esse nome majestoso [...]”. (BINZER, 1994b, p. 18)

⁸¹ “[...] de repente, olhando para cima, vi uma horrenda criaturinha preta que me apavorou, devolvendo-me aos trópicos. Imagine: aparentava mais ou menos doze anos, parecendo mais macaco do que gente, abrindo um sorriso até as orelhas, a carapinha repugnante, um dedo de testa, a barriga terrivelmente gorda, pernas como paus pretos [...]”. (BINZER, 1994b, p. 24)

criador” (BINZER, 1994b, p. 155). Ela fala da ociosidade como sendo uma característica intrínseca do negro. No trecho abaixo, ela menciona a sujeira e a desordem da cidade do Rio de Janeiro, inserindo o negro nesse cenário “caótico”:

Hier steht eine Gruppe rauchender, spuckender Neger, dort hocken Negerinnen in den Türen der Magazine und lesen Kaffee aus. Vielfach wird auch Teil des Trottoirs eingenommen von Negern, Negerinnen oder Mulatinnen mit ihren Tischen und Körben, die Orangen, Bananen, Kokosnüsse, Feuerwerk und allerlei sonstige Nichtigkeiten feilbieten⁸² (BINZER, 1994a, p. 68)

A despeito dessa questão, Barreiro (2002) explica que, para os viajantes, o Brasil era visto como um lugar caótico e desorganizado, caracterizado por seu aspecto “pitoresco”, o “ritmo lento”, “preguiçoso” e “irregular”. Tudo isso sugere, na visão dos viajantes, a necessidade de reformulação ampla dos espaços urbanos, que devem ser “desodorizados” e reconstituídos em consonância com os padrões de vigilância, limpeza e regularidade característicos das cidades modernas (BARREIRO, 2002, p. 82). Há aí um confronto de valores que é traduzido na necessidade de destruição de práticas ligadas ao “primitivismo”, para que se instale a modernidade em seus aspectos sociais e culturais (BARREIRO, 2002, p. 69).

Ina compartilha tais ideias com seus contemporâneos, entretanto, ela não parece conferir ao negro a total culpabilidade pela nossa suposta sociedade ociosa e caótica, pois, segundo ela, ele “imita servilmente o branco e trabalha o menos que pode” (BINZER, 1994b, p. 154). Quando fala em “branco”, ela está se referindo ao brasileiro descendente de portugueses, pois, a seu ver, o brasileiro,

verachtet geradezu die Arbeit und den Arbeitenden. Er selbst arbeitet nicht, wenn er es irgend vermeiden kann, er sieht das Nichtstun als ein Attribut des Freien an, und woher will man denn erwarten, daß der in tierischer Unwissenheit erzogene Sklave sich über solche Ansichten hinwegsetze, sich eine selbständige philosophische Ansicht gebildet habe oder bilden werde?!⁸³ (BINZER, 1994a, p. 155)

Ao longo de sua narrativa, a retórica da alteridade é construída mais frequentemente em torno do brasileiro do que acerca do negro, pois aquele pode assemelhar-se a ela, as

⁸² “Aqui, vêem-se grupos de pretos fumando e cuspidos; acolá, pretas retintas nas portas das lojas escolhendo café. Muitas vezes a calçada acha-se invadida pelos pretos, pretas e mulatos com seus tabuleiros e cestas, vendendo laranjas, bananas, côcos, fogos e mais outras quinquilharias” (BINZER, 1994b, p. 75)

⁸³ “O brasileiro [...] despreza o trabalho e o trabalhador. Ele próprio não se dedica ao trabalho se o pode evitar e encara a desocupação como um privilégio das criaturas livres. Como esperar que o escravo, criado em animalésca ignorância mas dentro dessa ordem de idéias, seja capaz de adquirir outras por si, formando sua própria filosofia?” (BINZER, 1994b, p. 153-154)

culturas brasileira e alemã podem ser algumas vezes equiparadas; enquanto o negro é descrito como *total fremd*, ou seja, absolutamente diferente, não sendo possível, portanto, estabelecer-se comparações. O negro torna-se, então, aos olhos da alemã, muito mais um objeto de reflexão do que de crítica. Por outro lado, ao distanciar-se do absoluto desconhecido, ela está também o marginalizando, permitindo que pré-conceitos sejam construídos. Nos próximos subcapítulos analisaremos como o negro está inserido na retórica da alteridade da professora Ina.

4.2.1 A construção do negro no imaginário ocidental

A escravidão está presente na maioria dos relatos dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil. Podemos dizer que ela causa um fascínio exótico no imaginário do europeu. Não é propriamente a escravidão que é associada ao exotismo, mas as imagens relacionadas a ela, isto é, o negro em si, seus costumes, festas, moradia, vestimentas, e, por fim, a mulher negra. É Octávio de Souza quem afirma:

O espectro semântico da palavra “exótico” abrange desde o sentido denotativo de estrangeiro ou não nativo, até o sentido conotativo oriundo de sentimentos estéticos, sentido que expressa o charme ou a fascinação do que não é familiar, o estranhamente belo ou excitante [...] considerar belo ou excitante o estranho já é, em si, um modo de aproximação [daquilo que é] puramente estranho. (SOUZA, 1994, p. 127)

Para o imaginário europeu, a cor negra ora está associada a um sentimento de fascínio exótico, ora está acoplada a um sentimento de medo ou aversão. Segundo William Cohen, os europeus associavam a pele negra como marca do mal e da depravação humana. Muitos mitos de ordem teológica foram criados a fim de explicar a origem da cor negra e, embora sem comprovação científica, o argumento bíblico se tornou bastante recorrente nas crenças populares. Uma delas remete à maldição de Noé sobre Cam, do qual todos os negros descenderiam (SANTOS, 2002). A mesma referência à suposta maldição do negro encontra-se nas observações de Ina, ao relatar uma cerimônia de batismo de crianças negras. Ela questionava-se porque algumas crianças tinham a pele quase branca. Como resposta, relataram-lhe a maldição de Cam:

„Sie werden schwarz“, sagte man mir mit einem Lächeln [...] „nur die inneren Handflächen und die Fußsohlen bleiben weiß. Sie sagen, als Ham nach Afrika ausgewandert sei, habe er auf Befehl des Herrn mit Füßen und Handflächen das Wasser des Jordans berührt, das dann vor ihm zurückgewichen sei; von dieser Berührung seien bei ihm und seinen Nachkommen jene Stellen weiß geblieben, auch im Sonnenbrand Afrikas“.⁸⁴ (BINZER, 1994a, p. 32-33)

O negro torna-se exótico para o imaginário europeu, pois ele é diferente do resto da população por sua procedência – tomada como origem – e pelo fenótipo, principalmente a cor da pele, que indicava “inferioridade natural” (LEITE, 1996, p. 99). Exótico e diferente, ele causa o estranhamento do observador, criando-se, dessa maneira, uma rede de identidades e alteridades, pois o conhecimento do “outro”, enquanto tentativa de conhecer-se a si mesmo, era o primeiro passo na busca da própria identidade, isto é, através da experiência da alteridade, construía-se também a identidade. Para Leite, o “outro” representa uma demarcação para a própria conformação do “eu”. Ainda sobre o “outro”, Marco Aurélio Luz explica-nos que o desconhecimento daquele considerado etnicamente outro “provoca situações fantasiosas que ocupam o lugar da realidade [...] o outro torna-se o depositário de tudo aquilo que nós mesmos condenamos ou desejamos, ora no sentido de agredi-lo ora de idealizá-lo” (LUZ, 1983, p.24-25).

O negro, dessa forma, pode ser visto como o “outro” do branco, um duplo; como aquele que, ao surgir diante do branco, lhe remete à sensação de estranhamento, que pode ser de terror ou fascínio, de algo que solicita, de alguma forma, uma simbolização. Esta ocorre através da construção, em primeiro lugar, do exotismo (SANTOS, 2002).

4.2.2 O negro na visão da educadora

Como já havíamos debatido anteriormente, a educadora Ina apresenta duas visões em relação à escravatura, ora esta contribuiria para o processo civilizador do negro “selvagem”, ora é percebida como um contra-senso à civilidade. Vale ressaltar que Ina, assim como a grande maioria dos viajantes, tinha seus pensamentos calcados em ideias iluministas, cuja influência encontrava-se nos mais diversos sistemas sociais, como a política, a economia, as artes. Na Alemanha, o Iluminismo exerceu forte influência tanto na literatura quanto no

⁸⁴ “‘Eles vão ficar pretos’ – disseram-me com um sorriso de desprezo [...] ‘só as plantas dos pés e das mãos continuarão claras. Eles dizem que quando Cam emigrou para a África, tinha, por ordem de Deus, tocado com as mãos e os pés nas águas do Jordão, que recuaram, afastando-se dele; mas desse contato ficaram para seus descendentes, mesmo sob o sol ardente da África, essas partes mais claras’”. (BINZER, 1994b, p. 42)

âmbito político-econômico, destacando-se esse dos demais países europeus pelo conceito de *Bildung*, ou seja, uma formação cultural (SANTOS, R., 2008). De acordo com Wilma Patrícia Maas:

A tendência dos dicionários e do uso lingüístico moderno é de atribuir ao termo “Bildung” (formação) o sentido de um resultado de um processo que não pode ser atingido apenas pela atividade metódica da educação; a “Bildung” pressupõe a atividade espontânea do indivíduo, ocorrendo ao longo do processo de auto-aperfeiçoamento. (MAAS, 2000, p. 27)

Na visão da professora, o negro ainda não estava apto para essa evolução no processo de auto-aperfeiçoamento (*Bildung*). A escravidão seria, então, uma maneira de civilizá-lo, preparando-o para essa “evolução”. É por esse motivo, também, que a autora não concorda com uma abolição imediata da escravatura no Brasil, pois os escravos não estariam preparados para integrar a sociedade dignamente. Para Ina, assim como para a maioria dos viajantes, desenvolver-se ou evoluir significava moldar-se aos padrões europeus, ou seja, europeizar-se. Dessa forma, o negro, que “só queria viver na ociosidade”, não estaria pronto para esse desenvolvimento moral e intelectual. A educadora acreditava que o negro, ao se livrar da escravidão, não teria mais “necessidade de lutar pelo seu pão de cada dia”, não se podendo esperar dele, assim, “qualquer regeneração moral” (BINZER, 1994b, p. 155). Dessa forma, a seu ver, a escravatura seria uma forma de mantê-lo moralmente civilizado.

Ina mesma afirma ser “uma grande falta de critério fazer-se, sem transição, de um escravo um senhor, tornando-o independente, quando foi criado irresponsável”. Ela indaga: “Tudo isso obriga-nos a raciocinar, não é?” (BINZER, 1994b, p. 158). Ora a educadora descreve o negro e seus costumes com um explícito preconceito racial, ora ela o enxerga positivamente. Ao chegar à fazenda São Francisco, ela conhece Olímpia, “sua negra”, admitindo ser bom ter sua própria escrava e poder chamá-la de “minha negra”, tais palavras, apesar de serem irônicas, são bastante reveladoras, pois deixam clara a oposição raça branca e raça negra, sendo a primeira superior e senhora da outra, inferior e submissa:

“Meine Negerin” – nicht wahr, das ist bis jetzt noch das beste an meinem Brief, das klingt doch nach was! Sie heißt Olympia, was die Sache doch entschieden noch pomphafter macht, und sagt bei jeder Gelegenheit höchst unterwürfig “Sim, Senhora“, auch wenn ich sie schelte.⁸⁵ (BINZER, 1994a, p. 6-7)

⁸⁵ “‘Minha negra’ – até agora isto é o melhor de minha carta – e como soa bem, não é verdade? Chama-se Olímpia, o que torna o caso decididamente muito mais impressionante quando me responde submissa e em qualquer circunstância: “sim senhora”, mesmo se estou ralhando com ela”. (BINZER, 1994b, p. 18)

Ina retrata o negro como um ser inferior ao branco, porém, em algumas passagens de sua obra, ela o caracteriza positivamente, como na descrição da festa da colheita do café em que ela os chama de “gute Einfaltsmenschen”⁸⁶ (BINZER, 1994a, p. 27). Apesar de seu determinismo racial, ela consegue reconhecer o negro como única força trabalhadora do país, dedicando-lhe até mesmo respeito e admiração:

Die Neger spielen doch die Hauptrolle in diesem Lande, und ich finde, daß sie im Grunde viel mehr die Herren als die Sklaven der Brasilianer sind. Jede Arbeit wird von Schwarzen verrichtet, der [sic] ganze Reichtum durch ihre Hände herbeigeschafft [...].⁸⁷ (BINZER, 1994a, p. 31)

Igualmente admiráveis para ela são as festas dos escravos. Dança e música formavam um todo harmônico, através de cujo ritmo os negros conseguiam sintonizar-se com a sua cultura. Embora critique a música, descrevendo-a como “ensurdecadora”, as batidas dos tambores como sendo “monótonas” e o som que provinha deles “desarmonioso”, entoando uma cantiga insípida, ela admira o modo como preparam a festa e conduzem dança, contradizendo o que muitos viajantes escreveram. O viajante Georg Wihelm Freireyss, que esteve no estado de Minas Gerais entre os anos de 1814 e 1815, escreve sobre a dança africana:

[...] o negro selvagem, com a alegria barulhenta e o cômico maneiro de seu corpo, indica o verdadeiro grau em que se acha na escala social que, conforme nossas idéias de beleza, está muito baixo, sendo singular que as danças dos negros sejam exatamente o contrário das nossas, porque ao passo que nós procuramos mostrar o nosso corpo na luz mais favorável, e os nossos professores de dança se esforçam por dar aos seus discípulos uma posição exata e elegante, os negros procuram dar ao seu corpo as mais extravagantes posições, contrariando de modo mais desnatural possível o jogo de todos os seus músculos, e quanto mais ele o consegue, maiores são os aplausos que lhes são dispensados. (FREIREYSS, 1906, p. 215)

Nestas linhas são particularmente dignas de atenção as comparações entre a dança do branco europeu, caracterizada por sua elegância e beleza, e a dança do escravo, descrita como “desnatural” e extravagante. O autor faz questão de designar o outro como o seu “contrário”. A diferença cultural é, segundo Ilka Boaventura Leite, invocada para expressar a oposição branco *versus* negro. Para a autora, Freireyss apresenta uma visão eurocêntrica em relação à dança dos escravos, uma vez que ele designa o movimento do negro como o oposto do

⁸⁶ “Gente boa e simplória” (BINZER, 1994b, p. 37)

⁸⁷ “Neste país, os pretos representam o papel principal; acho que no fundo são mais senhores do que escravos dos brasileiros. Todo trabalho é realizado pelos pretos, toda a riqueza é adquirida por mãos negras [...]”. (BINZER, 1994b, p. 40)

movimento do branco (LEITE, I., 1996, p. 153). Diferentemente de Freireyss, a viajante Ina conseguiu abstrair-se de sua ideologia cultural a fim de apreender a identidade cultural da outra cultura. Ela percebe a dança dos escravos como “poética”, os fogos que iluminavam a festa qualifica de “fantásticos”, os movimentos são igualmente “brilhantes”, e as mulatas são descritas como “graciosas”. Quanto à dança, ela comenta: “Du kannst Dir denken, wie besonders für uns Europäer das Bild fesselnd und interessant war”⁸⁸ (BINZER, 1994a, p. 28). Para muitos viajantes, as festividades dos escravos eram julgadas sob o viés da ociosidade. Festas seriam uma escusa para a interrupção do trabalho. Ao qualificar as manifestações culturais do outro de deleite fácil, os viajantes não eram capazes de vê-las a partir de seu substrato mais essencial (BARREIRO, 2002, p. 109). Por sua vez, Ina von Binzer consegue compreender essa essência fundamental, vendo na realização das festas uma maneira de abrandar o sofrimento dos escravos e percebendo que, através delas, os negros resgatavam os valores de sua origem africana.

4.3 A alteridade através da categoria da Religião

Em seu discurso, Ina define-se como européia, descendente da raça germânica e seguidora da religião protestante. Além da nacionalidade e da raça, a religião torna-se mais um elemento de diferenciação entre as culturas brasileira e alemã. Na seguinte passagem, ela descreve os preparativos de um batizado católico de crianças escravas, revelando seu estranhamento perante a alteridade religiosa:

[...] die Mutter Gottes nebst Jesuskind. Schleifen, Kränzen, Krone, Hals- und Armbändern und Ohrringen. Der Neger Felicio, den ich sonst nur als Hausschneider an der Nähmaschine zu sehen gewohnt war, amtierte, ebenso wie der Priester in Ornat, als Meßdiener. Das Ganze war merkwürdig für meine evangelische Seele, Grete!⁸⁹ (BINZER, 1994a, p. 32)

Ina não compreende tal cerimônia e talvez por esse motivo a descreva com um sutil escárnio. Barreiro (2002) explica que o tom de zombaria e jocosidade presidia o comportamento geral dos brancos europeus diante das cerimônias dos negros. Isso se

⁸⁸ “[...] você bem pode calcular o interesse que despertam essas coisas, ainda mais entre nós europeus”. (BINZER, 1994b, p. 38)

⁸⁹ “[...] a Mãe de Deus com o menino Jesus, fitas, grinaldas, coroas, braceletes, colares e brincos. O preto Felício, que me acostumara a ver como alfaiate na máquina de costura, todo paramentado, ajudou o padre como coroinha. Tudo isso parecia tão estranho à minha alma evangélica. Gretel!” (BINZER, 1994b, p. 41)

evidencia nas observações da professora quanto aos nomes de batismo recebidos pelas crianças negras:

[...] ich war stummer Zeuge, wie diese acht plattnäsigen, wollköpfigen kleinen Scheußlichkeiten die Namen: Cäsar, Felicio, Messias (!), Jlyia, Angelica, Maria Salome, Marcella und Ruth erhielten.⁹⁰ (BINZER, 1994a, p. 33)

Na passagem acima, a alteridade religiosa é intensificada pela alteridade racial. Os nomes de batismo, segundo Ina, não estão de acordo com a raça das crianças. Através de seu texto, ela coloca em jogo a divisão do mundo em espaços e em sub-espaços fortemente diversificados, que contêm identidades incompatíveis, mutuamente impenetráveis. Por isso, o estranhamento quanto aos nomes, já que seria impossível o compartilhamento de valores culturais entre negros e brancos.

Embora a categoria da religião seja a menos explorada em seu discurso, há momentos em que Ina revela resquícios de seu protestantismo, não levando devidamente a sério a alteridade da tradição religiosa no Brasil. Algumas vezes, ela denuncia sua estranheza aos costumes e tradições da igreja católica, como na passagem em que ela visita uma igreja católica e se espanta com a luxuosidade de sua arquitetura:

Wir besahen uns zunächst die Kirchen; der kleine Ort hatte derer nicht weniger als drei große aufzuweisen, was den Europäer und zumal den Protestanten in billiges Erstaunen setzen muß angesichts der Ursprünglichkeit der übrigen Verhältnisse. Und diese Kirchen sind nicht etwa hölzerne Kapellen oder Bethäuser, sondern große, massiv steinerne Gebäude, aus portugiesischem Marmor erbaut. [...] Und doch habe ich in größerer Bewunderung vor diesen Zeugen der Frömmigkeit eines Volkes gestanden [...] Denke Dir mächtige, fußdicke und oft mehr als 2 Meter lange Steine, massive Pfeiler, Treppen und Wälle ringsrum [...] frage Dich einmal, abgesehen von dieser erstaunlichen Arbeitsleistung nach den Kosten eines solchen Werkes, und Du mußt billig mit mir erstaunen und den Geist der Frömmigkeit eines Volkes bewundern, das vor allem anderen daran dachte, seinem Gott Altäre zu bauen und seine Heiligen angemessen unterzubringen.⁹¹ (BINZER, 1994a, p. 41-42)

⁹⁰ “[...] presenciei calada, aqueles pequenos horrorosos de nariz chato e cabelo encarapinhado receberem nomes como César, Felício, Messias (!), Elias, Angélica, Maria Salomé, Marcela e Ruth”. (BINZER, 1994b, p. 42)

⁹¹ “Fomos primeiro ver as igrejas; o lugarejo tem nada menos de três e bem grandes, o que para o Europeu, e principalmente o protestante, causa surpresa, em comparação com a precariedade das outras condições. E essas igrejas não são meras capelas de madeira ou simples casas de oração: mas, ao contrário, são grandes construções maciças de mármore português. [...] Mesmo assim, permaneci com o maior respeito diante desses testemunhos da devoção de um povo [...] E pergunte-se agora: já não se levando em conta a espécie de trabalho desse admirável empreendimento qual o custo de uma obra dessas, não é de se ficar assombrada, e você não respeitaria, tanto quanto eu, o espírito de religiosidade deste povo, que antes de mais nada pensou em elevar altares ao seu Deus e em abrigar dignamente seus santos?” (BINZER, 1994b, p. 49-50)

O discurso acima revela “dois mundos” em oposição – catolicismo *versus* protestantismo. Ina faz questão de afirmar que a luxuosidade da igreja católica causa espanto principalmente ao protestante, que não tem o luxo acoplado aos seus valores cristãos. Percebe-se no final da passagem a sua ironia ao insinuar que os santos, assim como Deus, necessitam deste luxo para serem bem abrigados e protegidos. Também fica clara a sua crítica em relação ao contraste entre a suntuosidade da igreja e a precariedade de outros segmentos sociais da sociedade brasileira. Em outra carta, ela já afirmara sua indignação em relação à disparidade social, dizendo que existem muitos “desequilíbrios” neste país: “esbanjamento de um lado, penúria do outro...” (BINZER, 1994b, p. 135).

A contraposição entre o “mundo católico”, a América do Sul, e o “mundo protestante” anglo-saxão está presente também no trecho abaixo, quando Ina é convidada a visitar uma igreja protestante em uma comunidade de colonos norte-americanos localizada nas proximidades de São Sebastião. Na sua descrição, a igreja, uma cabana de barro com telhado de palha, torna-se quase que um templo sagrado, isto é, o lugar de uma primitiva e profunda religiosidade, em contraposição à exuberância da igreja católica. A verdadeira essência da religiosidade estaria na simplicidade, como ela mesma afirma:

[...] ich bezweifle, ob glanzvollste Messe in Sank Peters Dom auf mich auch nur nahezu den Eindruck gemacht hätte, wie unser einfacher evangelischer Gottesdienst in der Lehmhütte, auf diesem verlorenen Posten im Innern Brasiliens. Der Gedanke von der Allgegenwart des Christengottes und die Predigt: “Gott wohnt nicht in Tempeln von Menschenhänden gemacht” drängte sich dort mit einer gewaltigen Unmittelbarkeit und einer gewissen rührenden Größe sicherlich auch denen auf, die einen solchen Eindruck nicht suchten.⁹² (BINZER, 1994a, p. 132)

Percebe-se claramente a comparação traçada entre as igrejas católica e protestante, ao afirmar ela ser aquele um ambiente “despido de exterioridades e de ornamentações sacras” (BINZER, 1994b, p. 132), fazendo uma alusão crítica aos ritos católicos. Embora na maioria das vezes Ina critique o catolicismo brasileiro, não se percebe nela um posicionamento explicitamente hostil e depreciativo em relação a essa crença. A religião, para ela, serve fundamentalmente como elemento de diferenciação cultural, com o auxílio do qual é possível discernir-se melhor. Com isso, projeta-se e intensifica-se sua identidade protestante.

⁹² “[...] duvido que a missa mais brilhante na Basílica de S. Pedro conseguisse despertar em nós a emoção deste serviço evangélico, numa cabana de taipas num ponto perdido do sertão brasileiro. A sensação da onipotente presença do Deus cristão e a prédica “Deus não mora nos templos construídos por mãos humanas” [...] se impôs a todos nós [...]”. (BINZER, 1994b, p. 133)

Classificar a outra cultura como diferente, arcaica, bizarra ou inferior é uma forma de enaltecer os valores diametralmente opostos de quem fala. Assim, a forma de ver o outro acusa também o próprio ser. No amplo discurso da interculturalidade, Ina revela-se como agente construtora de identidades e alteridades, representando o branco, europeu, protestante, civilizado e colonizador. A partir da afirmação de sua raça, nacionalidade e religião, ela vai se estabelecendo no meio social e gerando o lugar inferior do outro, tomando por referência seus modelos e critérios religiosos, intelectuais e culturais.

5 CONCLUSÃO

Paulo Duarte já comentara, na primeira edição em língua portuguesa de *Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien*, a relevância da obra para a compreensão da sociedade brasileira do final do século XIX. Terminada nossa pesquisa, percebemos que as cartas de Ina não só representam um importante documentário do Brasil daquela época como servem também de instrumento para a compreensão da nossa atual sociedade, pois seu relato traz à luz reflexões a respeito da identidade brasileira. Seriam suas conjecturas a respeito do brasileiro verdadeiras ou somente imagens projetadas a partir de uma visão eurocêntrica?

Em seu discurso naturalístico-paisagista, Ina faz críticas em relação ao mau aproveitamento do solo brasileiro, afirmando que aqui a maior parte da terra não é cultivada e que quando é necessário aproveitá-la, utiliza-se o recurso da queimada, destruindo-se, assim, “as mais lindas matas virgens” (BINZER, 1994b, p. 35). Se compararmos a observação feita pela professora com a atual condição das matas brasileiras, chegaremos à conclusão de que ela não estava equivocada em sua constatação, uma vez que as queimadas ainda são uma prática comum no meio rural brasileiro, responsáveis pela perda da fertilidade do solo, já que noventa por cento dos seus minerais são destruídos pelo fogo. Observamos, então, que esta questão não passou despercebida aos olhos da professora, que, de certa forma, antecipa os problemas acarretados por causa do mau uso das terras.

Assim como no discurso naturalístico-paisagista, percebemos também no discurso pedagógico críticas que se revelam procedentes nos dias atuais. Os motivos das queixas de Ina von Binzer no fim do século XIX continuam fazendo parte do cotidiano dos professores do século XXI, o que nos conduz a uma reflexão em relação ao nosso ensino atual. Falta de disciplina por parte dos alunos e baixo salário, somados a uma excessiva carga horária de trabalho, bem como a ausência de escola para as crianças negras são algumas das questões debatidas pela educadora. Se as compararmos com o panorama atual, verificaremos que permanecem praticamente as mesmas. Em relação à educação de crianças negras, Ina constata que, embora livres, estas cresciam sem instrução, pois não lhes ensinavam nem um trabalho manual, sob a justificativa de que, “se já estão livres, por que fazer despesas com el[a]s, desperdiçar dinheiro com quem não dará lucro?” (BINZER, 1994b, p. 128). Ina indaga, então, em um dos momentos mais inspirados do livro: “Não estarão percebendo que, agindo assim,

estão preparando a pior geração que se possa imaginar para conviver mais tarde com seus próprios filhos?” (BINZER, 1994b, p. 128).

A indagação acima leva-nos ao seu crítico discurso em relação à situação político-econômica de nosso país. Ina preocupava-se com tais questões e revelava-se cética em relação à Abolição, pois cria que ela deveria acontecer somente com a devida preparação do escravo para a liberdade, ou seja, quando lhe fosse proporcionada educação e ensinado algum ofício regular, a fim de que se pudesse constituir uma classe trabalhadora no Brasil. O que ocorreu foi justamente o contrário, pois o fim da escravidão representou somente a libertação formal do escravo, não lhe sendo garantida sua incorporação social como cidadão pleno e integrante de uma razão nacional superior. Por não possuírem educação nem qualificação profissional alguma, os escravos não puderam se integrar adequadamente à sociedade, formando, assim, camadas marginalizadas. Expulsos das fazendas, os negros acabaram migrando para a periferia das cidades, nossas atuais favelas, e obtendo seu sustento na maioria das vezes com trabalhos esporádicos, normalmente braçais. As observações da professora revelam-se verdadeiras, pois o que ela previa ocorreu de fato: não houve, com o fim da escravatura, um projeto de integração do negro à sociedade. Se o Estado tivesse realmente se empenhado nessa integração, hoje talvez não houvesse desigualdades sociais e econômicas determinadas por raça no Brasil.

Antonio Candido reflete sobre a visão do europeu em relação à nossa sociedade, concluindo que ele “[...] se comporta geralmente como se fosse um foco absoluto. Ele detém conceitos, preconceitos e noções, mediante os quais vai organizar o mundo novo, e que é tão diverso do seu” (CANDIDO in LEITE, I., 1996, p. 1). Contudo, serão todas as “noções” formadas pela viajante alemã errôneas ou elas podem também constituir representações do real?

É bem verdade que, ao construir a figura do brasileiro, a viajante Ina utiliza-se muitas vezes de um “denominador comum” que serve como um ponto de referência identitário a todos os habitantes da nação. Porém, muitas vezes encontramos no grande discurso sobre a interculturalidade relatos bastante verossímeis a respeito do brasileiro e seu modo de vida, que surpreendem-nos pela sua atualidade. Ina indaga, por exemplo, a respeito do uso excessivo do título de doutor no Brasil: “Todo brasileiro bem colocado na vida já nasce com direito a esse título [...] seria estúpido exigir que eles o fossem conquistar à custa de estudos tão difíceis quanto desnecessários” (BINZER, 1994b, p. 18). Para a educadora, o título de doutor deveria ser recebido por mérito de estudos, e não empregado por causa do *status* social e econômico

do indivíduo. Nesse sentido, o *Manual de redação e estilo* da Presidência da República Brasileira explica:

[...] *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2002)

As observações feitas por Ina sobre o assunto há mais de cem anos se fazem igualmente corretas na sociedade brasileira atual, que ainda costuma usar amplamente o tratamento “doutor” na língua popular como forma de reverência e respeito. Sérgio Buarque de Holanda nos explica que herdamos tal costume dos portugueses, que prezariam o uso de títulos e sinais de reverência ante um superior.

Outra astuta observação de Ina refere-se ao hábito do brasileiro de soltar foguetes:

O brasileiro parece divertir-se ainda mais com os estrondos e o fuzilar da foguetaria [...] a vizinhança brincava com fogos, pouco se importando o pirotécnico brasileiro em saber a direção em que solta seus foguetes nem em que cabeças irão cair as fagulhas de suas bombas [...]. (BINZER, 1994b, p. 112)

É do conhecimento geral que no Brasil tudo se torna motivo para utilizar fogos de artifício, seja em jogos de futebol, festas de Ano Novo, de aniversário, enfim, até no Natal soltam-se foguetes. Ina já percebera esse fascínio dos brasileiros pelos fogos, afirmando que eles ficavam “fora de si de tanta excitação” (BINZER, 1994b, p.113). Além de considerá-lo um hábito perturbador, por conta do intenso ruído, Ina percebe ser ele também uma forma de desperdício de dinheiro: “Em uma hora haviam-se esbanjado sessenta francos de mercadoria [...]” (BINZER, 1994b, p.115). Não fazem muitos hoje em dia a mesma crítica? O hábito de soltar fogos de artifício revela o modo de ser do brasileiro, ou seja, um povo que se caracteriza pela sua predileção por festas. Temos, segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995), uma inclinação acentuada à aventura e uma atrofia das qualidades ordenadoras. A festa simboliza, então, exatamente o contrário do que parece convir a uma população que preconiza a ordem e a disciplina. Para Ina, éramos mesmo um povo desordeiro e indisciplinado – ainda somos?

As observações da professora alemã Ina von Binzer colocam-nos em face de uma questão que nos obriga a refletir sobre nossa atual sociedade – trazem as suas observações

reflexos que ainda hoje não se apagaram? Detectar a presença dessa pergunta não implica afirmar que ela comporte uma única resposta. Uma vez formulada a questão, está logicamente colocada a possibilidade de respostas divergentes, fator que torna a leitura de suas cartas tão interessante. Assim, o presente trabalho pretendeu fornecer pistas para futuros estudos, levantando essas e outras questões que, mais tarde, merecerão outras investigações mais longas e mais cuidadosas. Entre tantas possibilidades de leitura das cartas de Ina, pudemos verificar através da pesquisa feita que elas representam uma contribuição inestimável para estudos nas áreas da literatura, história, pedagogia, antropologia e sociologia, entre outras, constituindo, assim, um acervo que não deve ser desdenhado, e nem aqui esgotado.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASIL-EUROPA. **Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros**: Jean de Léry (1534-1613). Disponível em: <<http://www.academia.brasil-europa.eu/Materiais-abe-82.htm>> Acesso em: 05 mar. 2008.

ARAÚJO, Nara. *Verdad, poder y saber. Escritura de viajes femenina*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9955/9193>> Acesso em: 10 mar. 2009.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: O negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**: Cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: UNESP, 2002.

BERND, Zilá. **Olhares cruzados**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

BINZER, Ina von. **Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Os Meus Romanos**: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CAMPOS, Pedro Moacyr. *Imagens do Brasil no Velho Mundo*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da civilização brasileira**. v. 1. t. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/epistola.htm>> Acesso em: 29 jan. 2009.

CHRIST, Carol T. (Org.) **The Norton Anthology of English Literature: The Victorian Age**. 7.ed. v. IIb. New York and London: Norton & Company, 2000.

COHN, David V. **Lady Mary Montagu**. Disponível em: <http://pyramid.spd.louisville.edu/~eri/fos/lady_mary_montagu.html> Acesso em: 10 jul. 2005.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 10 set. 2009.

CRUZ, Maria Alice da. **Por ortografias nunca dantes exploradas**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2002/unihoje_ju181pag12.html> Acesso em 04 jul. 2008.

DE RERUM MUNDI. **De Rerum Natura**: Sobre a natureza das coisas, 2007. Disponível em: <<http://dererummundi.blogspot.com/2007/07/em-apoio-de-marc-von-roosmalen.html>> Acesso em: 15 set. 2009.

DEBRET, J.B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. 6.ed. . t. 1, v.1. São Paulo: Martins, Brasília: Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura, 1975.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FREIREYSS, Georg Wilhelm. *Viagem ao interior do Brasil nos anos 1814-1815*. Trad. A. Lofgren. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v.2, 1906.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Record, 1984.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Viajantes**: Relatos sobre o Brasil, séculos XVI a XIX. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=320&textCode=2689&date=currentDate>> Acesso em: 04 set. 2008.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GAFFAREL, Paul. *Notícia Biográfica*. In: LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1980.

GALLIAN, Dante Marcello Claramonte; QUEIROZ, Cláudio Marcos Teixeira de. **Primeiras experiências de ciência européia nos Trópicos**: Maurício de Nassau, Willem Pies e George Marcgrave. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur20/dante.htm>> Acesso em: 10 set. 2008.

GASPAR, Lúcia. **Viajantes**: Relatos sobre o Brasil, séculos XVI a XIX. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>> Acesso em: 6 ago. 2008.

GOMES, Gínia Maria. *O viajante de Os Sertões*. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 34, p. 133-156, 2003. (Visagens da Viagem)

HAHNER, June E. **Women Through Women's Eyes**: Latin American Women in Nineteenth – Century Travel Accounts. Wilmington: Scholarly Resources Inc., 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A herança colonial, sua desagregação*. In: _____ (Org.). **História Geral da civilização brasileira**. v. 1. t. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANKOWSKY, Bernhard. *A carta no romance – o romance em cartas*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 26, p. 25-40, 1976.

KALIL, Luís Guilherme Assis. *Crônica e Imagem no Prata*. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas, 2006. Disponível em:

<http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/luis_kalil.pdf> Acesso em: 10 out. 2008.

KIDDER, D., FLETCHER, J. C. (1845). **O Brasil e os brasileiros**. Trad. de DOLIANTI, Elias. v.2. São Paulo: Nacional, 1941.

KORFMANN, Michael. *História como referência externa da Literatura*. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 13-28, 2005.

KRYSINSKI, Wladimir. *Discurso de viagem e senso de alteridade*. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 34, p. 21-43, 2003. (Visagens da Viagem)

KURY, Lorelai. **Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista**: experiência, relato e imagem, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702001000500004&script=sci_arttext> Acesso em: 10 jan. 2009.

LAPO, Flavinês Rebolo. *As cartas de Ina von Binzer: uma possível contribuição para a formação de professores*. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 27, n. 1, p. 09-21, jun. 2001.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, séc. XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo/Brasília: Hucitec/Inst. Nac. do Livro/Fundação Nac. Pró-Memória, 1993.

_____. *Literatura de Viagem: características de uma documentação*. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, SP, v. XIII, n. 104, p. 212-229, 1981.

_____. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. *Mulheres viajantes do século XIX*. **Cadernos Pagu**, Campinas/UNICAMP, v. 15, p. 129-143, 2000.

_____. *O Rio de Janeiro dos viajantes. (o olhar britânico 1800-1850)*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200013> Acesso em: 20 out. 2009.

LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. **O olhar sobre a mulher goiana na bagagem dos viajantes**. Disponível em: <http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/14_ClaudiaLemes_OOlarSobreAMulherGoiana.pdf> Acesso em: 15 abr. 2009.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

LISBOA, Karen Macknow. *Olhares Estrangeiros sobre o Brasil do Século XIX*. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem incompleta**: A experiência brasileira (1500-2000). 2.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. p. 283-284.

_____. *Viajantes de língua alemã no Brasil: visões sobre a diversidade étnica e a "questão racial" (1893 – 1942)*. **Instituto Martius-Staden**, São Paulo, n. 50, 2003.

LORCIN, Patricia M.E. **Women's Travel Writing**. Texas Tech University. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/worldhistorysources/d/146/whm.html>> Acesso em: 15 jan.2009.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra e ideologia do recalque**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MAAS, Wilma Patrícia. **O Cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 2000.

MACHADO, Lisanea Weber. **Maria Graham: A woman traveller in South América**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras Inglês, Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro*. In: BERND, Zilá. **Olhares cruzados**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 76-95.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do Ouro e dos Diamantes**. Trad. de VIANA, Solena Benevides. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944.

MERGULHÃO, Teresa. **O discurso epistolar em *Julie ou La Nouvelle Héloïse* e *Die Leiden des jungen Werther*: Pragmática e funcionalidade**. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeII/O%20DISCURSO%20EPISTOLAR%20EM%20JULIE.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2009.

MOOG, Viana. **Bandeirantes e pioneiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MORAES, Marcos Antônio de. *A arte de escrever cartas*. **Calendário de Cultura e Extensão**, São Paulo, Universidade de São Paulo, p. 2-4, 2005.

MÜLLER, Fernanda. **Do viajante à imigrante: o relato de viagem feminino**. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/F/Fernanda_Muller_32.pdf> Acesso em: 20 out. 2009.

NABUCO, Joaquim. *Conferências e Discursos Abolicionistas*. In: _____. **Obras Completas**. v. 7. São Paulo: Progresso Editorial, 1949.

NEUBERGER, Lotário. **Viajantes do século XIX: usos e costumes do Rio Grande do Sul: Saint Hilaire, Isabelle e Dreys**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras Português e Alemão, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

NÜNNING, Ansgar; NÜNNING, Araújo. **Konzepte der Kulturwissenschaften: Theoretische Grundlagen – Ansätze – Perspektiven**. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2003.

OBBERG, Kalervo. **Culture Shock, 1954**. Disponível em: <<http://www.smcm.edu/Academics/internationale/Pdf/cultureshockarticle.pdf>> Acesso em 21 mar. 2009.

OLIVEIRA, Lílilan Sarat de. *Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência*. **Fazendo Gênero**, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf> Acesso em: 12 mar. 2009.

OLIVEIRA, Magda C. Sarat de. **A infância no Brasil do século XIX**: Percepções dos viajantes na Literatura de Viagem, 2007. Disponível em: <<http://74.125.47.132/search?q=cache:nIrIP271kl4J:www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/114/117+ensino+no+brasil+no+s%C3%A9culo+XIX,+ina+von+binzer&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 11 mar.2009.

_____. **Crianças brasileiras no século XIX**: Mal educadas, mal criadas ou (des)civilizadas? Disponível em: <<http://74.125.47.132/search?q=cache:0DI-gjocOTYJ:polaris.bc.unicamp.br/seer/feef/include/getdoc.php%3Fid%3D1045%26article%3D390%26mode%3Dpdf+preceptores+estrangeiros+no+brasil+do+s%C3%A9culo+XIX&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br>> Acesso em: 02 abr. 2009.

PANDOLFI, C. Fernanda. **História (São Paulo)**, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742003000200018&lng=e&nrm=iso&tlng=e> Acesso em: 11 jan. 2008.

PINTO, Olivério Mário Oliveira. *Explorações científicas*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da civilização brasileira**. v. 2. t. 1. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

_____. *Viajantes e naturalistas*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da civilização brasileira**. v. 3. t. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes**: Travel writing and transculturation. London/New York: Routledge, 1992.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Manual de Redação da Presidência da República**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm> Acesso em: 25 nov. 2009.

PUC-RIO. **Educação doméstica**: a constatação de uma prática e a sua significação em Oitocentos. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0015646_04_cap_06.pdf> Acesso em: 10 mar. 2009.

QUERINO, Shyrlaine Costa. **O Eu e Outro**: Identidade e Alteridade na literatura dos Viajantes. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/408ShyrlaineCostaQuerino.pdf>> Acesso em: 05 out. 2009.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. **A vida privada no segundo Império; pelas cartas de Ina von Binzer (1881-1883)**. São Paulo: Atual, 1999.

SAES, Décio. *A Abolição da Escravidão como etapa fundamental da transformação Burguesa do Estado no Brasil*. **Resgate**, São Paulo, Unicamp, n. 6, p. 53-60, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Trad. de MOREIRA, Vivaldi. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Cláudia Andrade dos. **Tempo e desigualdade**. Disponível em: <http://www.uss.br/web/arquivos/arquivos_professores/artigo_claudia2.pdf> Acesso em: 10 mar. 2009.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Selvagens, exóticos, demoníacos. idéias e imagens sobre uma gente de cor preta*. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000200003&lng=es&nrm=iso&tlng=es> Acesso em: 25 jul. 2008.

SANTOS, Rafael Chaves. *Os viajantes e o negro no Rio de Janeiro do século XIX*. **Revista Uratágua**, revista acadêmica multidisciplinar (DCS/UEM), 2008. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/015/15santos.htm>> Acesso em: 22 jul. 2008.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Direitos Humanos e os direitos dos povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br>> Acesso em: 07 out. 2008.

SCHAMM, Christoph. Kulturschock in Brasilien. *Eine Studie zur Interkulturalität in Ina von Binzers Briefroman Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien (1887)*. **Revista Contingentia**, v. 3, n. 1. p. 26-50, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/4156/2197>> Acesso em: 10 nov. 2008.

SECO, Ana Paula. **Maria Graham**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_maria_graham.htm> Acesso em: 05 mar. 2008.

SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. **Retratos do Brasil: hetero-imagens literárias alemãs**. São Paulo: Arte & Cultura, 1996.

SOUZA, Octávio de. **Fantasia de Brasil**. São Paulo: Escuta, 1994.

SPARTACUS EDUCATIONAL. **Mary Wollstonecraft**. Disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/Wwollstonecraft.htm>> Acesso em: 13 jul. 2005.

SPIX, J. B. V. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Trad. de LAHANEYER, Lúcia Furquins. 3.ed. . v.1. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1900.

STAUDT, Sheila Katiane. **Crônicas de viagem dos séculos XVI e XIX: A construção do olhar**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras Português e Inglês, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THE UNIVERSITY OF HONG KONG. **Travel writing**. Disponível em: <<http://www.hku.hk/english/courses2000/2045/week8.htm>> Acesso em: 10 mar. 2005.

THEVET, André. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de America**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

UNIASSELVI. **O imaginário europeu e a América**. 2009. Disponível em: <<http://hid0141.blogspot.com/2009/01/o-imaginrio-europeu-e-amrica.html>> Acesso em: 25 fev. 2009.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)